

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO

Cíntia Fernandes Marcellos

**O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM
EDWARD TITCHENER**

Juiz de Fora

2017

Cíntia Fernandes Marcellos

O desenvolvimento de um projeto de psicologia científica em Edward Titchener

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Orientador: Dr. Saulo de Freitas Araujo.

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marcellos, Cintia Fernandes.

O desenvolvimento de um projeto de psicologia científica em Edward Titchener / Cintia Fernandes Marcellos. -- 2017. 191 p.

Orientador: Saulo de Freitas Araujo

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

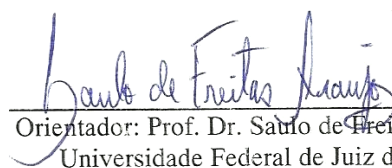
1. Edward B. Titchener. 2. Psicologia científica. 3. História da ciência. 4. História da Psicologia. I. Araujo, Saulo de Freitas, orient. II. Título.

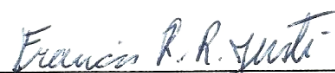
Cíntia Fernandes Marcellos

**O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM
EDWARD TITCHENER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

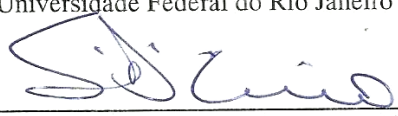
Dissertação defendida e aprovada em 29 de setembro de dois mil e dezessete, pela banca constituída por:


Orientador: Prof. Dr. Saulo de Freitas Araujo
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Prof. Dr. Francis Ricardo dos Reis Justi
Universidade Federal de Juiz de Fora

(PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA)
Membro Titular: Profa. Dra. Annette Mülberger
Universitat Autònoma de Barcelona


Membro Titular: Prof. Dr. Francisco Teixeira Portugal
Universidade Federal do Rio Janeiro


Membro Titular: Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto da contribuição de inúmeras pessoas, às quais um agradecimento se faz necessário. Em primeiro lugar, agradeço a meu orientador, Saulo de Freitas Araujo, por ter me proporcionado uma verdadeira formação intelectual e inúmeras ocasiões de aprendizado e superação. Os últimos dez anos de minha trajetória não teriam sido os mesmos sem a sua presença.

Agradeço também aos colegas do Núcleo de História de Filosofia da Psicologia, que em maior ou menor grau, contribuíram para que o trabalho fosse temperado com alegria, companheirismo e identificação em relação a um ideal acadêmico e intelectual. Neste contexto, não poderia deixar de reconhecer a presença de Monalisa Maria Lauro, cuja contribuição extrapola os limites deste trabalho.

Do ponto de vista das contribuições institucionais à esta pesquisa, agradeço a American Philosophical Society, Boston Public Library, Clark University, University College of London e Victoria University of Wellington. Devo também um especial reconhecimento à equipe da Rare and Manuscript Collection, da Cornell University, por oferecer todas as condições para a realização de minha pesquisa no acervo de Titchener e pelo posterior envio de suas correspondências constantes no acervo de Forrest Lee Dimmick.

Agradeço à Anthony Lennard, pelo auxílio e revisão técnica das transcrições das cartas de Titchener a Francis Galton.

Além disso, a realização de uma etapa crucial desta pesquisa não teria sido cumprida da mesma forma sem a gentil recepção e o auxílio de Alexandra Rutherford e Wade Pickren em Ithaca. A presença de ambos foi determinante para que eu trouxesse mais do que cartas, também lembranças desta curta estadia.

Devo agradecer também à CAPES e ao Programa de Apoio à Qualificação do Instituto Federal de Educação do Sudeste de Minas (IF Sudeste) pelo apoio financeiro a este trabalho. A este respeito, agradeço também à American Psychological Association pela concessão do *APA Grant for International Psychologists and Psychology Students*, por ocasião da apresentação dos resultados parciais desta pesquisa no encontro anual de 2016.

Agradeço de forma mais ampla ao apoio institucional oferecido pelo IF Sudeste, que me proporcionou as condições necessárias para a conclusão deste trabalho e, em especial, o afastamento para a realização de minha pesquisa nos Estados Unidos.

Por fim, agradeço a Leonardo Rosa Maricato Santos, pelo apoio incondicional a este trabalho e a tantos outros sonhos, e pelos esforços para me ajudar a realizá-los.

“[...] it is better to be wrong than to be muddled;
for truth, as Bacon said, emerges more quickly from
error than from confusion”. (Titchener, 1915a, p. 34)

“I still haven’t found what I’m looking for”
(U2)

RESUMO

Desenvolvido entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o projeto de psicologia de Titchener é ainda hoje mal interpretado. Apesar de suas contribuições ao desenvolvimento da psicologia experimental nos EUA, suas ideias foram gradativamente abandonadas após sua morte e seu sistema tornou-se vítima de interpretações parciais, que ignoram aspectos importantes de sua trajetória intelectual. Duas questões centrais sobressaem neste cenário: a relação entre as concepções de Titchener e o empiriocriticismo, e as mudanças em seu projeto psicológico. Partindo da hipótese de que a psicologia de Titchener refletiu as transformações em sua perspectiva filosófica, o presente estudo procurou oferecer, com base em fontes primárias inéditas, uma interpretação abrangente do percurso intelectual do autor, elucidando aspectos até aqui não esclarecidos e que permanecem mal compreendidos na literatura secundária. Para tanto, o trabalho foi dividido em 4 capítulos. Após apresentação do problema e dos procedimentos adotados na pesquisa, que ocupam a introdução, o capítulo 1 trata do contexto formativo de Titchener em Oxford e em Leipzig, com especial atenção para o cenário institucional e intelectual britânico, que exerceu significativa influência sobre o autor. O capítulo 2 apresenta as características da concepção inicial de psicologia de Titchener, identificando a influência de suas convicções originais sobre questões centrais de sua proposta. O capítulo 3 discute a consolidação de seu projeto de psicologia, apresentando o reposicionamento de Titchener em relação à filosofia e seus novos pressupostos. O capítulo 4 trata do desenvolvimento tardio de sua obra e das reinterpretações apresentadas pelo autor em seu projeto. Na conclusão, é retomada a trajetória do projeto de psicologia de Titchener face às questões centrais do estudo e algumas considerações gerais sobre a natureza do seu trabalho são apresentadas.

Palavras-chave: Edward B. Titchener. Psicologia Científica. História da Ciência. História da psicologia.

ABSTRACT

Developed between the end of the 19th century and the two first decades of the 20th century, Titchener's psychological project is still misinterpreted. Despite his contributions to the development of experimental psychology in the USA, his ideas were gradually abandoned after his death, and his system began to be interpreted in a fragmentary way, ignoring crucial aspects of his intellectual trajectory. Two central questions are of utmost importance: the relation between Titchener's ideas and empiriocriticism, and the changes introduced by Titchener in his psychological project throughout his career. Assuming that his psychology reflects transformations in his philosophical perspective, the central goal of this work is to offer, based on new primary sources, a comprehensive interpretation of Titchener's intellectual trajectory, elucidating aspects that have been hitherto only partially approached and remain poorly understood in the secondary literature. After the presentation of the research problem and methodological procedures in the introduction, chapter 1 displays the institutional and intellectual context of Titchener's education in Oxford and Leipzig. Chapter 2 discusses Titchener's first psychological project and the impact of his first assumptions. Chapter 3 presents the consolidation of his psychological project, showing Titchener's change of mind in relation to philosophy and his new theoretical assumptions. Chapter 4 deals with the late development of his work as well as his reinterpretations. The conclusion resumes Titchener's intellectual path and finishes with some general considerations regarding the nature of his work.

Keywords: Edward B. Titchener. Scientific Psychology. History of Science. History of Psychology.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	OS ANOS DE FORMAÇÃO (1885-1892).....	27
1.1	O PERÍODO DE OXFORD (1885-1890).....	27
1.1.1	O contexto institucional: A nova Oxford.....	28
1.1.2	O cenário intelectual: A tradição empirista transformada pelo idealismo e pela ciência.....	32
1.1.3	Da formação clássica à científica.....	41
1.2	O PERÍODO DE LEIPZIG (1890-1892).....	50
2	O DESENVOLVIMENTO INICIAL DA CONCEPÇÃO DE PSICOLOGIA DE TITCHENER (1893-1899).....	55
2.1	EM BUSCA DE UM MODELO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL.....	56
2.2	A DEFINIÇÃO DO OBJETO DA PSICOLOGIA E O PROBLEMA EM TORNO DO SELF.....	58
2.3	O TRATAMENTO METAFÍSICO DA EXPERIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA.....	75
2.3	A PSICOLOGIA ESTRUTURAL NO FINAL DO SÉCULO.....	90
3	A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO DE UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA (1900 a 1910).....	94
3.1	O REPOSICIONAMENTO EM RELAÇÃO À FILOSOFIA.....	95
3.2	OS PRESSUPOSTOS PARA A CIÊNCIA.....	104
3.1	UM PROJETO PSICOLÓGICO PARA O SÉCULO XX.....	111
4	REFORMULAÇÕES PARA UM NOVO PROJETO DE PSICOLOGIA (1912-1925).....	116
4.1	O QUE É CIÊNCIA, AFINAL?.....	118
4.2	A CIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A TOTALIDADE DA EXPERIÊNCIA.....	124
4.2.1	As relações entre ciência, axiologia e filosofia.....	128
4.3	AS TENDÊNCIAS DE UMA NOVA CIÊNCIA PSICOLÓGICA.....	132
4.3.1	A reformulação da noção de ponto de vista.....	133

4.3.2	Um novo contexto para a definição de objeto da psicologia.....	141
4.3.3	Em busca de um novo método para a psicologia.....	147
	CONCLUSÃO.....	154
	FONTES IMPRESSAS E REFERÊNCIAS.....	160

INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX, novas perspectivas historiográficas têm contribuído para o esclarecimento do desenvolvimento da psicologia e para o reconhecimento de contribuições até então ignoradas ou mal compreendidas (Araujo, 2017; Brozek & Massimi, 1998; Danziger, 1990; 1994; Feest, 2012; Furomoto, 1989; Gundlach, 2012; Mülberger, 2012; Pickren & Rutherford, 2010; Sturm & Mülberger, 2012; Wertheimer, 1989). Com isso, não apenas novos temas e personagens foram identificados, mas também nomes há muito conhecidos tiveram sua obra revisada e reinterpretada à luz de novas evidências e abordagens teórico-metodológicas (Araujo, 2012; 2016; Araujo & Pereira, 2014; Cardoso & Massimi, 2013; Cirino, Miranda, Cruz, Araujo, 2013; Krauss, 2017; Lauro & Araujo, 2015; Pereira, 2017; Woodward, 2015).

Neste contexto, o caso de Edward B. Titchener (1867-1927) constitui mais um exemplo de autores que, considerados como referências na psicologia de sua época e, desde então, tendo presença quase obrigatória nos manuais de história da área, permanecem alvo de interpretações parciais e amplos mal-entendidos.

Reconhecida como um modelo de tratamento sistemático do objeto da psicologia (Boring, 1927; Buchanan, 1963; Dewsbury, 1997; Evans, 1972a, 1990; Pillsbury, 1928), sua obra e seu trabalho na formação de novos pesquisadores em Cornell deram origem ao que posteriormente se reconheceu como sendo a escola de psicologia estrutural de Titchener (Evans, 1972a; 1986; 2012; Tweney, 1987). Seu programa de psicologia experimental foi considerado entre aqueles de mais alto nível em seu tempo e teria contribuído não apenas para a consolidação do laboratório como centro do empreendimento psicológico, como também para o desenvolvimento institucional da psicologia nas universidades norte-americanas e em outros países sob sua influência (Brown & Fuchs, 1971; Evans, 1990; Rowe & Murray,

1979). Seus manuais para a pesquisa experimental foram responsáveis pela formação de uma geração inteira de psicólogos, sendo adotados como referência até em departamentos que questionavam seu sistema teórico (Dewsbury, 1997; Evans, 1990; Pillsbury, 1928; Watson & Evans, 1991).

Suas concepções foram disseminadas com a ampla utilização de suas obras, com a divulgação de suas pesquisas em periódicos como *American Journal of Psychology* e *Mind*, e, em menor medida, com a indicação de seus ex-alunos para vagas nos departamentos de psicologia das universidades norte-americanas (Watson & Evans, 1991). Com isso, sua proposta influenciou não apenas seus simpatizantes, mas serviu como ponto de partida para o desenvolvimento de novas abordagens (Boring, 1927; Buchanan, 1963; Evans, 1972a, 1990; Pillsbury, 1928; Watson & Evans, 1991).

Não obstante a influência exercida no cenário norte-americano ao longo de sua vida, as ideias de Titchener foram rapidamente perdendo espaço após 1927, em função de diferentes fatores. Em primeiro lugar, a proposta de Titchener jamais representou uma referência hegemônica nos EUA. Ao contrário, suas ideias sempre conviveram com perspectivas concorrentes, como o funcionalismo, o pragmatismo, o behaviorismo e as preocupações com as aplicações do conhecimento psicológico aos mais diversos campos. Com sua morte, a expansão destas e de novas abordagens para a psicologia naturalmente ocorreu de forma acelerada, deixando em segundo plano as ideias defendidas por Titchener.

Em segundo lugar, importantes mudanças estruturais foram empreendidas no departamento de psicologia de Cornell logo após a morte de Titchener (Ryan, 1982). Sob a tutela de Madison Bentley (1870-1955), tais mudanças envolveram a reconstrução e reformulação do laboratório e a revisão de todo o currículo de psicologia, com a inclusão de novos cursos e a revisão dos cursos tradicionais, acarretando em importantes mudanças na visão teórica ali disseminada (Dallenbach, 1931; Ryan, 1982). Com isso, os novos estudantes

formados no próprio centro de difusão das ideias de Titchener se afastavam cada mais da perspectiva do autor.

Em menor medida, também algumas das posturas de Titchener ao longo da vida teriam contribuído para mantê-lo à margem do *mainstream* da psicologia norte-americana, tais como o afastamento em relação à *American Psychological Association* e a criação do grupo de experimentalistas, o pouco envolvimento com os esforços de guerra norte-americanos (Titchener, 1919a; 1919b; Yerkes, 1919a; 1919b) e, mais próximo à sua morte, o difícil rompimento com Karl Dallenbach em função das questões relativas à direção e propriedade do *American Journal of Psychology*, que custou a Titchener um ambiente acrimonioso em sua própria universidade (Titchener, 1925c; 1926b).

Apesar do enfraquecimento de sua escola de psicologia e de transformações no próprio modelo de ciência adotado pelas novas gerações de psicólogos, discussões acerca de aspectos específicos das ideias de Titchener continuaram a aparecer ao longo dos anos e foram enriquecidas pela criação do acervo com as correspondências e manuscritos do autor na Universidade de Cornell, no início dos anos de 1960 (Boring, 1967; Brown & Fuchs, 1971; Buchanan, 1963; Evans, 1972a; 1975; 1986; Henle, 1971, 1974; Hindeland, 1971; Larson & Sullivan, 1965; Tweney, 1987). Não obstante representarem o interesse de uma nova geração no trabalho de Titchener, muitos destes estudos insistiam em apresentá-lo como herdeiro e representante das ideias de Wundt na América¹, revelando a falta de atenção aos termos próprios de Titchener.

¹ Embora seja difícil identificar a origem de tal aproximação, que jamais esteve entre as intenções de Titchener, é possível encontrar afirmações deste tipo em figuras autoritativas da psicologia norte-americana, como Granville Stanley Hall que, em sua conferência no *International Congress of Art and Science*, afirmou: “Em relação a Titchener, seu sólido treinamento britânico e incessante produtividade nos amplos campos que cultivava já fazem dele nosso Wundt americano, em uma edição completamente e, às vezes, radicalmente reconstruída e melhorada” (Hall, 1906, pp. 577-578). Uma ideia relacionada e que persistiria por mais de 65 anos depois da afirmação de Hall pode ser encontrada, por exemplo, em Hindeland, que em 1971 considerava que “Titchener aceitou muitas das ideias básicas de Wundt sobre psicologia (mas certamente não todas). Além disso, Wundt serviu como um ponto orientador na psicologia titcheneriana” (Hindeland, 1971, p. 23).

No mesmo período, o primeiro esforço sistemático para esclarecer os equívocos em torno da interpretação da psicologia experimental de Titchener e produzir uma biografia sobre o autor foi iniciado pelo psicólogo norte-americano Forrest Lee Dimmick (1893-1968). Formado em Cornell sob a orientação de Titchener, Dimmick deu início, em 1966, a um projeto que envolveu viagens à Inglaterra para obter documentos e informações sobre a formação e a vida do autor antes de sua ida a Leipzig. Ele também esteve em contato com a Universidade de Leipzig para a obtenção dos registros e cartas de Titchener disponíveis no acervo de Wundt e viajou pelos Estados Unidos para entrevistar familiares, colegas de trabalho e ex-estudantes (Dimmick, 1966-1968). Não obstante seus enormes esforços e a reunião de materiais e informações importantes, Dimmick morreu em 21 de janeiro de 1968 e jamais chegou a concluir seu projeto.

Algum tempo depois, porém, a perspectiva geral de Titchener voltou a ser alvo de atenção, não exatamente por seu valor em si, mas principalmente como parte dos trabalhos de revisão das ideias de Wilhelm Wundt (1832-1920), iniciadas no final dos anos de 1970 (Bringmann & Tweney, 1980; Rieber, 1980). Neste contexto, novas pesquisas procuraram apresentar as ideias originais de Wundt e mostrar certa confusão ou distorção que elas teriam sofrido em virtude de uma interpretação machiana de ciência, adotada por Titchener, Oswald Külpe (1862-1915) e Hermann Ebbinghaus (1850-1909) (Danziger, 1979; 1980; Leahey, 1981).

Embora tenham contribuído para o esclarecimento das ideias de Wundt, tais trabalhos foram insuficientes para a compreensão dos pressupostos teórico-filosóficos de Titchener, uma vez que não se dedicaram a uma análise exaustiva de suas concepções ao longo dos diferentes momentos de sua produção e igualaram as ideias de Titchener a perspectivas em relação às quais elas apresentavam importantes diferenças. Com isso, tais trabalhos

incorreram no risco de impor a Titchener aquilo que procuravam eliminar na interpretação de Wundt.

A proposta de Tweney (1987) de explorar os diferentes momentos da produção de Titchener a partir das características das pesquisas e publicações oriundas do laboratório de Cornell também marca este período da literatura sobre o autor. Identificando as tendências de cada período da produção de Titchener e seu laboratório, o trabalho tem como deficiência as imprecisões na interpretação da relação de Titchener com o positivismo.

Neste contexto, merecem destaque os trabalhos de Rand Evans (1986; 1990), que, também em parceria com Robert I. Watson (Watson & Evans, 1991), procurou oferecer uma interpretação mais atenta sobre a relação de Titchener com as tendências empiriocriticistas e com as ideias de Wundt. Contudo, mesmo nestes casos, a não consideração de importantes declarações de Titchener sobre o tema e a desatenção às importantes transformações em suas ideias, impediu os autores de alcançar um retrato mais fiel da proposta de Titchener.

Com outra ênfase, o trabalho de Dewsbury (1997) também apontou para um aspecto até aquele momento inexplorado: as publicações de Titchener sobre o que se chamou de psicologia comparada e que foram iniciadas quando ele ainda estava na Inglaterra, estendendo-se durante seu período em Leipzig (Dewsbury, 1997).

Mais recentemente, novos trabalhos têm explorado tanto os aspectos experimental e teórico-conceitual da proposta de Titchener (Araujo & Marcellos, 2013; Beenfeldt, 2013; Burton, 2001; Evans 2012; Green, 2010; Marcellos & Araujo, 2015; Schwitzgebel, 2004), quanto a análise de sua formação em Oxford (Araujo & Marcellos, 2017) e algumas de suas posturas consideradas polêmicas (Proctor & Evans, 2014), corrigindo inclusive a apresentação das ideias do autor em livros didático-introdutórios, dicionários e enciclopédias da área (Araujo, 2010; Evans, 2005; 2012).

Contudo, não obstante os diferentes méritos destas propostas, nenhuma delas tocou na questão dos fundamentos teórico-conceituais ao longo dos diferentes momentos do projeto de psicologia de Titchener. Enquanto apenas o trabalho de Evans (2012) reconheceu mudanças na fase inicial dos trabalhos de Titchener, as mesmas não foram associadas às alterações nas convicções fundamentais do autor. Por outro lado, apenas o trabalho de Araujo e Marcellos (2017) procurou identificar as influências filosóficas e científicas na formação de Titchener, mas se restringiu ao período de Oxford, não considerando os reflexos sobre a totalidade da obra do autor.

Considerando-se a bibliografia antiga e recente sobre o aspecto teórico-conceitual da proposta de Titchener que aqui nos interessa, constata-se que dois temas ganharam relativo destaque: a questão da influência do positivismo de Ernst Mach (1838-1916) e Richard Avenarius (1843-1896) (Boring, 1927; Danziger, 1979; Evans, 1990; 2012; Leahey, 1981) e a constatação de uma significativa mudança em sua psicologia nos últimos anos de sua vida (Boring, 1927; Evans, 1972a; 1990; 2012; Pillsbury, 1928). Em ambos os casos predomina, contudo, certa superficialidade nas análises, que se restringem, em sua maioria, a afirmações inespecíficas ou sem suficiente amparo nas fontes primárias.

Em relação ao primeiro tema, as análises da literatura secundária dividem-se em duas interpretações: a que considera a influência de Mach e Avenarius como fundamental ao desenvolvimento das ideias de Titchener (Boring, 1927; Danziger, 1979; Leahey, 1981) e aquela que atribui tal papel à filiação original de Titchener ao empirismo britânico, assumindo a influência dos dois autores apenas como uma afinidade temporária de Titchener, favorecida por sua formação original (Evans, 1990; 2012; Pillsbury, 1928), mas logo superada na fase madura de suas ideias (Evans, 1990; 2012). Conforme a primeira leitura, Mach e Avenarius “formaram a base da definição de psicologia de Külpe e de Titchener. Külpe, como o mais filosófico dos dois, estava especialmente interessado em Avenarius; Titchener, talvez já se

voltando da filosofia para a ciência, preferiu Mach, por quem seu entusiasmo nunca arrefeceu” (Boring, 1927, p. 491). De acordo com a segunda perspectiva,

Titchener foi um completo empirista na tradição de Hume antes de ser introduzido ao pensamento de Avenarius e Mach. Ele foi preparado para o positivismo alemão por seu background humeano, que está na origem de grande parte do positivismo de Comte e também do de Mach. (...) Mach atuou para incitar uma cristalização dos próprios pontos de vista de Titchener, mais do que para dar a ele pontos de vista para imitar. (Evans, 1990, p. 9)

Não obstante o caráter muito mais detalhado da análise empreendida por Evans (1990, 2012) em relação ao assunto, o que se percebe é que ambas as leituras reconhecem a influência do empiriocriticismo sobre Titchener, diferindo apenas em relação à extensão da mesma. As duas interpretações incidem também nas mesmas falhas: não consideraram a formação original de Titchener em Oxford e os caminhos que poderiam explicar a origem de sua aproximação com as ideias de Mach e Avenarius; não atentam para os termos específicos em que tal influência teria ocorrido, apresentados implícita ou explicitamente nas publicações e correspondências de Titchener e, por fim, não acompanharam as consequências da adoção dos pressupostos empiriocriticistas em cada fase da obra de Titchener. Como resultado deste quadro, o entendimento sobre a extensão e a natureza da influência do empiriocriticismo sobre as ideias de Titchener permaneceu muito limitado, além de favorecer uma tendência a generalizar interpretações de uma fase intermediária de sua produção para a totalidade de sua obra.

Contrariando o que se poderia esperar, mesmo um trabalho mais recente acerca dos aspectos fundamentais da psicologia de Titchener, intitulado *The Philosophical Background*

and Scientific Legacy of E. B. Titchener's Psychology (Beenfeldt, 2013), apenas reflete as interpretações tradicionais sobre a formação de Titchener na tradição britânica e comete falhas metodológicas que comprometem a confiabilidade de suas conclusões, tais como: o uso desatento de diferentes edições das obras de Titchener, sem levar em consideração o significado de suas mudanças e atribuindo interpretações mais recentes a períodos anteriores; a negligência de sua correspondência²; e, por fim, a ausência de qualquer nova evidência que permitisse de fato estimar os compromissos filosóficos do autor.

Já em relação ao segundo tema proeminente nas análises da obra de Titchener – as mudanças que ele teria empreendido em seu sistema psicológico no final de sua carreira –, elas são mais freqüentemente citadas do que explicadas. Boring (1927), talvez o primeiro a mencioná-la, reconheceu mudanças evidentes em termos da produtividade de Titchener a partir de 1910, além de alterações no tocante à doutrina das sensações e à distinção entre introspecção e observação fenomenológica. Apesar disso, ele foi econômico ao afirmar que, mesmo diante dos indícios de uma nova psicologia nas teses dos alunos de Titchener, não haveria nada explícito para os não-iniciados. Segundo ele, “somente seus manuscritos ou alguém íntimo do laboratório nos últimos anos, que tenha vivido na comunidade construída em torno do ‘sistema’ (...)” (Boring, 1927, p. 502) poderiam esclarecer a profundidade de tais transformações.

De modo similar, Pillsbury (1928) afirmou que, apesar das numerosas insinuações acerca desta mudança radical e de seu impacto sobre as ideias de Titchener, nada fora demonstrado sobre sua direção ou extensão, restando apenas especulações. Tweney (1987), por outro lado, partiu das mudanças quantitativas na produção de Titchener para inferir mudanças qualitativas na natureza do seu trabalho. Apesar da originalidade da proposta, tal

² De fato, o autor cita, em duas ocasiões, trechos de uma correspondência de Titchener a Boring, incluída por este último em um de seus artigos (Boring, 1937) e menciona também a obra de Leys e Evans (1990), com as cartas trocadas entre Titchener e Meyer, sem, contudo, considerar o conteúdo destas mesmas cartas em nenhum momento de sua análise.

análise não foi suficiente para lançar qualquer nova luz sobre os motivos teóricos que teriam levado Titchener a empreender tais mudanças. Apenas Evans (1972a; 1986) ofereceu uma análise mais detalhada da situação. Além de assumir a importância de tais mudanças, ele afirmou que elas teriam sido conhecidas não apenas pelo departamento de Cornell, como também por diversos outros pesquisadores da época, embora tenha desaparecido dos livros e das apresentações sistemáticas de suas ideias depois de sua morte.

Os fatores desencadeadores dessas mudanças no pensamento maduro de Titchener teriam sido, segundo Evans, além do amadurecimento natural das reflexões do autor, a controvérsia com Oswald Külpe acerca do pensamento sem imagens, na qual se envolveu entre os anos de 1908 a 1915; as críticas à sua definição de sensação e de atributo, que surgiram em 1913; e a influência de perspectivas fenomenológicas que se desenvolviam nos últimos anos, especialmente a da psicologia da Gestalt (Evans, 1986). Como resultado, as formulações iniciais de Titchener teriam sido modificadas em dois níveis: o da organização e o do método, configurando o que Evans chamou de “sistema de 1910”, propriamente estruturalista, e o “sistema de 1925-1927”, incorporando as novas convicções de Titchener (Evans, 1972a, p. 179).

Em seu trabalho mais recente, Evans (2012) reconheceu pela primeira vez que alterações importantes foram empreendidas também na fase inicial da produção de Titchener e reformulou sua periodização. Segundo ele, o período entre 1893 e 1898 corresponderia a uma reestruturação positivista da psicologia de Wundt, seguido pelo período característico da psicologia estrutural, elementarista e autônoma de Titchener, entre 1899 e 1915. Sua proposta se encerraria no que teria sido a reformulação de sua psicologia estrutural em uma psicologia fenomenológica, ocorrida a partir de 1915 e persistido até a sua morte.

Apesar do grande valor de suas novas análises, Evans permaneceu desatento à formação de Titchener em Oxford e às suas declarações a respeito de aspectos filosóficos em

cada etapa de sua produção. Além disso, Evans (2012) se manteve convencido de que Külpe teria sido a fonte e o modelo para as tendências positivistas de Titchener.

Com isso, podemos chegar à seguinte avaliação geral da literatura. Se, por um lado, a questão acerca das transformações no pensamento maduro de Titchener tem sido reconhecida, por outro, nenhuma análise mais detalhada foi oferecida até aqui sobre os pressupostos teórico-filosóficos presentes no projeto de psicologia titcheneriano ou mesmo sobre sua relação com as transformações em suas formulações psicológicas. Além disso, o recente reconhecimento de modificações na fase inicial da proposta de Titchener também não tocou em detalhes importantes para a compreensão das mudanças tardias.

Com base nestas discussões, o presente trabalho pretende oferecer uma análise dos pressupostos teórico-conceituais do projeto de psicologia científica de Titchener, considerando desde a natureza da influência da tradição britânica sobre suas ideias até os termos próprios em que a presença do empiriocriticismo pode ser encontrada nos diferentes momentos de sua obra. Nossa tese é a de que as mudanças empreendidas por Titchener em seu projeto de psicologia refletem a incorporação de diferentes pressupostos, que afetam desde sua concepção de ciência e sua relação com a filosofia, até a delimitação de seu objeto e do método adequado para sua abordagem.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Tendo esse objetivo em vista, a perspectiva de análise adotada neste trabalho é essencialmente teórico-conceitual e se enquadra dentro da proposta de uma história filosófica da psicologia (Araujo, 2017). Uma exceção a esta regra, porém, foi adotada em relação ao capítulo 1, no qual são apresentadas as características do contexto institucional e intelectual da formação de Titchener em Oxford. Tal escolha se justifica, a nosso ver, por se tratar de um

cenário ignorado na ampla maioria das apresentações das ideias de Titchener e que, segundo entendemos, não apenas representa um papel fundamental em sua trajetória, como nos permite explicar algumas das características iniciais das ideias de Titchener.

Além disso, para compreender o desenvolvimento de suas concepções, adotamos uma abordagem cronológica dos textos, analisando todas as edições que traziam alterações em suas ideias principais. Utilizando este mesmo critério, analisamos também numerosas fontes primárias inéditas, abrangendo principalmente a correspondência e textos de conferências proferidas por Titchener.

Devido ao fato de Titchener só ter feito cópias-carbono de suas cartas apenas a partir de 1920, um primeiro obstáculo encontrado foi a obtenção das cartas anteriores a esse período. Embora por ocasião da constituição do acervo na Universidade de Cornell algumas destas correspondências tenham sido doadas, em originais ou em cópias, pelos próprios correspondentes de Titchener ou por outros acervos que as abrigavam, grande parte delas permanece ainda hoje fora de Cornell. Com isso, para obter acesso a tais cartas, identificamos e contactamos as instituições às quais estiveram associados seus principais correspondentes ou aqueles em relação aos quais tínhamos indícios sobre o assunto discutido nas cartas. Tais instituições, listadas no final deste tópico, nos forneceram cópias, físicas e digitais, das cartas enviadas por Titchener, permitindo assim uma análise mais completa das informações apresentadas.

Sobre estes materiais, cabe ainda um esclarecimento. Embora tenhamos adotado as normas da APA para referências e citações em geral, utilizamos um padrão diferenciado para a citação dos manuscritos não-publicados. Ao invés da recomendação de indicarmos nas citações o autor, o intervalo temporal dos documentos contidos no acervo e nomes do remetente e destinatário das cartas, seguidos pela data, optamos por utilizar no corpo do texto o mesmo padrão das obras publicadas, que inclui apenas o sobrenome do autor, o ano e a

página onde consta o trecho citado. Nas referências, contudo, mantivemos o formato previsto pela APA.

Tal escolha se deveu a dois fatores: a indicação específica de cada obra e a economia de espaço. Dada a importância de muitas das cartas até então não utilizadas na interpretação de Titchener, preferimos indicar especificamente a localização de cada uma, ao invés de nos referirmos apenas coletivamente ao acervo onde as mesmas se encontram. Com o expressivo número de correspondências citadas, a adoção do modelo de citação completa da APA ocuparia demasiado espaço no corpo do texto, interferindo não apenas em termos estéticos, mas também em relação à própria fluidez do texto. Em acréscimo, para identificar cada trecho citado, adotamos um padrão usado pelo próprio Titchener em algumas de suas correspondências e indicamos cada página das cartas pelo símbolo #, seguido do número da folha onde o trecho se encontra (#1, #2, e assim por diante).

Além disso, para destacar os argumentos que fundamentaram nossa interpretação e explorar as evidências nos escritos de Titchener acerca de suas concepções, mantivemos os comentários da literatura secundária nas notas de rodapé, deixando em segundo plano a discussão detalhada dos problemas presentes nestas interpretações.

Por fim, para atender ao objetivo geral deste trabalho, dividimos os capítulos conforme a seguinte sequência. No capítulo 1, apresentamos os anos de formação de Titchener (1885-1892), que compreendem sua passagem pela Universidade de Oxford e o período de treinamento no laboratório de psicologia da Universidade de Leipzig. Neste capítulo, descrevemos o contexto institucional e intelectual da formação de Titchener na Inglaterra, indicando seu contato com a tradição filosófica do idealismo britânico e sua aproximação em relação ao naturalismo científico. Vale ressaltar que uma análise detalhada de tal período na formação de Titchener não estava disponível na literatura especializada até a publicação de nosso trabalho *From Classicism and Idealism to Scientific Naturalism: Titchener's Oxford*

Years and Their Impact Upon his Early Intellectual Development (Araujo & Marcellos, 2017), que ocorreu paralelamente à elaboração desta tese. A abrangência dos objetivos deste artigo e do capítulo justificam, a nosso ver, a manutenção deste capítulo. Ao final da análise do período de Oxford, apresentamos também detalhes sobre a formação obtida em Leipzig, sua interpretação sobre as pesquisas realizadas sob a égide do projeto wundtiano e seu contato com outras perspectivas teóricas.

O capítulo 2 discute o desenvolvimento inicial da concepção de psicologia de Titchener, compreendido entre 1893 e 1899. Para tal discussão, identificamos a referência inicial de objeto psicologia adotada por Titchener e procuramos analisar a influência de sua formação sobre essas primeiras concepções, indicando os caminhos que o levariam à proposta de Mach.

No capítulo 3, apresentamos o que teria representado a consolidação de um projeto de psicologia científica, cujos pilares foram esboçados nos últimos anos da década de 1890. Discutimos o reposicionamento de Titchener em relação à filosofia e os pressupostos que sustentaram seu projeto entre 1900 e 1910.

Em seguida, no capítulo 4, analisamos as contínuas alterações empreendidas por Titchener em sua concepção de ciência, que resultaram em reinterpretações substantivas em seu projeto de psicologia desde 1912 até 1925, incluindo as ideias presentes em sua obra póstuma (Titchener, 1929), escrita entre 1917 e 1923. Mostramos como Titchener, ao procurar atender ao padrão sistemático de Avenarius, acreditou ter avançado em relação a uma definição do ponto de vista das três ciências representativas. Por fim, discutimos seu reconhecimento da legitimidade da dimensão do significado e dos valores em relação à experiência e quais as tendências orientaram suas últimas reflexões na área.

Por fim, na conclusão, retomamos os passos da trajetória do projeto de psicologia de Titchener, indicando os pontos que foram deixados em aberto com sua morte e a interrupção

de sua sistematização. Esperamos com isso mostrar que, não obstante as limitações deste trabalho, as alterações no projeto de psicologia de Titchener estiveram de fato associadas a mudanças em nos pressupostos teórico-filosóficos adotados pelo autor.

ACERVOS ONDE FORAM OBTIDAS CORRESPONDÊNCIAS DE TITCHENER

1. American Philosophical Society, acervo de Leonard Carmichael.
2. Boston Public Library, acervo Hugo Münsterberg.
3. Clark University, acervo de Granville Stanley Hall.
4. Cornell University, acervo de Edward Bradford Titchener e de Forrest Lee Dimmick.
5. Natural History Museum, acervo de Alfred Russel Wallace.
6. University College of London, acervo de Francis Galton e de John Scott Burdon-Sanderson.
7. Victoria University of Wellington, acervo de Thomas Hunter.

1. OS ANOS DE FORMAÇÃO (1885-1892)

Em carta enviada a Adolf Meyer (1866-1950)³ na primavera de 1918, Titchener comentava a importância de críticas sólidas e fundamentadas para o desenvolvimento do pensamento científico e, ao mesmo tempo, mencionava a dificuldade encontrada ao tentar tornar compreensível seu próprio trabalho: “Pessoas atribuem a mim crenças e pontos de vista de 20 anos atrás – e mesmo aqueles são, via de regra, imperfeitamente apresentados” (Titchener, 1918a, p. 218). Não houvesse outros indícios, tal passagem já seria suficiente para assumir a existência de diferenças nas concepções defendidas por Titchener ao longo de sua produção. Para identificarmos apropriadamente quais são elas e entendermos a constituição de suas primeiras convicções teóricas, é importante começar pelo contexto intelectual e institucional no qual Titchener foi formado.

No presente capítulo, abordarei dois momentos fundamentais no seu desenvolvimento intelectual. Primeiro, mostrarei como seus estudos em Oxford influenciaram seu pensamento inicial. Em seguida, analisarei sua estadia em Leipzig, especialmente seus estudos e sua relação com Wundt e alguns de seus colaboradores.

1.1 O PERÍODO DE OXFORD (1885-1890)

Nascido em 11 de janeiro de 1867, na cidade de Chichester, em Sussex, Inglaterra, Titchener estudou no Malvern College, uma importante *public school* em Worcestershire, no centro-oeste do país. Lá, entre os anos de 1882 e 1885, ele foi instruído no tradicional currículo clássico, que incluía história antiga, língua e literatura grega e latina, além de alemão, francês e literatura inglesa. Seu desempenho escolar foi notável e lhe rendeu diversos

³ Psiquiatra suíço radicado nos EUA, trabalhou na Universidade John Hopkins e trocou cartas com Titchener nos anos de 1909 e 1918, reunidas no livro *Defining American Psychology*, editado por Ruth Leys e Rand B. Evans (1990).

prêmios⁴ (Milward & Bullock, 1905). Além disso, Titchener teria se destacado também nos debates acadêmicos, inspirados no modelo de Oxford, de onde eram oriundos muitos de seus professores (Evans, 1972b; Milward & Bullock, 1905). Neste período, Titchener também teria se dedicado à investigação do mundo natural (Evans, 2005), estando em contato com importantes naturalistas da época⁵.

Após deixar Malvern, em abril de 1885, Titchener teria se candidatado às Universidades de Oxford e de Cambridge, sendo aprovado em ambas as instituições (Evans, 1972b). Tendo se decido por Oxford, em 23 de outubro do mesmo ano ele se matriculou no Brasenose College, dando continuidade à sua formação clássica (Oxford University, 1888a).

1.1.1 O contexto institucional: A nova Oxford

Quando Titchener ingressou em Oxford, encontrou uma universidade recém reformada e sob profunda influência do modelo educacional alemão. Entender este cenário remonta, porém, à primeira metade do século XIX, quando tais transformações foram lentamente cultivadas.

Durante as primeiras décadas do século, as universidades britânicas, e Oxford em particular, ainda mantinham sua tradicional estrutura de funcionamento, profundamente influenciada por disputas e interesses teológicos. Sua organização em torno de unidades colegiadas favorecia uma distribuição desproporcional de responsabilidades entre os *colleges* e a Universidade, exigindo dos tutores o domínio de uma enorme variedade de assuntos, o que resultava em um ensino amador e pouco especializado (Brodrick, 1886; Haines IV, 1969;

⁴ Dentre eles, constam os prêmios de melhor desempenho em prosa latina (1883) e grega (1884), história antiga (1883), poesia inglesa (1884) e no estudo da obra de Shakespeare (1882) (Milward & Bullock, 1905, pp. 550-555).

⁵ Embora não dê detalhes sobre este período, em carta ao professor da universidade de Michigan, William Clark Trow (1894-1982), Titchener menciona sua familiaridade com Francis Galton (1822-1911), “a quem eu conheci desde garoto” (Titchener, 1926a, #1).

Pattison, 1876). Conforme relatos da época, durante a era Vitoriana, “Oxford ainda era principalmente um seminário clerical e aristocrático, exercendo uma influência muito ligeira sobre o mundo científico ou comercial e sendo pouco afetada por seus padrões” (Brodrick, 1886, p. 218).

Outra importante característica do período foi o modelo de educação liberal adotado pela Universidade. De inspiração aristotélica e voltado para a disciplina do caráter e da mente mediante treinamento prático e intelectual, tal modelo se tornou, ao longo do século XIX, sinônimo do currículo clássico e da educação recebida pelos *gentlemen* (Barnett, 1992; Harvie & Matthew, 2000; Romano, 2002). Seu objetivo era moldar o corpo e a mente para o cultivo da virtude e, em especial, para a vida pública e o Estado (Barnett, 1992; Merz, 1896). Restrito às escolas da alta classe britânica, tal modelo foi questionado na segunda metade do século pelos reformadores educacionais, que defendiam o ensino científico, a formação profissional e a expansão da educação às classes trabalhadoras (Barnett, 1992; Haines IV, 1969). Apesar de algumas adaptações, o modelo se manteve até o final do século como a espinha dorsal da formação em Oxford.

Diante deste cenário e pressionada pela competição econômica e comercial com outros países europeus, a Grã-Bretanha deu início a uma série de esforços para a identificação das razões de sua desvantagem⁶. Neste contexto, surgiram comparações explícitas com o modelo educacional alemão, que ainda no início do século XIX havia sido alvo de amplas reformas, responsáveis pelo surgimento de uma nova concepção de universidade, baseada em princípios como o da liberdade de ensino e sua indissociabilidade em relação à pesquisa, e na criação dos institutos de pesquisa em suas faculdades (Araujo, 2009; Haines IV, 1969).

⁶ Dentre essas iniciativas, esteve a criação da Comissão Real para a Instrução Científica e o Avanço da Ciência, também conhecida como Comissão Devonshire, um grupo estabelecido com o propósito de conhecer a realidade do sistema de ensino na Inglaterra e em seus concorrentes comerciais e apontar as necessidades de reforma na instrução científica. Entre seus membros estavam professores e homens da ciência como William Cavendish, duque de Devonshire e *chancellor* da Universidade de Cambridge, Lord Lansdowne, Sir John Lubbock, Thomas Henry Huxley, William Allen Miller, George Gabriel Stokes e Norman Lockyer, entre outros. Seus trabalhos se estenderam entre os anos de 1870 a 1875 (Haines IV, 1969).

Além de evidenciarem a ausência de um programa sistemático de instrução científica nas universidades britânicas e a impotência dos professores e tutores frente à estrutura de funcionamento dos *colleges* (Haines IV, 1969), tais comparações favoreceram a procura dos estudantes pelas universidades alemãs a partir da década de 30, chegando ao ponto de, nos anos de 1860, ter levado à constatação de que uma pequena Oxford havia sido transplantada para a Alemanha (Haines IV, 1969).

O impacto deste contato fez com que muitos desses estudiosos, ao retornarem para suas universidades de origem e para a carreira docente, atuassem como divulgadores do modelo educacional alemão e das ideias ali cultivadas, que assim eram incorporadas ao pensamento e à vida cultural local. Com isso, também o estudo da língua alemã foi impulsionado, assim como a tradução dos livros produzidos no idioma, que se tornavam cada vez mais conhecidos nos círculos educados ingleses (Haines, 1969; Mehta, 1975).

Inspiradas em tal modelo, as universidades britânicas deram início a amplas reformas estruturais na segunda metade do século XIX, configurando uma verdadeira “institucionalização da influência alemã”⁷ (Haines IV, 1969, p. 4). Tais reformas atingiram toda a universidade que, apesar da manutenção do modelo de unidades colegiadas, com ensino tutorial e um sistema de distinções acadêmicas, implantou uma série de medidas, como a inauguração de laboratórios, a contratação de maior número de professores especialistas e a criação de novos *colleges*. Essas alterações favoreceram a profissionalização das disciplinas acadêmicas e a conseqüente oferta de um ensino mais especializado, assim como a introdução de novos temas de pesquisa. Além disso, a adoção de um sistema de conferências inter-colegiadas ou combinadas permitiu que estudantes desfrutassem de uma maior mobilidade entre as unidades, podendo receber instrução e treinamento em outros *colleges*. Tal medida

⁷ Para Haines IV (1969), tal institucionalização se caracteriza pela substituição de estudos amadores por uma prática profissional; a introdução de novos assuntos; a criação de escolas de pensamento e as reformas nas instituições inglesas, em especial, nas instituições universitárias.

favoreceu a divisão de trabalho entre os tutores e exerceu profunda influência no desenvolvimento de Oxford e na formação de seus estudantes (Brodrick, 1886; Haines IV, 1969; Heyck, 1980; Ritchie, 1891; Walsh, 2000).

O ideal de educação liberal que orientava a Universidade também incorporou gradativamente um novo elemento, o conhecimento científico (Lightman, 2007; Huxley, 1897/1869, 1897/1880, 1897/1882). Para se conformar ao modelo clássico, a ciência teve destacado seu papel no desenvolvimento da disciplina mental e das faculdades racionais e observacionais, preservando um importante elemento do modelo de educação liberal: o ideal do conhecimento puro e desinteressado. Como Barnett (1992) afirma

O desenvolvimento das universidades britânicas no século 19, muito influenciadas pelos modelos alemães, emprestou crescente importância para a produção de conhecimento novo, prefigurando sua função moderna como fábrica de pesquisa. O propósito ‘desinteressado’ do conhecimento se tornou um objetivo liberal legítimo e no nível universitário a ciência seria representada como uma ampla e nova avenida para os buscadores da verdade. (Barnett, 1992, p. 26)

A ênfase no ideal de ciência pura e desinteressada foi também fortalecida pelo contato com o modelo da *Wissenschaft* alemã e caracterizou parte importante da ciência britânica.

Em outro extremo, a ascendência clerical na universidade foi expressivamente reduzida com a abolição dos testes religiosos para matrícula ou obtenção de grau e a eliminação da obrigatoriedade da adesão dos *fellows* às ordens religiosas (Brodrick, 1886; Haines IV, 1969; Heyck, 1980).

Desta forma, quando Titchener ingressou em Oxford em outubro de 1885, encontrou uma universidade renovada, capaz de oferecer uma formação mais especializada e diversificada do que seria possível alguns anos antes, o que marcaria de maneira fundamental os seus passos seguintes.

1.1.2 O cenário intelectual: A tradição empirista transformada pelo idealismo e pela ciência

Além das importantes reformas institucionais, a segunda metade do século XIX foi cenário de grande efervescência intelectual e de transformações na cultura Vitoriana, que resultaram em profundas reinterpretações da tradição empirista local.

No campo filosófico, a Grã-Bretanha testemunhou o esgotamento de duas propostas nativas e herdeiras da tradição empirista que haviam se confrontado ao longo de toda a primeira metade do século XIX: a escola escocesa do senso-comum, representada por William Hamilton (1788-1856), e a escola do utilitarismo e empirismo psicológico de John Stuart Mill (1806-1873) (Mandelbaum, 1974; Mander, 2011; Metz, 1938; Willis, 1988).

A extensão dos debates entre as duas perspectivas, a morte de alguns dos seus principais representantes e a ausência de um tratamento consensual em relação a seus temas centrais coincidiram com o período de maior exposição da Inglaterra às ideias e autores alemães, o que favoreceu com que o idealismo filosófico de origem hegeliana fosse visto como alternativa às perspectivas locais (Mander, 2011; Willis, 1988).

Por outro lado, no terreno da ciência, o naturalismo científico vitoriano representou um ponto de partida concorrente com o idealismo filosófico. Considerado um movimento característico do contexto britânico no período de 1850 a 1900, com raízes na tradição empirista local, o naturalismo científico defendia uma “nova interpretação do homem, da

natureza e da sociedade a partir das teorias, métodos e categorias das ciências empíricas, mais do que da análise racional” (Turner, 1974, p. 12), atraindo inúmeros intelectuais do período. O complexo cenário formado por estes dois elementos deve ser analisado separadamente, a começar pelo idealismo britânico.

Precedido pela tradição platônica da filosofia anglo-saxã e por um longo histórico de introdução e recepção das ideias kantianas, assim como das de Fichte, Schelling e Hegel na Grã-Bretanha (Boucher & Vincent, 2012; Mandelbaum, 1974; Mander, 2011; Wellek, 1931; Willis, 1988), os anos de 1860 se tornaram conhecidos pelo surgimento da versão britânica do idealismo, que já nas duas décadas seguintes produziu uma geração inteira de adeptos, especialmente em Oxford e em Glasgow. Dentre eles, destacam-se Benjamin Jowett (1817-1893), considerado a própria “via através da qual Hegel alcançou Oxford” (Mander, 2011, p. 31), Thomas Hill Green (1836-1882), um dos fundadores e maiores representantes do movimento, William Wallace (1843–1897) e Bernard Bosanquet (1848-1923), ambos tradutores das obras de Hegel para o inglês, além de James F. Ferrier (1808-1864), Francis H. Bradley (1846-1924), Edward Caird (1835-1908), David G. Ritchie (1853-1903) e Richard B. Haldane (1856-1928).

Em termos filosóficos, as teses idealistas expressavam-se em diferentes níveis, adotando como ponto de partida comum para suas reflexões a noção de ‘eu’ ou ‘consciência’, implicando alguma forma de unidade essencial subjacente ao mundo do conhecimento (Mander, 2011; 2016; Mora, 1964). Especialmente divulgadas na formação clássica, as concepções idealistas, tanto gregas quanto as do movimento alemão, tornaram-se fontes de inspiração para formulações nos mais variados campos, desde a ética até a política e a estética (Boucher & Vincent, 2012; Mandelbaum, 1974; Mander, 2011, 2014). Como notou Mehta,

A dominância de Platão e Aristóteles no *Literae Humaniores* [em Oxford – acréscimo nosso] durou muito mais do que nos cursos de Ciências Morais de Cambridge e facilitou a introdução de Kant e Hegel na universidade. Quando o desencantamento com a moralidade utilitária foi começando a crescer e quando a antiga religião pode deixar de ser usada na defesa das crenças tradicionais, uma nova resposta para a natureza da realidade e para o lugar do indivíduo nela tinha que ser encontrada. Esse foi precisamente o dilema com o qual foi confrontado Green e sua geração. (Mehta, 1975, p. 184)

Essa afiliação comum a Platão, Kant e Hegel, que marcou o idealismo britânico, resultou, no final do século XIX, em um cenário em que um número expressivo de filósofos britânicos se reconhecia como idealista, embora nem sempre em um mesmo sentido (Mander, 2011; Mora, 1964). Ao contrário do que teria caracterizado países como a Alemanha e a França, o idealismo metafísico em solo britânico se desenvolveu principalmente a partir de uma matriz hegeliana, muito diversamente interpretada (Boucher & Vincent, 2012; Mandelbaum, 1974; Mander, 2011; Mora, 1964; Willis, 1988).

Ao lado desta matriz, outra fonte que inspirou o movimento britânico e esteve presente no pensamento de autores como Green, Bradley, Wallace e Bosanquet foi o médico e filósofo alemão Rudolph Hermann Lotze (1817-1881)⁸ (Beiser, 2013; Mander, 2011; Metz, 1938; Sullivan, 2014; Woodward, 2015). Reconhecido como uma força vital no desenvolvimento do idealismo britânico, particularmente a partir da década de 1870, a presença de Lotze na

⁸ Embora Lotze seja algumas vezes reconhecido como uma figura de transição entre diferentes tendências filosóficas, a discussão sobre a singularidade de sua proposta frente a outras da tradição idealista ou de sua combinação entre uma perspectiva realista com uma metafísica idealista extrapola os objetivos deste trabalho. Aqui o tomaremos como muitos de seus leitores, Titchener inclusive, o entenderam à época: um representante da perspectiva idealista favorável à ciência. Para maiores detalhes, conferir Beiser (2013), Kuntz (1972) e Sullivan (2014).

filosofia anglo-americana foi intensa e, de acordo com Kuntz (1972), pode ser explicada porque

(...) em ambos os países de língua inglesa havia a base comum de um crescente neo-Hegelianismo e todos eles (...) eram protestantes com problemas acerca de sua fé religiosa. Em ambos as crenças empíricas nativas e a fé bíblica estavam em problemas. Lotze foi conhecido como o homem que poderia vê-los em meio às dificuldades de ajustamento da antiga autoridade bíblica à nova autoridade da ciência. (Kuntz, 1972, p. 48)

Representante maior de um tipo singular de filósofos que surgiu no século XIX, o dos entusiastas da ciência, a influência de Lotze especialmente sobre os anos de 1880 a 1920 deu a esses 40 anos o epíteto de “*o período Lotzeano*” (Kuntz, 1972, p. 49). Tendo sido considerado “o filósofo alemão de reputação comparável àquela de Kant e Hegel” (p. 6), sua influência só encontraria um paralelo na Alemanha de seus dias na obra de Wundt (Kuntz, 1972).

Pretendendo realizar uma reforma na tradição idealista, corrigindo o que considerava serem suas falhas e beneficiando-se das contribuições da ciência, as ideias de Lotze alcançaram o solo britânico direta e indiretamente, uma vez que muitos estudantes foram a Göttingen estudar com ele, enquanto seus livros eram também traduzidos para o inglês⁹ (Beiser, 2013; Kuntz, 1972; Mander, 2011).

Com sólido treinamento em ciências empíricas adquirido em sua formação em Leipzig, Lotze defendia aspectos fundamentais do idealismo, como a concepção orgânica de mundo e a da realidade como uma manifestação do ideal, enquanto afirmava que entre os

⁹ Segundo Beiser (2013), contando com diversas edições e traduções, *Microcosmus* se tornou “o livro mais bem-sucedido de Lotze, um dos trabalhos filosóficos mais amplamente lidos na segunda metade do século dezenove” (p. 250).

principais problemas desta tradição estavam a tentativa de deduzir a mutiplicidade do mundo a partir de um princípio singular e a sua metodologia (Kuntz, 1972). Caracterizada pela confiança em fundamentos básicos e seguros para o conhecimento e no raciocínio *a priori* para alcançar conclusões sobre a realidade, a metafísica idealista incorria, segundo ele, em constantes hipóstases, isto é, em confusões lógicas que implicavam na consideração de conceitos abstratos como entidades reais (Beiser, 2013; Kuntz, 1972).

Para evitar esse caminho, Lotze pretendia eliminar as hipóstases do raciocínio filosófico, adotando novas fundações e atribuições para a metafísica (Beiser, 2013; Sullivan, 2014). Tal reforma não significou, contudo, a eliminação da metafísica como fundamento da ciência, mas uma reforma em sua constituição, atribuindo-lhe um caráter indutivo¹⁰, de forma a torná-la coerente com seus limites e capaz de melhor sustentar a própria ciência (Beiser, 2013). Lotze empreendeu ainda uma reforma lingüística e terminológica, que pretendia eliminar a alegada obscuridade do vocabulário filosófico alemão e com especial cuidado para a definição dos termos (Beiser, 2013).

Além disso, as contribuições de Lotze ao contexto britânico não se restringiram ao domínio filosófico e, tendo como base a conciliação de uma visão mecanicista com seu sistema metafísico, estenderam-se também às importantes discussões no campo das ciências. Com isso, Lotze foi considerado também uma figura central tanto para a psicologia quanto para a fisiologia (Beiser, 2013; Merz, 1912; Sullivan, 2014; Titchener, 1896, 1897b).

Não obstante a extensão da influência de Lotze e sua ampla divulgação nas universidades britânicas, o idealismo esteve longe de ser considerado uma tendência hegemônica neste cenário intelectual. Ao contrário, encontrou resistência e oposição aos seus pressupostos fundamentais, disputando espaço dentro e fora das fronteiras filosóficas. No campo filosófico, além de ter sido alvo das críticas de John S. Mill, William Hamilton,

¹⁰ Esta tendência esteve igualmente presente em outros autores do período, como por exemplo, em Wundt (Araujo, 2016).

William Whewell (1794-1866), Henry Sidgwick (1838-1900), Shadworth Hodgson (1832-1912) e Herbert Spencer (1820-1903), o idealismo foi confrontado por formulações do positivismo e do materialismo que se desenvolveram na segunda metade do século XIX (Mandelbaum, 1974; Mander, 2011; Mora, 1964; Willis, 1988).

Embora tenha adquirido diferentes expressões ao longo do século XIX, o positivismo tinha entre seus princípios fundamentais a rejeição radical da metafísica e da crença em qualquer realidade última que transcendesse a experiência humana e os limites da observação. Elegendo a ciência como modelo exclusivo de conhecimento seguro, o positivismo atribuía à filosofia o papel de sintetizar o conhecimento oriundo das investigações empíricas em um sistema unificado e hierárquico (Mandelbaum, 1974).

Tendo recebido duras críticas, mas sem ser completamente descartado, o positivismo teve algumas de suas teses preservadas em uma versão mais moderada, que procurava enfatizar questões acerca da natureza do método científico. Essa versão crítica que caracterizou o positivismo na segunda metade do século XIX tinha como suas principais preocupações a análise das fundações do conhecimento científico e o exame das fontes e significados dos conceitos, procurando livrá-los de qualquer vestígio metafísico (Mandelbaum, 1974). Essa proposta também atraiu a simpatia de cientistas que, mesmo recusando a adesão ao movimento filosófico e restringindo-se apenas ao nível metodológico, compartilhavam tais preocupações¹¹.

¹¹ Merece uma ressalva a classificação de Mandelbaum (1974) de Herbert Spencer como um representante da primeira versão de positivismo, chamada por ele de positivismo sistemático, e de Thomas Huxley como um representante do positivismo crítico, desenvolvido na segunda metade do século XIX. Em relação a Huxley, embora afirmações sobre sua aproximação em relação às ideias de Comte já estivessem presentes em sua época, sua rejeição das mesmas foi imediata, como atesta seu trabalho *The Scientific Aspects of Positivism* (1869). Segundo Huxley, em interpretação semelhante à de Mill em *Auguste Comte and the Positivism* (1865), as ideias básicas apresentadas por Comte a respeito da filosofia das ciências eram devidas originalmente a Hume e, consequentemente, aquilo que era identificado pelos discípulos de Comte como característico do positivismo já estava, na verdade, presente anteriormente na tradição empirista britânica. Já Spencer é também categórico ao afirmar sua rejeição a uma das principais formulações de Comte, a classificação das ciências (Spencer, 1864). Para mais detalhes do relacionamento entre Spencer e as ideias de Comte, ver também Eisen (1967).

Avaliando a adesão que o positivismo atraiu, tanto entre filósofos quanto entre cientistas, e as mudanças de ênfase que apresentou, Mandelbaum (1974) afirma que, no fim do século XIX, “o positivismo tinha se transformado na autocrítica da ciência, principalmente nas mãos dos cientistas praticantes, e a forma inicial de positivismo sistemático tinha, em todas as suas intenções e propósitos, perdido sua influência sobre as principais correntes de pensamento” (p. 20).

Outro caminho menos expressivo seguido pelo positivismo na segunda metade do século XIX foi a associação com perspectivas evolucionistas. Incorporando teses sobre a evolução oriundas da filosofia e fundamentando-as nas ciências biológicas, esse positivismo evolucionista foi defendido, entre outros, pelo filósofo George Henry Lewes (1817-1878), que adaptou a proposta comteana de forma a resguardar um lugar para a psicologia como uma ciência experimental (Francis, 2014).

Fora do espectro positivista, outra influência intelectual da segunda metade do século XIX foi o materialismo metafísico, que proclamava como sua tese fundamental o caráter material da natureza última da realidade e, em sentido mais estrito, pressupunha a aplicação das mesmas leis gerais a toda forma de manifestação da matéria (Mandelbaum, 1974). Opondo os domínios da ciência e da fé, descartavam as dimensões do valor, da liberdade e da teleologia ao defender um mecanicismo estrito (Beiser, 2013).

Uma vertente importante do materialismo que surgiu nas décadas de 1830 e 1840 foi o chamado materialismo científico ou materialismo vulgar (Gregory, 1977). Concebido como crítica ao idealismo na Alemanha, ele se tornou notório nos trabalhos de Karl Vogt (1817-1895), Jacob Moleschot (1822-1893) e Ludwig Büchner (1824-1899), que associavam sua proposta metafísica às ciências naturais, ressaltando o pretendido caráter científico da mesma (Gregory, 1977). Na Grã-Bretanha tal proposta foi muitas vezes associada à perspectiva do

físico e filósofo John Tyndall (1820-1893)¹², mas teria alcançado menor influência quando comparada ao idealismo e ao positivismo (Mandelbaum, 1974).

Ainda assim, o materialismo também foi aceito ora em termos exclusivamente metodológicos, ora epistemológicos, e foi alvo de tentativas de conciliação com diferentes perspectivas filosóficas. Uma destas propostas foi a que o naturalista Thomas H. Huxley (1825-1895) chamou de “materialismo legítimo”, que envolvia “a extensão dos conceitos e dos métodos da ciência física para os mais elevados e os mais simples fenômenos da vitalidade” (Huxley, 1882, p. 341), sem qualquer compromisso com as teses ontológicas do materialismo¹³.

O maior concorrente do idealismo britânico esteve, contudo, fora do território filosófico. O chamado naturalismo científico vitoriano ou naturalismo evolucionista resultou da onda de otimismo em relação ao conhecimento científico que caracterizou a Europa especialmente na segunda metade do século XIX (Lightman, 2007; Turner, 1974). Resultante de um conjunto de condições favoráveis que reuniam desde o enfraquecimento da fé cristã até a crescente profissionalização dos cientistas, passando pela realização de campanhas de saúde pública e do desenvolvimento de uma agricultura mais eficiente, o naturalismo científico vitoriano fez com que a ciência passasse a ser vista como algo próximo e capaz de responder às questões cotidianas da vida (Turner, 1974). A crença em uma ‘nova natureza’ criada pela ciência e capaz de oferecer maior conforto e bem-estar nos mais variados contextos passou a representar uma nova e secular referência para a organização da sociedade (Huxley, 1901/1887; Turner, 1974).

¹² Interpretações posteriores sobre a obra de Tyndall reconhecem a influência do materialismo alemão, especialmente em seus escritos iniciais, mas defendem que o tratamento mais adequado às suas ideias seria considerá-lo como um evolucionista reducionista, e não como um materialista da tradição inglesa (Hibben, 1894; McMillan, 2000).

¹³ Outro exemplo da tentativa de aproximação do materialismo com outras perspectivas do período está presente no “evolucionismo idealista” de David Ritchie (1893, p. vii), que pretendia reconciliá-lo com o idealismo.

Divulgado por intelectuais como os naturalistas Huxley e Francis Galton, o físico John Tyndall, o filósofo Herbert Spencer, os antropólogos Edward Burnett Tylor (1832–1917) e John Lubbock (1834-1913), entre outros, o movimento jamais alcançou uma unidade teórica ou programática entre seus representantes (Romano, 2002; Turner, 1974). Apesar disso, algumas convicções se destacaram no credo dos naturalistas. Dentre elas, duas importantes heranças de J. S. Mill: a defesa de que o conhecimento humano diz respeito apenas a fenômenos e a noção de causa interpretada como sucessão invariável dos mesmos. Além disso, por considerarem a ciência como fonte exclusiva para o conhecimento verdadeiro, obtido por meio da descrição dos fenômenos e de suas leis de conexão, seus adeptos foram considerados positivistas do ponto de vista epistemológico (Turner, 1974).

No nível ontológico, alguns de seus representantes defenderam ainda alguma forma de agnosticismo, isto é, a recusa de quaisquer questões que extrapolassem a experiência e a possibilidade de verificação empírica (Romano, 2002; Turner, 1974). Sua formulação mais conhecida foi apresentada por Huxley ainda nos anos 60 e se tornou popular para demonstrar o afastamento de especulações metafísicas (Huxley, 1901/1868). Adotando uma perspectiva menos radical, outros autores defendiam uma reconfiguração para o papel da metafísica, que trocava as reflexões *a priori* para assumir um caráter indutivo, com a responsabilidade de unificar e harmonizar os resultados das ciências empíricas (Mora, 1964; Papineau, 1993, Spencer, 1867).

Com isso, além de reunir as aspirações dos defensores da ciência, o naturalismo científico também representou um novo ponto de partida para a filosofia na segunda metade do século XIX (Lightman, 2007, 2014; Mander, 2011; Turner, F. M., 1974, 1993). Este complexo contexto intelectual exerceu profundas influências no desenvolvimento das ideias de Titchener, como se verá em sua formação e em suas primeiras publicações.

1.1.3 Da formação clássica à científica

Ao ingressar em Oxford, Titchener optou pela *Honour School of Literae Humaniores*, um programa de formação oferecido pelo Brasenose College que compreendia estudos clássicos e filosofia e que se tornou o centro de difusão do idealismo na universidade¹⁴. Após pouco mais de um ano dedicado aos estudos de grego e latim, Titchener realizou seu primeiro exame no final do segundo período acadêmico de 1887, obtendo a nota máxima¹⁵. Apenas a partir de então é que sua formação passou a incluir os temas relacionados à moral, à metafísica, à política, à lógica e à história antiga.

Ao longo deste período, Titchener teve entre seus professores intelectuais como os já mencionados filósofos Benjamin Jowett, membro do Balliol College e uma das figuras mais influentes de Oxford, e William Wallace, responsável pela cadeira de filosofia moral, além de Thomas Fowler (1832-1904), professor de lógica; Henry William Chandler (1828-1889), da cadeira de metafísica; Henry Nettleship (1839-1893), professor do Corpus Christi College, que reformulou o ensino de latim moderno na universidade; e o escritor e esteta Walter Horatio Pater (1839-1894) (Oxford University, 1885, 1900; Titchener, 1893a). Foi com eles, dentre outros, que Titchener ampliou sua formação clássica e, em termos filosóficos, teve contato tanto com a tradição empirista nativa, quanto com seus principais críticos e com as teses do idealismo filosófico.

¹⁴ A estrutura do curso envolvia gramática e literatura grega e latina, filosofia moral e metafísica, filosofia política, história antiga e lógica. Seu conteúdo era distribuído em duas grandes etapas: a primeira, que poderia durar até dois anos, era voltada para o estudo de língua grega e latina; a seguinte, que poderia se estender por até três anos e envolvia, além dos clássicos, os demais conteúdos de caráter histórico e filosófico (Mure, 1937; Oxford University, 1888b). Cada uma delas era acompanhada por exames acadêmicos, o *Classical Moderations* e o *Literae Humaniores*, respectivamente, cujos conteúdos não apenas refletiam, mas principalmente orientavam a preparação dos estudantes, que obtinham distinções acadêmicas conforme seu desempenho (Brodrick, 1886; Jenkinson, 1909; Oxford University, 1888b).

¹⁵ Nesta ocasião, Titchener fora premiado com o título de *Senior Hulme Exhibitioner*, uma distinção acadêmica que lhe garantia uma bolsa de estudos anual, e o *Bridgman Prize*, um prêmio financeiro por um ensaio teórico (Brasenose College, 1909).

O contato mais direto de Titchener com o idealismo pode ser identificado a partir de 1887. Embora tenha ingressado na Universidade após a morte de Thomas Green, Titchener foi aluno de um dos maiores divulgadores de suas ideias, William Wallace, com quem teria conhecido também as críticas ao empirismo (Oxford University, 1885). Suas principais vias de acesso às concepções idealistas teriam sido as aulas e publicações de Wallace, como *The Logic of Hegel* (Wallace, 1874), assim como as conferências de Jowett (Titchener, 1893; 1895a).

Neste contexto, a primeira influência positiva da formação clássica de Titchener diz respeito à adoção de um modelo de erudição, especialmente representado por Jowett. Como ele afirmará em um dos seus primeiros artigos de psicologia, a discordância com Jowett em relação a psicologia experimental não o impedia de reconhecer que “é com muito lamento pessoal que eu publico uma crítica tão amplamente adversa do ensaio do professor Jowett. Eu fui seu pupilo e ele tem representado para mim, assim como para muitos outros de Oxford, o tipo puro da erudição inglesa” (Titchener, 1893, p. 455).

Outra importante contribuição ao idealismo britânico com a qual Titchener teve contato em seus anos de Oxford e que representou outra fonte de influências foi o trabalho do filósofo e psicólogo James Ward (1843-1925), da Universidade de Cambridge. Tendo alcançado notoriedade a partir da publicação do verbete *Psicologia* na *Encyclopaedia Britannica*, em 1886, Ward já representava, antes disso, o papel de um dos maiores divulgadores das ideias de Lotze em território britânico.

Com formação em teologia e ciências morais, Ward se interessou pelas pesquisas em fisiologia e pela mensuração de fenômenos mentais, adquirindo seu treinamento nos laboratórios de fisiologia de Hermann Lotze, Carl Ludwig (1816-1895) e Michael Foster (1836-1907)¹⁶ (Crampton, 1978; Wall, 2007). Em sua experiência na Alemanha, Ward esteve

¹⁶ Ward esteve no laboratório de Lotze entre 1869 e 1870, com Carl Ludwig em 1876 e 1879 e com Michael Foster em 1879 (Crampton, 1978; Wall, 2007).

em contato tanto com o idealismo filosófico quanto com o trabalho de Fechner e o debate em torno da psicofísica (Crampton, 1978; Wall, 2007), sendo profundamente influenciado pelas ideias de Lotze¹⁷. Além de familiarizado com as concepções metafísicas do filósofo alemão, Ward acompanhou as discussões sobre psicofísica que envolviam, entre outros, Alfred Volkmann (1801-1877), Hermann von Helmholtz (1821-1894), Ernst Mach e Wilhelm Wundt, e publicou alguns trabalhos em fisiologia¹⁸ (Crampton, 1978).

Ao retornar à Universidade de Cambridge, Ward empreendeu, desde 1877, esforços para a compra de equipamentos psicofísicos que permitissem a realização de experimentos e, embora não tenha obtido muito sucesso em tais iniciativas (Crampton, 1978; Wall, 2007), sua perspectiva em relação à psicologia e à filosofia foi sendo desenvolvida em torno destes novos referenciais, distinguindo-se da tradição associacionista e empirista britânica (Wall, 2007). Acerca da influência de Ward, Byron Wall (2007) afirma que

Ward é lembrado essencialmente por dois diferentes aspectos de seu trabalho. Ele introduziu alguns dos desenvolvimentos da psicologia na Alemanha ao mundo de língua inglesa e delineou, a partir deles, uma nova visão filosófica da mente que recolocou as teorias da psicologia da associação. (...) Ela foi popular em seu tempo, mas agora desapareceu. O outro aspecto é geralmente referido ao ‘teísmo’ ou, como C. A. Mace expressou, ‘uma variante do teísmo idealista, distintivo e original principalmente por causa de sua familiaridade com as ciências naturais e seu interesse por elas’. (Wall, 2007, pp.153-154)

¹⁷ Além de ter presenciado a ampla recepção às ideias de Lotze em território britânico, a importância do autor para o desenvolvimento das ideias de Ward pode ser estimada na afirmação feita à Bartlett de que “o que eu sou é resultado do que dois homens fizeram de mim: Hermann Lotze e Henry Sidgwick” (Ward citado em Bartlett, 1925, p. 451).

¹⁸ Entre as publicações de Ward estão *Animal Locomotion* (1874), *An Attempt to Interpret Fechner's Law* (1876) e *The Physiology of the Nervous System of the Freshwater Crayfish* (1879).

A familiaridade de Titchener com as ideias de Ward e com a tradição filosófica e científica que elas expressavam é reconhecida por ele em diversos momentos e pode ser apontada como uma segunda influência positiva da tradição idealista britânica¹⁹. Como ele próprio reconheceu, Ward representou seu primeiro referencial em relação ao objeto da psicologia e para a crítica ao materialismo, como discutiremos adiante.

Também não é estranho supor que, tendo partido de uma formação filosófica para um treinamento sistemático em fisiologia e defendendo a cientificidade da psicologia com base no modelo físico, Ward tenha figurado para Titchener como o modelo britânico mais próximo àquele de Lotze, que por muito tempo representaria para ele uma das maiores contribuições à ciência e à psicologia experimental (Titchener, 1896; 1897b).

Neste sentido, não obstante o notável desempenho de Titchener nos clássicos e o interesse original nos mestres da metafísica, como aludiu um membro de Oxford²⁰, Titchener foi também afetado pela efervescência científica de seu tempo. Atraído pelo desenvolvimento de disciplinas como a antropologia, a biologia e a psicologia, Titchener empreendeu, nos últimos anos de sua formação, uma série de iniciativas em direção ao território científico, intensificando seu contato com naturalistas de diferentes matizes.

Em relação à antropologia, um de seus contatos foi com Edward B. Tylor, um dos fundadores da antropologia cultural, sob cuja direção Titchener trabalhou no museu de história natural da Universidade de Oxford²¹ (Evans, 1972; Lowie, 1917; Proctor & Evans, 2014). Correspondência e relatos de pesquisa indicam a presença de Titchener no museu ao

¹⁹ Embora Titchener não dê detalhes sobre o início de seu contato com Ward, as correspondências trocadas entre eles de 1902 a 1922 fazem referência a um relacionamento de maior duração, sendo provável que o contato pessoal entre ambos tenha ocorrido ainda no período de Oxford. Além disso, entre 1895 e 1921, Titchener e Ward compartilharam a colaboração editorial com o jornal britânico *Mind*, ao lado de outros intelectuais como George Frederick Stout, editor-chefe entre 1891 e 1920, Henry Sidgwick, William Wallace e John Venn.

²⁰ Em correspondência enviada a Titchener, Albert Watson Butler (1828-1904), *Principal* do Brasenose College entre 1886 e 1899, afirma: “Eu estarei interessado em ouvir seus planos para o futuro: você realmente vai permanecer junto aos mestres da metafísica?” (Butler, 1889, #2)

²¹ A fim de se manter em Oxford, Titchener assumia pequenos trabalhos nas férias, dentre os quais se destaca, de acordo com Proctor e Evans (2014), a montagem e reconstrução de espécimes para exposição no museu de história natural de Oxford.

menos entre 1889 e 1890 (Titchener, 1889b; 1890d; 1890e), ocasião em que Tylor ofereceu lá conferências sobre temas como o desenvolvimento das religiões, das instituições familiares, tribais, de propriedade e de governo (Oxford University Gazette, 1889-1890). Embora não haja mais detalhes sobre sua experiência no museu, o interesse de Titchener pela antropologia perdurou por toda sua trajetória, levando-o, entre outras coisas, a considerar, já em sua maturidade, a escrita de um trabalho sistemático sobre o assunto, assim como sua conciliação com os resultados experimentais²².

Na mesma época, Titchener também conduziu suas primeiras pesquisas na área de biologia comparada sob a influência de Edward Bagnall Poulton (1856-1943), um conferencista e professor de zoologia em Oxford que teria estimulado seu interesse por aspectos do comportamento animal (Dewsbury, 1997). Tais pesquisas tratam de temas como a coloração de ovos de pássaros (Titchener, 1889b, 1890c), a relação entre o formato e a função das garras de aves (Titchener, 1890g, 1891a, 1891b), a palatabilidade de animais (Titchener, 1890f, 1891c, 1891d) e a nomenclatura de um mamífero (Titchener, 1890f). Embora não tenham alcançado maior impacto na área, alguns de seus resultados foram citados pelo próprio Poulton em seu livro *As cores dos animais* (1890).

Além disso, Titchener também se dedicou a leituras de psicologia, incluindo desde os clássicos britânicos até psicologia comparada e a nova psicologia experimental. Entre suas leituras estavam obras de autores como Alexander Bain (1818-1903), Elie Rabier (1846-1932), James Mill (1773-1836) e John S. Mill, Spencer, George John Romanes (1848-1894), Wundt e George Trumball Ladd (1842-1921) (Titchener, 1915a; 1921a). Entusiasmado com as possibilidades da área, em 1889 Titchener finalmente decide adotar a psicologia como

²² Em carta ao psicólogo norte-americano Robert Yerkes (1876-1956), em 1912, Titchener é explícito em relação a seus interesses na área: “Eu venho lendo muito amplamente psicologia e antropologia social, com o propósito de em algum momento produzir um grande trabalho sistemático. Que ele virá eu não tenho dúvida, mas não estou forçando isso (...). Fico muito satisfeito de saber que está estudando psicologia étnica. Eu comecei seriamente (depois de muitos anos de leitura inconstante) com a *Völkerpsych.* [Wundt, 1900]. e com o *Golden Bough* [Frazer, 1890], e a partir deles tenho lido sistematicamente. Não há razão pela qual não possamos incorporar uma grande quantidade desse material em um sistema experimental.” (Titchener, 1912a, #3 – acréscimos nossos)

centro de gravidade para seus interesses em ciências mentais e morais (Jackson, 1889), e o primeiro passo que demonstra sua decisão foi a realização do exame final em Oxford na condição de um spenceriano (Brasenose College, 1909; Titchener, 1918a).

A escolha por Spencer deve ser entendida considerando-se o fato de que, nas décadas de 1870 e 1880, o autor já havia publicado vários dos trabalhos que o tornariam um dos filósofos mais lidos e discutidos de sua geração (Duncan, 1911, Taylor, 2007). Representando uma tentativa de associar a psicologia à biologia (Hearshaw, 1964), suas obras eram marcadas por duas premissas que vieram à tona com o desenvolvimento do naturalismo científico: a de que a ciência sozinha seria capaz de produzir conhecimento verdadeiro e que o uso de seus métodos deveria ser expandido do mundo físico para os fenômenos tipicamente humanos (Mander, 2014a). Além disso, Spencer incorporou em suas obras o agnosticismo defendido por Thomas Huxley.

Um exemplo do grande impacto das ideias de Spencer sobre o pensamento da época pode ser aferido pelo sucesso de seu *A System of Synthetic Philosophy* (1862-1893), um tratado com dez volumes, caracterizado pelo otimismo acerca da possibilidade de explicar cientificamente os fenômenos do mundo físico, biológico, psicológico e social a partir da ideia de evolução (Mander, 2014a). Foi especialmente a partir desta obra que muitos de seus leitores, entusiasmados com o caráter ambicioso e compreensivo de suas ideias, se autoproclamaram spencerianos (Taylor, 2007), como foi o caso de Titchener²³. Desta forma, a escolha de Titchener está relacionada também à respeitabilidade adquirida por Spencer em território britânico, que o teria tornado aceitável para os rigorosos padrões dos exames de Oxford.

O segundo passo de Titchener em direção à psicologia foi sua formação em fisiologia e em métodos experimentais. Familiarizado com a nova psicologia experimental a partir de

²³ A afirmação está na carta a Meyer de 29 de Abril de 1918, em que Titchener afirma que “eu comecei minha vida do pensamento como um darwinista-spenceriano (eu estava bastante próximo a esses homens para isso); eu tomei meu grau em Oxford como um spenceriano!” (Titchener, 1918a, pp. 214-215)

obras como *Elements of Physiological Psychology* (1887), de Ladd²⁴, Titchener foi atraído pelo trabalho de Wundt, que desde início da década de 1880 teve as investigações no laboratório de Leipzig e as publicações do jornal *Philosophische Studien* descritas para o público britânico nas páginas de *Mind* (Cattell, 1888; Miscellaneous, 1882).

Em correspondência com Wundt em agosto de 1889, manifestando seu interesse na formação oferecida no laboratório de Leipzig, Titchener foi orientado a permanecer em Oxford por mais um ano, a fim de aprofundar seu conhecimento em fisiologia e, então, ir para a Alemanha (Titchener, 1889a; Wundt, 1889).

Com a intenção de adquirir seu primeiro treinamento em ciências experimentais, Titchener ingressou no laboratório de fisiologia de John Scott Burdon-Sanderson (1828-1905) no segundo semestre de 1889. Titular de uma importante cátedra dedicada à fisiologia humana e à histologia em Oxford, Burdon-Sanderson foi um dos responsáveis pela introdução da pesquisa experimental e da vivissecção animal na medicina britânica (Romano, 2002; Taylor, 1952). Influenciado por sua formação nos modelos de pesquisas fisiológicas francês e alemão, Burdon-Sanderson defendia que a fisiologia se desenvolvesse a partir do conhecimento físico e químico, distinguindo-se do modelo britânico, mais voltado para a anatomia comparativa e para a pesquisa evolucionária (Romano, 2002). Seu laboratório, fundado em 1886 e associado ao Magdalen College, incorporou esta perspectiva na condução de suas pesquisas (Romano, 2002).

²⁴ Embora reconheça certo desapontamento com o tratamento dado por Ladd à noção de mente, ao considerar a situação da psicologia experimental no período, Titchener afirma, muito tempo depois, que “Seu livro *Physiological Psychology*, em particular, (...) ajudou o estabelecimento de laboratórios e o reconhecimento da psicologia experimental como um estudo acadêmico. Em pouco tempo (...) ele deu à jovem ciência um ar de respeitabilidade (eu não posso pensar em nenhuma outra palavra) que foi uma grande vantagem em sua luta pela existência. Além deste especial valor, o livro foi importante como nosso único manual e livro de referência em inglês. Aqueles eram tempos primitivos: *Principles*, de James, ainda estava a três anos de distância; a tradução do pequeno *Physiological Psychology*, de Ziehen, apareceu em uma primeira edição em 1892; e o primeiro volume do *Course*, de Sanford, saiu em 1894. Mesmo na Alemanha a *Physiologische Psychologie*, de Wundt, estava alcançando apenas sua terceira edição, e *Willenshandlung* [O Ato da Vontade], de Münsterberg, ainda não tinha vindo à luz. Ladd não tinha nenhum modelo exceto o Wundt de 1880, e seu volume incorpora uma quantidade de trabalho duro pela qual devemos a ele nossos sinceros agradecimentos” (Titchener, 1921a, pp. 600-601).

Durante sua experiência no laboratório, Titchener teve ocasião de acompanhar os trabalhos de Burdon-Sanderson que, embora fosse reconhecido por suas pesquisas sobre eletrofisiologia de plantas e animais (Haldane & Haldane, 1911; Romano, 2002; Taylor, 1952), também conduziu experimentos no campo da sensação e percepção humanas como parte de seus cursos práticos em fisiologia (Burdon-Sanderson, 1882). Em uma das poucas menções às suas atividades no laboratório, Titchener afirma que “costumava fazer demonstrações em fisiologia para Burdon Sanderson e fazer preparações em nervos e dissecações para Victor Horsley²⁵. Há muito tempo! Em 1890 e por aí” (Titchener, 1909a, #1).

Durante este período, Titchener também encontrou em seu professor uma referência de postura científica. Em um discurso proferido por Burdon-Sanderson na reunião da *Associação Britânica para o Avanço da Ciência* no mesmo ano da entrada de Titchener no laboratório, ele menciona temas como a recusa de interpretações vitalistas, vistas como um resquício metafísico, e defende a separação entre princípios e métodos científicos e filosóficos (Burdon-Sanderson, 1890). Segundo ele, “aquilo contra o que lutamos é a mistura dos dois métodos e, na medida em que nos interessa, a intrusão da especulação filosófica em nosso assunto” (Burdon-Sanderson, 1890, p. 614).

Além disso, compartilhando o entusiasmo e a defesa da ciência empreendidos pelos adeptos do naturalismo científico, Burdon-Sanderson defendia a superação por parte da biologia de seu passado meramente contemplativo e descritivo (Burdon-Sanderson, 1876). Para isso, ele defendia que a área utilizasse os mesmos critérios da física e da química, o que, de acordo com Romano (2002), significava adotar as mesmas técnicas e instrumentos de medida e recorrer a essas duas áreas para explicar os fenômenos fisiológicos. Burdon-Sanderson reconhecia que em biologia “nós aceitamos os padrões [do investigador físico]

²⁵ Sir Victor Alexander Haden Horsley (1857-1916) foi professor de patologia (1887–1896) e de cirurgia clínica (1899–1902) na University College London. Titchener não dá mais detalhes acerca de seu contato com Horsley.

como já estabelecidos e estamos contentes de usá-los como nosso ponto de partida na investigação do fenômeno que nos interessa” (Burdon-Sanderson, 1876, p. 117)

Sob a influência desta perspectiva, Titchener também teria desenvolvido uma atitude rigorosa em sua prática de pesquisa, que seria reconhecida imediatamente após sua chegada em Leipzig (Angell, 1928). Além disso, ele também seguiu as recomendações de Burdon-Sanderson a seus alunos em relação à uma formação ampla, que compreendesse os mais recentes avanços de áreas como a física, a química e a histologia.

O reconhecimento de Titchener em relação à formação obtida com Burdon-Sanderson se manifestou ao longo de toda sua obra, algumas delas dedicadas ao seu professor²⁶, e também em cartas, numa das quais ele escreveu ao seu professor: “Eu pensei que gostaria de ouvir sobre meu sucesso e queria, ao mesmo tempo, expressar meu mais profundo agradecimento por sua gentileza comigo em Oxford. Eu não posso superestimar a vantagem que obtive a partir de meu ano no Laboratório Fisiológico” (Titchener, 1895d, #2).

Durante este período, Titchener também teria se aproximado intelectual e pessoalmente de outros pesquisadores, como Thomas Huxley, Conwy Lloyd Morgan (1852-1936), George Romanes e Francis Galton (Evans, 1972b, 1990). É justamente nas correspondências com Galton²⁷, com quem provavelmente seu contato se estendeu por mais tempo, que se encontram as evidências mais explícitas de sua mudança de orientação em direção à ciência.

Em carta enviada a Galton em 27 de fevereiro de 1892 Titchener revelou seu novo estado de espírito em relação aos seus estudos, indicando que o interesse pelas ciências havia

²⁶ Titchener dedicou a Sanderson a terceira edição de seu *An Outlines of Psychology* (1899a) e *Text-book of Psychology* (1910).

²⁷ As correspondências entre Titchener e Galton, disponíveis nos acervos dos autores, referem-se ao período de 1890 a 1895 e relatam o planejamento e a colaboração em experimentos, a troca de materiais e até mesmo a autorização para que Titchener utilizasse o laboratório de South Kensington para a realização de suas pesquisas, paralelamente àquelas conduzidas em Leipzig, evidenciando a proximidade entre os dois autores (Galton, 1893; Titchener, 1890a, 1890b, 1890c, 1891e, 1891f, 1891g, 1891h, 1891i, 1891j, 1891k, 1892b, 1892c, 1893b, 1894d, 1895c).

ocupado o primeiro plano de suas preocupações. Como ele próprio afirmou, “quanto mais eu me aprofundo em psicofísica, mais eu sinto minhas limitações e o desperdício de tempo dado ao humanismo por tantos anos” (Titchener, 1892c, #2).

1.2 O PERÍODO DE LEIPZIG (1890-1892)

Após um ano de treinamento no laboratório de Burdon-Sanderson, Titchener foi para a Universidade de Leipzig em outubro de 1890, onde permaneceu até o verão de 1892 (Blecher & Wiemers, 2010; University of Leipzig, 1890-1892). Nesta ocasião, o laboratório de Wundt já era reconhecido como o primeiro centro internacional de formação na nova psicologia experimental (Araujo, 2009) e Titchener já estava familiarizado com o *Grundzüge der Physiologischen Psychologie* [Princípios de Psicologia Fisiológica] (1887), tendo iniciado sua tradução para o inglês (Titchener, 1890a; 1904a).

Em Leipzig, seu treinamento envolveu estudos em psicologia, ciências naturais e filosofia, áreas nas quais frequentou pouco mais de uma dezena de cursos²⁸ e estabeleceu contato com vários intelectuais (University of Leipzig, 1890-1892).

Em seu período no laboratório alemão, Titchener também identificou uma das principais características da condução das atividades realizadas pelos estudantes e que teriam contribuído para sua familiarização com o sistema de Wundt:

²⁸ A formação de Titchener em Leipzig incluiu, durante o primeiro ano, os cursos de lógica e metodologia da ciência, psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*) e psicologia experimental, oferecidos por Wundt; introdução à psicologia experimental, psicologia experimental (representação dos sons e associação), problemas da teoria do conhecimento e filosofia alemã do século XIX, ministrado por Oswald Külpe; e fisiologia do sistema nervoso central, com o fisiologista Maximilian von Frey (1852-1932). No segundo ano, ele participou dos cursos de física experimental, com o físico Gustav Heinrich Wiedemann (1826-1899); zoologia geral e anatomia comparada, com o zoólogo Rudolf Leuckart (1822-1898); estrutura cerebral, com o médico e psiquiatra Paul Emil Flechsig (1847-1929); teoria dos microscópios e um curso prático de histologia com o botânico e físico Hermann Ambronn (1856-1927), além do curso de história da filosofia e do seminário de psicologia experimental com Wundt, e um curso sobre a perspectiva de Gustav Theodor Fechner, com o físico Theodor Des Coudres (1862-1926) (University of Leipzig, 1890-1892).

Em meus dias de estudante na Alemanha, nós todos sabíamos aproximadamente que estávamos trabalhando no sistema de Wundt e que nossos resultados reforçariam ou modificariam essa ou aquela afirmação do *Physiologische Psychologie*. A consequência é que todos nós conhecíamos o sistema, nós tínhamos um padrão de referência para cada nova investigação. (Titchener, 1898c, p. 328 – destaque no original)

Desta forma, um primeiro critério a partir do qual entender a influência de Wundt na formação de Titchener diz respeito à organização das pesquisas no laboratório de Leipzig. Titchener reconhecia duas tendências no trabalho desenvolvido por Wundt, assim como no de outros pesquisadores: a realização de pesquisas sob a influência de uma interpretação estrutural, voltada para questões como “quais são as ferramentas mentais do organismo? A qual tipo mais simples ou tipos elas podem ser reduzidas? Quão delicado é seu trabalho e quão amplo seus limites de eficácia?” (Titchener, 1899b, p. 292), e também a partir de uma ótica funcional, interessada em questões sobre “como ou em qual extensão essas ferramentas estão sendo ou têm sido empregadas na procura de resultados no mundo da verdade, bondade e beleza” (Titchener, 1899b, p. 292), ligadas aos domínios da lógica, da ética e da estética.

Como amostra desta dupla orientação de Wundt, Titchener reconhecia a teoria da percepção do espaço visual e seu livro *Bemerkungen zur Associationslehre* [Comentários sobre a teoria da associação] como exemplos de investigações sob a perspectiva estrutural, ao passo que as considerações do autor sobre as leis que regiam as associações, a doutrina da apercepção e o primeiro volume da *Ethics* representariam sua interpretação funcional em psicologia (Titchener, 1899b).

Mesmo reconhecendo a dificuldade de se manter estritamente fiel a uma única perspectiva, o próprio Titchener se aproximou da abordagem estrutural, dedicando-se ao tema da percepção visual em seu doutorado.

Além da condução das pesquisas conforme as linhas de investigação decorrentes do trabalho de Wundt, a estadia de Titchener no laboratório também coincidiu com outro importante fator: o encerramento da parceria entre Wundt e o filósofo Richard Avenarius (1843-1896) (Krauss, 2017). Unidos em defesa de uma abordagem científica para a filosofia e do desenvolvimento de uma psicologia experimental, a parceria de Wundt e Avenarius se estendeu desde meados dos anos 1870 até final 1891 e se expressou, entre outras formas, nas páginas do *Vierteljahrsschrift für wissenschaftliche Philosophie* [Revista Trimestral de Filosofia Científica], o periódico fundado por Avenarius em 1877 e que por mais de uma década contou com a colaboração e com as publicações de Wundt (Carstanjen, 1897; Krauss, 2017).

As crescentes divergências em relação aos limites de uma abordagem fisiológica para a psicologia culminaram, porém, na ruptura entre ambos e em uma forte reação de Wundt²⁹ contra o que ele via como o desenvolvimento de tendências materialistas em psicologia (Krauss, 2017). Apesar da oposição de Wundt, a influência da perspectiva de Avenarius não se restringiu, contudo, aos círculos da Universidade de Zurique, onde ele ocupava a cadeira de Filosofia Indutiva, mas se expressou desde o início dos anos de 1890 na postura de alguns integrantes do próprio laboratório de Wundt, em especial na de Oswald Külpe (Krauss, 2017; Titchener, 1921b; Ward, 1893), um dos mais frequentes interlocutores de Titchener em Leipzig.

Em contato com esta perspectiva, além da companhia de Külpe, o grupo mais próximo a Titchener reunia também o físico e psicólogo norte-americano Frank Angell (1857-1939), o

²⁹ A reação de Wundt só se expressaria em suas publicações apenas alguns anos mais tarde, entre 1894 e 1898.

botânico-físico Hermann Ambrohn (1856-1927), e os filósofos e psicólogos Ernest Meumann (1862-1915) e August Kirchmann (1868-1932), entre outros, que se encontravam informalmente para discutir os principais desdobramentos da psicologia na época (Angell, 1928; Titchener, 1921b).

No laboratório, Titchener também participou da investigação de Angell acerca da intensidade dos sons e da pesquisa estatística de Bruno Friedrich Kämpfe sobre o método dos casos certos e errados (Angell, 1928), ao mesmo tempo em que conduzia pequenas observações em biologia comparada e planejava experimentos com Galton (Galton, 1893; Titchener, 1890a; 1890b; 1890c; 1891a; 1891b; 1891c; 1891d; 1891e; 1891f; 1891g; 1891h; 1891i; 1891j; 1891k; 1892b; 1892c).

Durante esse período, Titchener também desenvolveu uma relação próxima e amistosa com Wundt, o que, contudo, não teria evitado a constatação de importantes discordâncias entre eles. Titchener nem sempre esteve satisfeito com a recepção de Wundt a suas interpretações dos resultados empíricos³⁰ e, segundo Evans (2005, p. 2424), a “inflexibilidade de Wundt acerca dos métodos e limitações da introspecção levou Titchener a considerar deixar Leipzig e estudar com Hermann Ebbinghaus”. Embora tal intenção jamais tenha sido concretizada, as divergências teórico-metodológicas entre os dois teriam sido percebidas por Titchener desde cedo, assim como a diferença de perspectivas que animavam os demais pesquisadores do laboratório.

A estadia de Titchener em Leipzig foi encerrada com a publicação dos resultados de duas de suas pesquisas conduzidas sob a orientação de Wundt. A primeira delas, que foi tema de seu doutorado, tratou dos efeitos da estimulação monocular e foi desenvolvida entre janeiro de 1891 e maio de 1892 (Titchener, 1893c). Neste trabalho, Titchener analisou quatro

³⁰ Ao tratar das dificuldades com os resultados de seus experimentos para distinguir o contraste das pós-imagens, em correspondência com Galton, ele comenta que “Wundt terá um critério (mais ou menos *a priori*) de que o primeiro [o contraste] é central e o último [a pós-imagem] é periférico. (...) No feriado da Páscoa irei para o país, para me sentar e pensar em meus resultados. Mas nada conclusivo deve vir desta investigação: Wundt é (como Prof. James diz), muito ‘categórico’” (Titchener, 1892c, #2 – acréscimos nossos).

interpretações para o fato de a estimulação de uma retina ser capaz de provocar uma sensação de cor na outra, constatando experimentalmente que tal fenômeno seria decorrente da excitação fisiológica indireta da segunda retina (Titchener, 1893c, 1893d). A segunda investigação conduzida por Titchener (1893e) tratou do tempo de associação e utilizou a distinção entre reações sensoriais e reações musculares como forma de determinar o tempo de percepção (Cattell, 1892).

Entusiasmado com as possibilidades da nova área e não obstante as perspectivas divergentes com as quais se confrontou em Leipzig, ao concluir sua formação no laboratório Titchener deu início a sua carreira como pesquisador, convencido pelo propósito de assegurar a singularidade e a autonomia da psicologia.

2. O DESENVOLVIMENTO INICIAL DA CONCEPÇÃO DE PSICOLOGIA DE TITCHENER (1893-1899)

Tão logo concluiu suas atividades em Leipzig, Titchener retornou à Inglaterra, onde permaneceu por algum tempo como conferencista (*Extension Lecturer*), ministrando palestras sobre biologia em Oxford (Titchener, 1924a; Boring, 1927; Evans, 1984; Richards, 2004; Titchener, 1892c). Ele também atuou como instrutor no laboratório de fisiologia de Burdon-Sanderson (Oxford University Gazette, 1892, p. 76) e ofereceu dois cursos de verão em Oxford: “Mente e corpo” e “A morte como problema biológico” (Proctor & Evans, 2014, p. 504).

Porém, com o pouco espaço dedicado à nova psicologia experimental nas universidades inglesas e o fechamento do laboratório de Francis Galton em 1891, sua alternativa para continuar as investigações psicológicas foi aceitar o convite de Frank Angell e ir para Ithaca, nos Estados Unidos. Lá, ele trabalharia como professor assistente no recém-inaugurado laboratório de psicologia da Universidade de Cornell (Evans, 1984; 1990), que, nesta ocasião, ainda estava vinculado ao departamento de filosofia, a *Sage School of Philosophy*.

Em sua primeira década em Cornell, Titchener manteve uma dupla agenda de atividades intrinsecamente relacionadas: por um lado, a divulgação e o esclarecimento do público americano acerca da nova psicologia frente à outras iniciativas de estudo da vida mental e, por outro, o trabalho de estabelecimento e consolidação da psicologia científica em condições de autonomia e igualdade em relação às outras ciências e à filosofia.

Neste capítulo, analisaremos o amadurecimento intelectual de Titchener ao longo de suas primeiras publicações, considerando as influências de sua formação intelectual sobre as

definições centrais de sua psicologia e sobre sua forma de encarar as relações entre ciência e filosofia.

2.1 EM BUSCA DE UM MODELO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

O amadurecimento intelectual de Titchener em relação à psicologia pode ser percebido nas suas primeiras publicações, além de ser encontrado em alguns de seus relatos pessoais, nas correspondências. Dentre elas, uma descrição de sua experiência em Leipzig revela o clima intelectual no laboratório de Wundt, assim como suas primeiras referências em relação às definições fundamentais da psicologia, e é essencial para entendermos suas primeiras formulações. Em carta a Boring, Titchener comentou seus interesses e os de seu grupo mais próximo, afirmando que

(...) nós estávamos tentando equacionar a psicologia exp. com a física, mas em reação contra a ‘psicologia fisiológica’ dedutiva e construcional do livro de Wundt. Era a física que nós preferíamos como modelo. Nós conhecíamos muito mais de Mach do que de Avenarius; e na verdade Avenarius não tinha nenhuma relação com o ‘fazer’ da psic. exp.; seu *Bemerkungen*³¹ não havia sido publicado em nossos dias; Külpe não o conhecia quando escreveu. Eu estava tomado pela definição de objeto de Ward; o que fez a ponte para Mach, a quem eu aceitei quase imediatamente ao chegar em Leipzig, sob a sugestão de algum colega casual. Külpe estava lendo Avenarius por razões epistemológicas, pelas quais eu pessoalmente não me interessava nada; eu estava ‘farto’ da epistemologia em Oxford. (...) – Ocorria que tanto Mach

³¹ A série de quatro artigos intitulados *Bemerkungen zum Begriff des Gegenstandes der Psychologie* [Observações sobre o Conceito de Objeto da Psicologia], publicados no *Vierteljahrsschrift für wissenschaftliche Philosophie*, entre 1894 e 1895.

quanto Aven. eram somente convencionais em sua biologia (apesar das ‘séries vitais’ de A.); e isso, aos nossos olhos, os favorecia em relação a Wundt. (...) A tendência comum era certamente sair da ‘psi. fisiol.’ para uma ps. exp. em analogia da física e aquela tendência era centrada em K [Külpe – acréscimo nosso], Angell e em mim. Mas sistematicamente somente em K e em mim. (Titchener, 1921b, #2)

Esta passagem nos permite identificar, em primeiro lugar, que o modelo adotado por Titchener para o desenvolvimento de sua psicologia foi desde cedo a física. Não obstante a segunda metade do século XIX ter sido marcada por grandes descobertas da biologia, os autores com quais Titchener teve maior contato reivindicavam que tal desenvolvimento se devia justamente à aproximação da área com os métodos e critérios da física. Este foi o caso, por exemplo, de James Ward, que foi uma das grandes figuras de transição entre a filosofia e a ciência da época, e principalmente de Burdon-Sanderson, que representou o primeiro modelo de pesquisador experimental para Titchener.

Em segundo lugar, sem deixar margens para dúvidas, Titchener reconheceu a proposta de Mach como sua referência nos primeiros anos da década de 1890³². Apesar desta manifestação e embora há muito se afirme a afinidade de Titchener com o empiriocriticismo de Avenarius e Mach (Boring, 1927, 1937; Danziger, 1979; Evans, 1990, 2012), ainda não

³² Além da presença ora explícita, ora implícita das ideias de Mach nas obras de Titchener, um índice menor, porém revelador, de sua atenção às ideias do físico austríaco ao longo de sua vida são as resenhas que ele fez das publicações de Mach. Em 1894, Titchener comentou a tradução para o inglês da segunda edição de *Die Mechanik in ihrer Entwicklung historisch-kritisch dargestellt* [A Ciência da Mecânica] (1893) (Titchener, 1894); em 1902, fez o mesmo com a publicação da segunda edição alemã de *Die Analyse der Empfindungen und das Verhältniss des Physischen zum Psychischen* [Análise das Sensações e a Relação do Físico com o Psíquico] (1900) (Titchener, 1902); e, por fim, em 1922, publicou um sumário das conferências dadas por Mach na Universidade de Viena, em 1863 (Titchener, 1922a). Ao comentar sobre o livro original, Titchener afirmou: “Por diversos anos eu o procurei assiduamente mas em vão; finalmente, eu escrevi ao próprio Mach perguntando sobre ele. Ele respondeu que sabia da existência de uma única cópia, que estava em sua própria biblioteca e, com sua usual gentileza – em tal assunto, ele era o espírito da generosidade – ele ofereceu enviar-me o precioso volume, uma vez que eu estava seriamente interessado. Eu não pude, é claro, aceitar o risco (...)”. (Titchener, 1922a, p. 213).

foram analisadas até aqui a origem de tal aproximação ou a relação entre tais ideias e a formação original de Titchener, tal como indicadas pelo autor na carta a Boring. Para suprir esta lacuna e esclarecer a transição entre o idealismo britânico que influenciou a formação de Titchener em Oxford e as tendências empiriocriticistas que se desenvolviam na virada do século, dois elementos importantes nesta declaração precisam ser analisados: a concepção de objeto adotada por Titchener e seu posicionamento acerca da filosofia. O primeiro deles está intimamente relacionado ao tratamento dado à noção de self, enquanto o segundo envolve as concepções fundamentais acerca da experiência e suas implicações para a ciência.

2.2 A DEFINIÇÃO DO OBJETO DA PSICOLOGIA E O PROBLEMA EM TORNO DO SELF

Um elemento central até aqui ignorado, mas que está presente na carta de Titchener a Boring, é que, antes de cruzar a ponte em direção a Ernst Mach, o ponto de partida acerca da definição de objeto da psicologia que Titchener afirma ter adotado até sua chegada à Leipzig é o do filósofo britânico James Ward. Para entender sua influência sobre Titchener, é preciso identificar algumas de suas principais ideias.

Antes mesmo da publicação de seu famoso verbete na *Encyclopaedia Britannica* (Ward, 1886), as primeiras publicações de Ward, como os artigos *A General Analysis of Mind* (Ward, 1882) e a trilogia *Psychological Principles* (Ward, 1883a; 1883b; 1887), já apresentavam sua visão sobre a área e refletiam duas tendências que caracterizaram o final do século XIX: a definição da psicologia por referência a um ponto de vista acerca da experiência e a atribuição de importância central à noção de self (Titchener, 1929).

Sob a influência das concepções de Lotze, Ward (1883a; 1886) afirmava que as tentativas de definir a psicologia a partir das distinções entre sentido interno e externo ou

entre fenômeno mental e material se mostravam sem significado real ou incorriam em suposições metafísicas. A psicologia só poderia ser definida, livre de tais extrapolações, em função de seu ponto de vista acerca da totalidade da experiência. Concebido como individualístico, tal ponto de vista incluía como seus fatos tudo aquilo que ocorria ou constituía a consciência de alguém, ou seja, que se limitava à apresentação individual, em oposição ao ponto de vista universalístico, adotado pelas ciências físicas ou ciências dos objetos (Ward, 1883a; 1883b; 1886).

Além disso, tal como Lotze, Ward defendia que a observação dos fatos que compunham a mente demonstrava sempre um sujeito ou self a quem tais fatos se apresentavam (Ward, 1883a; 1883b; 1886). Embora não fizesse afirmações explícitas acerca da natureza deste sujeito, Ward recusou identificá-lo com a individualidade do organismo e, ao mesmo tempo, insistiu que eram os fatos relacionados aos sentimentos e aos impulsos que nos compeliavam a reconhecê-lo (Ward, 1883b).

Dependente da noção de self está a ideia de unidade ou continuidade da consciência. De acordo com Ward (1883b; 1886), enquanto se poderia falar em objetos isolados e distintos no domínio das outras ciências e na linguagem popular, do ponto de vista psicológico eles seriam sempre partes de um todo. Esta unidade da consciência deveria ser entendida em termos de um *continuum* de apresentações e o que asseguraria tanto a conexão quanto a distinção entre elas era a diferente distribuição da atenção. Segundo Ward, quanto mais ampliada a análise das experiências anteriores de um indivíduo do ponto de vista psicológico,

(...) mais nos aproximamos de uma apresentação total tendo o caráter de um *continuum* geral em que diferenças são latentes. Há, portanto, na psicologia como na biologia, o que pode ser chamado de um princípio da ‘diferenciação progressiva ou especialização’; e isso, assim como os fatos da reprodução e

associação, ele forçosamente sugere a concepção de um certo continuum objetivo formando o background ou a base para diversas apresentações relativamente distintas que são elaboradas a partir dele (...). (Ward, 1886, p. 42)

Com base nesta perspectiva, o problema da psicologia ao lidar com o ponto de vista individualístico seria “primeiro, determinar seus elementos constituintes e, em segundo lugar, determinar e explicar as leis de sua combinação e interação” (1883b, p. 465). Embora recusasse a subordinação da psicologia à biologia (Ward, 1882), Ward reconhecia suas contribuições ao desenvolvimento da área. Segundo Ward (1883a; 1883b), a biologia poderia ser adotada como modelo para lidar com a segunda tarefa da psicologia, isto é, com as condições e leis do desenvolvimento da vida mental, uma vez que a única chance de a psicologia alcançar exatidão científica seria “assegurar primeiramente uma análise geral e acurada que deva corresponder com o que tem sido independentemente constatado pela anatomia e fisiologia do sistema nervoso, na medida em que a natureza do caso admite” (Ward, 1887, p. 47).

Antes disso, porém, e uma vez que o psicólogo não pode acompanhar diretamente o desenvolvimento da mente desde suas formas mais simples até as mais complexas, como faz o biólogo com seus fenômenos, a garantia de exatidão científica da psicologia deveria ser baseada em uma análise acurada e em uma descrição rigorosa dos fatos mentais, inspirada no modelo da física. Segundo ele,

É um erro supor que toda exatidão da física moderna é devida à medida, e supor, conseqüentemente, que a psicologia nunca poderia se tornar exata até ter se tornado psicomетria. Em um aspecto importante a física é exata mesmo onde

as determinações quantitativas concretas podem ser impraticáveis; isso quer dizer que as dimensões de quantidade podem ser conhecidas mesmo quando suas magnitudes numéricas não são. Todas as quantidades físicas que não são simplesmente comprimento, tempo ou massa são passíveis de ser expressas nos termos dessas unidades fundamentais, e cada equação que reclama *ter um significado físico* deve envolver somente dimensões semelhantes a essas unidades uma vez que tal significado as envolve como um todo. (...) Um físico nunca confunde velocidade e aceleração, uma vez que elas tem diferentes dimensões no tempo; ou energia e trabalho, uma vez que elas tem diferentes dimensões em comprimento. Mas os psicólogos parecem não estar conscientes de qualquer confusão quando falam indiferentemente de estados da mente, conteúdos da mente, atos da mente; quando tratam o mesmo fato ora como um processo, ora como um produto; e classificam em um nível sentimentos que pressupõem apresentações e atos que pressupõem sentimentos. (Ward, 1887, pp. 47-48 – destaque no original)

De acordo com Ward (1887), ao inspirar-se no modelo da física, o primeiro passo para a psicologia deveria ser garantir a exatidão na determinação das unidades fundamentais dos fenômenos psicológicos e assim poder tratar mesmo aqueles mais complexos em termos destas unidades, evitando tanto a confusão entre diferentes pontos de vista quanto as incoerências terminológicas.

Já no tocante às relações entre a psicologia e a filosofia, apesar de afirmar que a perspectiva individualística não estaria previamente comprometida com nenhuma concepção filosófica, Ward considerava que “o resultado natural da especulação do ponto de vista psicológico é o idealismo, enquanto do ponto de vista das ciências físicas as especulações

materialistas são igualmente o resultado natural” (1883a, p. 168). Ward também adotou a perspectiva indutiva de Lotze reconhecendo que “(...) embora tanto a filosofia quanto a ciência ofereçam e recebam um a da outra, a filosofia deve receber antes que possa oferecer” (Ward, 1883a, p. 154).

Por outro lado, apesar de seu entusiasmo com a ciência, Ward não a identificava o naturalismo científico e, à medida que o movimento avançava ao longo das últimas décadas do século XIX, ele tornou-se um crítico tanto do naturalismo quanto do agnosticismo. Embora reconhecesse que o naturalismo rejeitava o materialismo, Ward constatava que ele não abandonava nem seu ponto de vista geral, nem sua proposta de englobar os fatos da vida, da mente e da história em um esquema mecânico, excluindo, sob a alegação de ignorância, importantes dimensões da existência humana (Ward, 1906).

O pacto do naturalismo com o agnosticismo, como o lendário pacto com o demônio, ao qual Lange apropriadamente o compara, custa ao naturalismo, por sua vez, sua inteira existência filosófica. Para se ver livre do ‘pântano metafísico’, tal como as ideias de substância e causa, ele é levado a rejeitar a realidade não somente da mente, mas mesmo da matéria e este estado de ideofobia deve entrar em colapso pela falta das mesmas ideias que ele receia. (Ward, 1906, p. x)

Embora Titchener não tenha publicações que tratem exclusivamente das ideias de Ward ou que apresentem suas próprias interpretações acerca da psicologia no período de sua transição de Oxford à Leipzig, é possível perceber indícios da influência do autor em seus primeiros livros e que, ao mesmo tempo, explicariam sua aproximação às ideias de Mach.

Os três primeiros dizem respeito à concepção do objeto da psicologia a partir do ponto de vista, à formulação do problema da psicologia e a sua relação com a biologia e a física. Ao recusar definir o objeto da psicologia a partir da distinção entre interno e externo ou da oposição entre fenômeno mental e material, Titchener também optou pela definição em torno de um ponto de vista acerca da experiência. Em sua primeira apresentação formal do assunto, encontrada no livro *An Outline of Psychology* (1896), por exemplo, ele afirmou que o objeto da psicologia eram os processos mentais, entendidos da seguinte forma:

Um processo *mental* é qualquer processo, pertencendo ao alcance da nossa experiência, em cuja origem e continuidade estamos nós próprios necessariamente envolvidos. O calor é um processo. Mas o calor visto simplesmente como um ‘modo de movimento’, é independente de nós; o movimento continua estejamos presentes para senti-lo ou não. Quando, entretanto, o calor pertence a nossa experiência sensível, nós, os indivíduos que temos a experiência, temos alguma coisa a dizer sobre ele; isso é o que é, em parte e de qualquer modo, por causa de *nós*. O movimento (físico) é traduzido por nós na sensação (psicológica) de calor. (Titchener, 1896, p. 5 – destaques no original)

Embora tal passagem reflita a estrutura geral de Ward de considerar o envolvimento do indivíduo como critério para delimitar a experiência estudada pela psicologia, Titchener recusou a menção à consciência como delimitador da experiência individual e adotou inicialmente uma menção genérica aos indivíduos que tem a experiência, a ‘nós’. Embora essa expressão genérica só viesse a ser substituída por um tratamento mais explícito na terceira edição de *An Outline* (Titchener, 1899a), já se anunciava ao longo de sua primeira edição e de

Primer que a referência pressuposta por Titchener para o ponto de vista do indivíduo era, ao contrário de Ward, o organismo individual.

A adoção desta referência alude à transição de Titchener da definição de Ward para aquela de Mach. Defendendo uma unidade fundamental entre as ciências com base na noção de elementos constituintes da experiência e que ao serem abordados pela física seriam tratados apenas como elementos, e ao serem tratados pela psicologia seriam chamados de sensações, Mach considerava que a definição do objeto da psicologia dependeria tão somente da observação da experiência em sua dependência em relação ao organismo.

Uma cor é um objeto físico na medida em que consideramos sua dependência em relação a sua fonte luminosa, a outras cores, ao calor, ao espaço, e assim por diante. Observando, porém, sua dependência em relação a retina (os elementos *KLM...*), ela se torna um objeto psicológico, uma sensação. Não é o objeto, mas a direção de nossa investigação que é diferente nos dois domínios. (Mach, 1897, pp. 14-15)

A mesma tendência também apareceria na obra seguinte de Titchener, *A Primer of Psychology* (1898a), justamente a primeira obra em que ele se referiu diretamente às ideias de Mach. Embora não adotando a mesma terminologia específica, Titchener afirmou que

Tudo pode ser visto de duas formas. Algo pode ser visto como é no mundo, onde um homem pode vê-lo assim como seu vizinho; ou pode ser visto como é na experiência pessoal de alguém. Visto da primeira forma este algo é uma coisa física ou um processo químico; visto da segunda forma ele é sempre um processo mental. (Titchener, 1898a, p. 11)

Além da definição por ponto de vista, um segundo aspecto que Titchener compartilhou com Ward, ampliando-o em seus próprios termos, foi a convicção de que o problema da psicologia consistiria em determinar os elementos e as leis de combinação da vida mental. Titchener afirmava que o objetivo do psicólogo envolvia: “(1) analisar a experiência mental concreta (real) em seus componentes mais simples, (2) descobrir como esses elementos se combinam, quais leis governam sua combinação” (1896, p. 12).

Apesar desta concordância inicial, Titchener divergiu de Ward e incorporou um terceiro elemento em sua proposta. Embora Ward considerasse que a psicologia deveria se beneficiar dos modelos da biologia e da física, para, por um lado, assegurar a correspondência com o que fosse encontrado pela anatomia e pela fisiologia do sistema nervoso, e por outro lado, reproduzir o mesmo critério de análise acurada e descrição rigorosa, ele não chegou a considerar a determinação da correspondência com os processos fisiológicos como um objetivo para a psicologia. Titchener, por sua vez, além de aceitar o apelo aos modelos da física e da biologia, considerava que a psicologia teria ainda um terceiro objetivo, o de “trazer os elementos mentais em conexão com suas condições fisiológicas (corporais)” (1896, p. 12).

Ao incluir este terceiro objetivo, Titchener pretendia assegurar à psicologia o caráter de ciência explicativa. Para isso, ele introduziu uma distinção entre descrição e explicação científica. Descrever significava apresentar todos os elementos constituintes do fenômeno, exigindo para isso a análise das partes e sua reconstrução no todo, mediante a identificação das leis de combinação. A explicação, por sua vez, deveria referir-se à “afirmação das circunstâncias ou condições sob as quais o fenômeno descrito ocorre” (Titchener, 1896, p. 17). No caso dos processos mentais, “as leis de conexão mental, por um lado, e as leis (funções) de certas estruturas corporais, por outro lado” (Titchener, 1896, p. 17). Para justificar a lógica de sua proposta, Titchener destacou a universalidade deste recurso, sem qualquer prejuízo à autonomia das ciências. Segundo ele,

Pode parecer estranho à primeira vista que uma ocorrência em uma ciência (fisiologia) deva ser chamada para explicar uma ocorrência em outra (psicologia). Mas o processo de digestão (fisiológico) é quimicamente explicado; a forma dos ossos do esqueleto (anatômica) é fisicamente explicada (pela lei da alavanca, etc.) e assim por diante. (Titchener, 1898a, p. 19).

Com este argumento, Titchener pretendia assegurar que a psicologia superasse o nível da simples descrição, indo em busca da explicação dos seus fenômenos. Porém, neste caso, ao invés de uma aproximação imediata a Mach, Titchener revelou o que seria uma influência de sua formação em Oxford, adotando para a psicologia o mesmo parâmetro que Burdon-Sanderson defendia para que a biologia se tornasse propriamente científica. Com essa formulação do problema da psicologia a partir da noção de explicação, Titchener também pretendia eliminar a necessidade da noção de causalidade ou agência psíquica como responsável por explicar os processos mentais, o que, segundo ele, levaria a extrapolações metafísicas.

Além destes três indícios que apontam a proximidade de Titchener em relação às ideias de Ward e sua transição à perspectiva de Mach, um aspecto em que isso se revela mais explicitamente foi no tratamento dado à noção de self. Embora considerasse que a unidade da consciência como algo além dos processos mentais era uma hipótese legítima a ser avaliada, Titchener reconhecia que tal tarefa extrapolava os limites da psicologia³³, para a qual a noção de self deveria se restringir à “soma total dos processos conscientes que seguem seu curso sob condições estabelecidas por (...) tendências corporais” (Titchener, 1896, p. 287; 1897b, p. 287; 1899a, p. 300), em especial por sensações cutâneas e visuais.

³³ Segundo Titchener, “a questão: Há qualquer coisa por trás dos processos mentais, alguma mente permanente? e se há, qual é sua natureza? – é uma questão que tem sido muitas vezes apresentada e que vale a pena tentar responder. Mas ela não é uma questão que pode ser levantada pela psicologia” (Titchener, 1896, p. 9).

Não obstante tal tratamento sugerir à primeira vista uma radical diferença em relação à proposta de Ward, pela referência ao organismo, Titchener questionou a restrição apresentada por ele próprio e dedicou o último capítulo de *An Outlines* (1896) à discussão de questões relativas ao self. Lá, ao apresentar a noção de mente na psicologia, Titchener recusou explicitamente duas das visões mais populares sobre o assunto: a que considerava a mente “como um background permanente contra o qual os processos se apresentavam” (Titchener, 1896, p. 339), numa clara referência à Ward, e a que a trataria “como um princípio ativo e diretivo pelo qual os processos são originados e regulados” (Titchener, 1896, p. 339).

Contudo, reconhecendo o limite determinado pelos resultados introspectivos e para verificar a possibilidade de conciliação entre sua proposta e estes tratamentos, Titchener confrontou sua definição de self com três questões fundamentais resistentes às investigações científicas: a existência de um self como algo distinto da ocorrência dos processos mentais, o caráter ativo e a natureza singular ou contínua da vida mental (Titchener, 1896).

Embora afirmasse não haver evidências introspectivas para aceitá-los como fatos, Titchener reconheceu que, em relação às duas primeiras questões, tratavam-se de enigmas que a psicologia era “completamente incapaz de desvendar” (Titchener, 1896, p. 341). Por outro lado, a questão da continuidade da vida mental encontrava tantas evidências a seu favor quanto contrárias (Titchener, 1896). Diante de tais limites, Titchener assumiu que apenas a metafísica, após a reunião dos fatos de todas as ciências, poderia abordar tais questões satisfatoriamente (Titchener, 1896; 1897b).

Elas não podem ser respondidas até termos *reunido os fatos da psicologia e os fatos das outras ciências*: os fatos das ciências naturais, física, química, fisiologia e o resto, de um lado; e os fatos das ciências filosóficas restantes, ética, lógica, estética e o resto, de outro. Essa coordenação de todos os tipos de

fatos científicos pertence à metafísica. Nossas três questões devem ser entregues, portanto, ao metafísico. (Titchener, 1896, p. 342 – destaque no original)

Além de explicitar sua aceitação de uma metafísica indutiva sugerida por Ward e defendida explicitamente por outros autores, como Lotze e Wundt, Titchener não se restringiu a sugerir aos leitores o recurso a uma tal filosofia. Afirmando que “não é satisfatório fazer perguntas e não receber nenhum tipo de resposta” (Titchener, 1896, p. 344), Titchener indicou a proposta de Lotze, explicando sua escolha pelo fato de ter sido ele “um homem que não somente exerceu uma maior influência sobre o pensamento filosófico do que qualquer outro filósofo da última geração, mas que também fez muito pelo avanço da causa especial da psicologia moderna” (Titchener, 1896, p. 344; 1897b, p. 345).

Para tratar da questão da unidade da mente, Titchener citou um trecho da edição inglesa da *Metaphysic* (1887) de Lotze, indicando também sua correspondência no *Microcosmus* (1888). A passagem reproduzida por Titchener, embora longa, reflete a essência do argumento do autor.

É impossível falar de um movimento simples sem pensar na massa que possui esse movimento; e é igualmente impossível conceber uma sensação existente sem a representação acompanhante daquele que a tem.... Qualquer comparação de duas representações que termina com nosso achado de seus conteúdos semelhantes ou diferentes, pressupõe a indivisibilidade absoluta daquele que as compara.... E assim nosso mundo interno de pensamentos em sua totalidade é construído; não como uma mera coleção de múltiplas representações existindo com ou depois de outra, mas como um mundo em que esses membros

individuais são tomados juntos e organizados pela atividade relacionadora desse princípio singular. Isso então é o que entendemos pela unidade da consciência: e é isso que vemos como fundamento suficiente para assumir uma mente indivisível.... É somente uma unidade indivisível que pode produzir ou experimentar efeitos em tudo.... Cada julgamento, o que quer que ele possa afirmar, atesta pelo simples fato de ser pronunciado, a unidade indivisível do sujeito que o profere. (Lotze, 1887 citado por Titchener, 1896, p. 344; 1897b, p. 346)

A pressuposição desta unidade da consciência, que caracteriza o sujeito psicológico ao qual os fenômenos mentais se apresentam, e da indivisibilidade da mente, expressos nesta passagem, também estiveram presentes, como vimos, nas obras de Ward. A presença deste argumento na conclusão de Titchener, após ele ter abandonado tal noção em função da referência ao organismo, é que precisa ser esclarecida.

Uma pista para explicar a escolha de Titchener pode ser encontrada na repercussão de sua obra. Embora tivesse afirmado que, não obstante sua importância, a formulação de tais questões estava fora dos limites da psicologia, e justificado a presença das ideias de Lotze, tal estratégia foi recebida com estranhamento pela crítica, que oscilou entre sua reprovação e a tentativa de entendê-la (Anonymous, 1897; New York Tribune, 1897; Warren, 1896). Mesmo tendo respondido a outros aspectos das críticas ao livro, Titchener não fez qualquer comentário sobre a presença de Lotze e a coerência de suas ideias em relação à psicologia experimental. Esta situação parece autorizar a interpretação de um de seus críticos segundo a qual, em relação a noção de self defendida por Lotze, “aparentemente o Professor Titchener

não negaria isso. O que ele nega é que a psicologia possa oferecer semelhante noção” (The New York Tribune, 22 sept. 1897, p. 8)³⁴.

Se tal interpretação estiver correta, o que parece se revelar no tratamento dado ao self é que, mesmo não tendo seguido o caminho dos “mestres da metafísica” (Butler, 1889), Titchener continuou a respeitar algumas de suas conclusões e procurou conciliá-las com os resultados científicos. Embora Titchener tenha recusado as duas visões populares sobre o assunto como ponto de partida para as investigações da psicologia experimental por considerar que tais formulações traziam em si o germe da especulação, isso não significou, contudo, que ele não acreditasse em uma conciliação não-contraditória entre uma noção cientificamente estabelecida de self e seu tratamento filosófico, em particular, nos termos de Lotze³⁵. Ou seja, Titchener recusava o que ele considerava ser o fazer psicologia filosoficamente, mas parecia aceitar uma psicologia construída experimentalmente e em harmonia com as interpretações filosóficas, mesmo sem explicar como se daria essa harmonização.

Com isso, Titchener estaria tentando levar adiante e com maior rigor a proposta de Ward de que a ciência não deveria assumir compromisso prévio com qualquer tese filosófica. A referência específica às ideias de Lotze, porém, indicaria que, assim como Ward, Titchener considerava que o resultado natural da especulação, a partir do ponto de vista da psicologia, conduziria a uma interpretação idealista.

Pouco tempo depois, contudo, Titchener deu sinais de estar consciente das dificuldades desta conciliação, indicando também sua aproximação a outra abordagem para o assunto. Em *A Primer of Psychology* (1898a), Titchener foi mais analítico ao distinguir três

³⁴ Titchener reuniu algumas das avaliações recebidas por seus primeiros livros em um caderno que hoje faz parte de seu acervo em Cornell. A avaliação citada está incluída neste caderno (Titchener, undated, box 9, Photos, plaques and manuscripts)

³⁵ Sem responder à sua própria questão sobre a possibilidade da reconciliação entre a psicologia experimental e a visão popular, Titchener conclui o capítulo considerando que, apesar da proximidade entre esta última e o tratamento dado por Lotze, o filósofo reconhece seus limites e é capaz de dar razões para suas opiniões.

aspectos constituintes do conceito de self: o self percebido, isto é, um conjunto de sensações orgânicas e cutâneas experimentadas como relativas a si próprio; a ideia abstrata formada a partir de uma imagem do corpo em contraste com seu ambiente usual e, por fim, o self lógico, abstraído da auto-imagem social, profissional, moral etc.

Ao comentar a representação abstrata do self, Titchener (1898a, p. 226) fez sua primeira menção direta ao livro de Mach, *Beiträge zur Analyse der Empfindungen* [Contribuições à Análise das Sensações] (1897)³⁶, recorrendo a uma ilustração dada pelo autor em seu livro. Segundo Titchener

Quão sombrio o self representado pode se tornar é divertidamente ilustrado pela estória que o professor Mach, de Vienna, conta em seu livro sobre a Análise das Sensações. “Eu entrei em um ônibus uma manhã”, ele escreve, “depois de uma noite cansativa em um trem, no mesmo momento em que alguma outra pessoa estava entrando no final do trem. “Algum professor esgotado”, eu pensei. Ele era eu próprio: havia um grande espelho oposto na porta do ônibus”. A figura profissional foi reconhecida antes da figura pessoal. (Titchener, 1898a, p. 226)

Embora não faça mais considerações sobre as ideias de Mach acerca do self nesta obra, sua menção representa mais um indício da aproximação de Titchener com as interpretações do autor que, ao recusar toda consideração metafísica do self, afirmava que

³⁶ Publicada originalmente em alemão em 1886, a obra foi traduzida para o inglês em 1897. Embora Titchener não indique especificamente nenhuma edição, é possível supor que ele a tenha lido em sua versão original, tal como ocorreu com outra obra de Mach, *Die Mechanik in ihrer Entwicklung historisch-kritisch dargestellt* [A Ciência da Mecânica], publicada em 1883 e traduzida apenas 10 anos depois (Titchener, 1894a).

Se um conhecimento da conexão dos elementos (sensações) não é suficiente para nós e perguntamos *Quem* possui essa conexão de sensações, *Quem* experimenta as sensações?, então nós sucumbimos ao hábito de subsumir todo elemento (toda sensação) sob algum complexo *não-analisado* e retrocedemos imperceptivelmente em um mais antigo, inferior e limitado ponto de vista. (Mach, 1897, p. 20 – destaques no original)

Ao invés disso, Mach defendia que tal como ocorreria com a noção de corpo, o ego ou self deveria ser considerado apenas como um recurso provisório para se referir à conexão de elementos, um nome singular escolhido por um princípio de economia da representação mental. Por outro lado, reconheceu um fato da experiência que, segundo ele, se impunha em relação ao self: a percepção de sua relativa permanência. Segundo Mach (1897), tal permanência seria devida à continuidade e à lenta mudança a que as sensações estariam submetidas. Essa continuidade seria entendida, por sua vez, como “um meio de predisposição e conservação daquilo que está contido no ego. Esse conteúdo, e não o ego, é a coisa principal” (Mach, 1897, p. 20). Em outras palavras,

Os muitos pensamentos e os planos de ontem que continuam hoje e dos quais nosso ambiente das horas despertas incessantemente nos lembra (...) e os pequenos hábitos que são inconscientemente e involuntariamente mantidos por longos períodos de tempo constituem o fundamento do ego. (...) O caráter gradual das mudanças do corpo também contribui para a estabilidade do ego, mas em um grau muito menor do que as pessoas imaginam. (Mach, 1897, pp. 3-4)

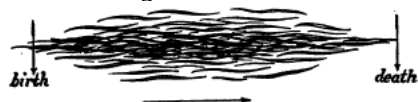
Abandonando, portanto, o tratamento do self como uma unidade real, portadora de características como singularidade e agência, Mach propunha considerá-lo apenas em termos de continuidade das sensações. Segundo ele, “se tomarmos o ego simplesmente como uma unidade *prática*, reunida para propósitos de um levantamento provisório, ou simplesmente como um grupo de elementos mais fortemente coerente” (Mach, 1897, p. 21-22), não apenas os obstáculos filosóficos desapareceriam, como a pesquisa teria seu futuro “desobstruído”.

Refletindo esta formulação, além de reconhecer em sua obra que “a ideia de self é, portanto, formada conforme a ordenação da natureza, como todas as ideias são” (Titchener, 1898a, p. 228), Titchener passou a considerar que os conteúdos do self relacionados à ideia de individualidade deveriam ser explicados pelo estudo das condições das diferentes formas de vida social e do desenvolvimento da linguagem, incluindo, entre outros, a atribuição de nomes próprios (Titchener, 1898a).

Na terceira edição de *An Outline* (1899a), em coerência com este tratamento, Titchener acrescentou novos elementos à sua consideração sobre o self, afirmando que a centralização das sensações orgânicas em determinadas partes do córtex cerebral, associada a fatores como os componentes afetivos, deveria explicar sua estabilidade. Segundo ele,

Deve haver uma linha contínua, a linha deste self orgânico, seguindo através do emaranhado de processos representado na Fig. 1 (p. 12)³⁷ – às vezes focal, muitas vezes marginal em seu curso, mas nunca inteiramente ausente. Os conteúdos restantes da ideia de self podem variar dentro de limites amplos. Assim a ideia pode ser aquela do self total ou de algum self parcial (...). Cada

³⁷ A figura aludida por Titchener é esta reproduzida abaixo, que mostra o desenvolvimento dos processos mentais ao longo da vida.



(Titchener, 1899a, p. 12)

uma dessas ideias conterá um diferente grupo de reproduções ou um diferente conjunto de suplementos verbais, embora o cerne de tudo – os componentes da ideia de self permaneçam os mesmos.

A ideia de self é mantida extremamente estável pela constante repetição de conexões entre seus componentes. Ela é ainda mais unida e assim mantida pelos sentimentos de prazer e desprazer. (Titchener, 1899a, pp. 302-303)

Além da clara aproximação com a abordagem de Mach, este tratamento dado ao self foi também acompanhando pela eliminação da referência à proposta de Lotze e a adoção de um novo tratamento para as questões últimas acerca do objeto da psicologia.

Titchener entendia agora que a persistência dos tradicionais enigmas acerca da vida mental era devida a fatores extra-psicológicos, onde se pode ler, filosóficos (Titchener, 1899a). Em relação ao primeiro deles, Titchener apoiou-se na interpretação do filósofo e psicólogo alemão Hermann Ebbinghaus (1850-1909) para defender que os argumentos a favor da existência do self “não são somente incapazes de manter a convicção por seus próprios méritos; eles são essencialmente mais fracos do que os argumentos em contrário” (Ebbinghaus citado por Titchener, 1899a, p. 358). Ele também evocou Külpe para afirmar que a ideia de uma atividade do self “se reduz sempre a sensação e afeição” (Titchener, 1899a, p. 358). Já em relação à questão de sua continuidade, embora reconhecesse haver grandes interrupções na experiência mental, como a demonstrada no sono ou nos episódios de esquecimento, Titchener continuou aceitando que toda evidência a seu favor encontrava igualmente uma evidência contrária, não havendo, neste caso, razões psicológicas para pressupô-la (Titchener, 1899a).

Diferentemente do que ocorreu nas duas primeiras edições desta obra, embora reconhecendo que caberia à metafísica o papel de unificar e harmonizar as leis e resultados

das ciências, Titchener também deixou de atribuir à metafísica a responsabilidade por lidar com tais questões. Ao contrário, a sugestão é que tais problemas permanecessem no campo legítimo da ciência. Aceitando as limitações impostas pela introspecção, seu posicionamento sobre elas era claro: “Até agora, então, não encontramos nenhuma razão para mudar nossa posição” (Titchener, 1899a, p. 359).

Desta forma, o que se constata é que a adesão de Titchener à proposta de Ward em relação à definição do objeto da psicologia transformou-se rapidamente ao longo da fase inicial de desenvolvimento de suas ideias. A definição por ponto de vista, herdada das ideias de Ward, representou um aspecto favorável à aproximação de Titchener à perspectiva de Mach, a partir da qual ele acreditou poder atribuir à psicologia o estatuto de uma ciência explicativa. Por outro lado, Titchener ainda manteria uma importante premissa recusada por Mach: a do papel da metafísica indutiva para as ciências.

2.3 O TRATAMENTO METAFÍSICO DA EXPERIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA

Embora tradicionalmente ignoradas pela literatura secundária, as considerações de Titchener a respeito das teses filosóficas sobre a natureza última da experiência humana oferecem importantes elementos para a compreensão de sua própria perspectiva sobre o assunto. Em uma de suas primeiras manifestações sobre as questões metafísicas, por exemplo, Titchener já revelava sua simpatia com a crítica de Ward e Lotze ao materialismo em psicologia³⁸. Um exemplo disso está em seu comentário ao trabalho de Ward, “*Modern Psychology: A Reflexion*” (Ward, 1893). Nesta obra, Ward ataca o materialismo psicofísico que caracterizava parte da psicologia experimental da época, refletido especialmente na proposta

³⁸ Embora tivessem surgido neste período outras críticas ao materialismo em psicologia, como por exemplo as de Wundt, é ao trabalho de Ward a que Titchener se refere explicitamente, o que pode ser considerado um índice de sua afinidade com esta formulação em particular.

de um ex-aluno de Wundt, Hugo Münsterberg (1863–1916). Segundo Ward, para esta proposta

Os processos cerebrais fornecem a pedra de toque da verdade, o fundamento sólido da natureza para o psicólogo “moderno”: os processos mentais que ele pode correlacionar com estes, tanto realmente quanto hipoteticamente, ele reconhece como fato, e qualquer um que ele não possa correlacionar com os processos cerebrais ele está pronto a estigmatizar como ficção ou “Hilfsbegriffe” e relegar à metafísica, em outras palavras, a abandonar como escória ou sonho. (Ward, 1893, p. 54)

Embora Titchener discorde da conclusão de Ward acerca da identificação entre a psicologia experimental e o associacionismo, ele reconhece que “com a maior parte do artigo do Dr. Ward – com o espírito, se não com a letra – eu estou profundamente de acordo” (Titchener, 1893, p. 455). Sua concordância com o espírito da crítica ao materialismo expressa no artigo se mostrou ainda mais explicitamente em *Scientific Psychology* (Titchener, 1897a). Neste trabalho, Titchener defende que

a psicologia moderna não pode levar ao materialismo. Porque a fórmula da filosofia materialista apresenta que: a mente é material, o resultado ou função da matéria. A proposição parece bastante simples, e ainda assim ela esconde nada menos do que duas transcendências. Em primeiro lugar, o que é matéria? Nós devemos nos lembrar que a experiência é, em si mesma, unitária, uma totalidade. Nós podemos abstrair vários aspectos dela para o propósito do conhecimento humano, mas essa abstração não divide realmente a experiência

ou a corta em partes. Em vista disso “matéria” é um tipo de personificação do aspecto independente da experiência; aqueles elementos da experiência que são independentes do indivíduo que tem a experiência têm sido abstraídos de sua totalidade e situados sob o nome de matéria, como se eles existissem por eles próprios. (...) Ou seja, o materialismo não satisfeito em ter uma abstração unilateral como a realidade última e final do mundo, agora passa a tomar a outra metade da experiência, que ele tinha previamente ignorado, e igualá-la à primeira, à metade abstraída; e isso desafiando o fato de que a segunda metade é em suas características muito diferente da primeira e de que é uma das primeiras regras do pensamento lógico não tratar de um departamento do pensamento dentro de outro. (Titchener, 1897a, pp. 399–400)

Além desta crítica, que reaparecerá em outras obras de Titchener (cf. 1897b; 1898a), outro exemplo da influência das ideias de Ward para escapar de uma interpretação materialista diz respeito à noção de paralelismo psicofísico e sua resolução em uma metafísica monista. Partindo da noção de unidade da consciência, Ward (1883a) aceitava a metáfora usada por Fechner e considerava que a relação entre o físico e o psíquico deveria ser entendida como aquela entre o côncavo e o convexo, e jamais em termos de interação recíproca. Segundo ele, toda forma de ocasionalismo deveria ser superada com a suposição de um monismo psicofísico, compatível com um tratamento idealista para a psicologia (Ward, 1883a).

Qualquer que seja o valor filosófico de uma tal doutrina [monismo psicofísico – acréscimo nosso], ela é manifestamente desejável (...). Quando duas ciências estão em questão, é indispensável que a posição e os conceitos de cada uma

sejam livres de toda confusão. E qualquer que seja o resultado final, sustenta-se que o tratamento da Psicologia, que é conhecido como aquele do idealismo subjetivo, é o que provavelmente se atesta como mais logicamente coerente, e é aquele que deve melhor servir à coordenação dos fatos psíquicos com os físicos, quando chegar a hora de tentar isso cientificamente. (Ward, 1883a, p. 169)

Se tal passagem não permite afirmar que o monismo psicofísico desejado por Ward era idealista, deve-se reconhecer que o mesmo seria favorecido por uma psicologia construída nestes termos.

Titchener, por sua vez, embora não se refira inicialmente e de forma explícita à interpretação de Fechner, aceitou a máxima compartilhada por muitos fisiologistas e psicólogos da época de que “não há estado mental que não tenha um estado nervoso peculiar correspondente a ele” (Titchener, 1896, p. 342). Na primeira edição de *An Outline* (1896) Titchener considerou que tal paralelismo psicofísico era “simplesmente uma afirmação de fato, não uma explicação da relação mente e corpo” (Titchener, 1896, p. 342), sendo útil porém para evitar a visão popular acerca da causalidade recíproca entre fenômenos mentais e corporais. Por outro lado, além de tal utilidade, Titchener reconheceu o legítimo interesse humano em ir além desta simples afirmação e “perguntar como mente e corpo estão relacionados no mundo como um todo, como eles se apresentam um ao outro na ordem geral de eventos do universo” (Titchener, 1896, p. 343). Tal investigação, assim como aquela sobre a natureza última da mente, pertenceria à metafísica. E neste âmbito, foi mais uma vez a Lotze que Titchener recorreu, citando outro trecho da *Metaphysic*.

Nós desistimos daquela divisão simples e completa da realidade que coloca a matéria de um lado e a mente, de outro... Tudo o que supomos conhecer da matéria como uma existência óbvia e independente ... foi dissolvido na convicção de que a própria matéria, junto com o espaço, ... nada mais é do que uma aparência para nossa percepção, e que essa percepção surge dos efeitos recíprocos que as existências, em si mesmas suprasensíveis, produzem uma sobre a outra e, conseqüentemente, também sobre a mente. (Lotze, 1887 citado por Titchener, 1896, p. 345)

Ao citar a recusa de Lotze de uma divisão essencial entre mente e matéria, apresenta-se também nesta passagem a consideração desta última como uma aparência da percepção, o que remonta à perspectiva idealista do autor, escolhida por Titchener como exemplo para o tratamento da relação mente e corpo.

Na segunda edição de seu livro, porém, Titchener (1897b) realizou uma importante alteração em relação ao assunto: mesmo mantendo a interpretação de Lotze acerca da unidade da mente, como discutido no tópico anterior, Titchener eliminou esta citação sobre da relação entre mente e corpo e introduziu uma discussão sobre a natureza da experiência e os diferentes tratamentos dados pela metafísica. Em sua nova formulação, Titchener afirmava que,

O fato dado a partir do qual a teoria do universo deve se estabelecer é a experiência humana concreta, individual. Essa experiência não é nem subjetiva nem objetiva, nem experiência do self nem experiência do mundo, o não-self. Ela é singular e indiferenciada. Por lentos graus, entretanto, ela se divide em duas metades: sujeito e objeto se apresentando um contra o outro, como coisas

separadas, o objeto tomando forma muito mais rápido e definidamente do que o sujeito (cf. § 1). Após a divisão se completar e a humanidade alcançar um estágio de desenvolvimento suficientemente alto, cada metade é tomada como a base de um grupo de ciências especiais. A metade objetiva é abstraída da totalidade e trabalhada nas ciências naturais ou físicas; a metade subjetiva é abstraída da totalidade e trabalhada nas disciplinas filosóficas ou mentais. A primeira trata da experiência por abstração, como independente de quem tem a experiência; a última a trata, por similar abstração, exclusivamente em sua dependência sobre o indivíduo que tem a experiência. (Titchener, 1897b, p. 344)

Com esta alteração e a consideração da experiência humana concreta como um dado indiferenciado a partir do qual se estabelece a distinção entre pontos de vista, Titchener confirmava seu afastamento em relação à proposta de Ward e Lotze e a indicava sua aproximação em relação à perspectiva de Ernst Mach, declarada em sua carta a Boring (Titchener, 1921b). Um aspecto em especial que demonstra esta aproximação é a semelhança entre sua consideração sobre a experiência e o pressuposto fundamental de Mach acerca da construção da noção de self, ilustrado por uma figura da visão de si mesmo que um homem tem, presente em *Beiträge zur Analyse der Empfindungen* [Contribuições à Análise das Sensações] (1897). Segundo Mach,

O cerne da minha exposição está na elucidação da Fig. 1 da *Análise*. Nós chegamos a ela ao observar crianças e nos colocarmos nós próprios de volta a nossa infância inicial, quando estávamos apenas aprendendo a diferenciar nossos corpos do ambiente. Naquele ponto, não conhecemos nada de matéria e

espírito, de físico e psíquico, de objeto e sujeito, estímulo e sensação. Tudo ainda consiste de ingredientes homogêneos ABDC..., que não são em si mesmos nem físicos nem psíquicos, mas indiferentemente neutros. Eles primeiro se tornam físico ou psíquico através do tipo particular de dependência que temos em vista. (Mach citado em Banks, 2003, p. 110)

Apesar desta aproximação em relação ao ponto de partida em uma experiência neutra, diferentemente da postura antimetafísica adotada por Mach, Titchener manteve a defesa de uma atribuição específica e positiva para a metafísica: “tomar as conclusões alcançadas por meio das duas abstrações da experiência (...) e sob sua luz explicar o fato dado a partir do qual elas são derivadas, a experiência concreta” (Titchener, 1897b, p. 344-345). Com base em tal concepção, Titchener também acrescentou uma breve consideração sobre as interpretações metafísicas que surgiram ao longo do tempo.

Titchener reconheceu que diferentes respostas foram dadas pela filosofia na consideração da natureza real da experiência: a materialista, que afirmava que a realidade última é material; a idealista, que a considerava como mental; a dualista, que reconhecia o caráter temporariamente insolúvel da divisão da experiência; e a monista, que defendia que tal natureza não é “nem mental nem material, mas alguma coisa diferente de ambas” (Titchener, 1897b, p. 345) e cuja unificação era tão possível quanto necessária.

Ao afirmar o caráter indiferenciado da experiência originária, Titchener se afastava tanto da premissa básica do idealismo em geral, quanto daquela do materialismo – que ele considerava uma proposta defasada –, aproximando-se de uma interpretação que ele próprio classificou como monista (Titchener, 1897a, 1897b).

Aqui, porém, uma contradição se explicita: embora tenha começado sua digressão afirmando o caráter singular e indiferenciado da natureza última da experiência, indicando

claramente a defesa de uma interpretação monista, Titchener considerou a opção entre o idealismo, o dualismo e o monismo como uma decisão de cada pesquisador e concluiu o tópico afirmando que “se, entretanto, estivermos procurando pelo guia da autoridade, deveremos nos voltar naturalmente aos trabalhos de Hermann Lotze”, um autor que, embora “rejeite definitivamente a ideia de mente como alguma coisa substancial subjacente às suas manifestações e procure concebê-la como a ‘lei concreta’ dessas manifestações, toma contudo a posição de um completo idealismo em metafísica” (Titchener, 1897b, p. 345). Após tal afirmação, Titchener reapresentou a citação de Lotze sobre a unidade da mente, analisada no tópico anterior.

Esta aparente contradição de Titchener entre a defesa de um monismo neutro e a autoridade idealista de Lotze pode refletir, por um lado, uma concessão à influência do autor alemão no contexto anglo-americano e em sua formação em Oxford ou mesmo sua real simpatia em relação a algumas das contribuições de Lotze, em especial à noção de metafísica indutiva. Por outro lado, ela sugere igualmente as profundas dificuldades de Titchener em encontrar uma formulação filosófica que fosse coerente com os resultados e premissas da ciência e, ao mesmo tempo, permitisse enfrentar aquelas que ele considerava serem questões fundamentais a respeito do objeto da psicologia.

Embora Titchener não demonstre ter considerado as implicações de sua tentativa de combinar o ponto de partida em um monismo neutro com a conclusão em uma metafísica idealista, outros indícios de suas transformações intelectuais se mostraram em um curto intervalo de tempo. No prefácio de *A Primer of Psychology* (1898a), a mesma obra em que ele deu o primeiro sinal de sua insatisfação a respeito do tratamento metafísico do self, Titchener comentou as relações da psicologia com a ontologia e a epistemologia. Nesta ocasião, a maior ameaça para a psicologia não era mais o materialismo. Segundo ele,

Afirma-se muitas vezes que, por um lado, a psicologia moderna conduz a uma metafísica materialista e, por outro lado, que ela procede em flagrante desrespeito em relação à moderna teoria do conhecimento. Eu não posso admitir que qualquer das acusações seja bem fundamentada. Eu acredito que o materialismo – a ontologia do *Kraft und Stoff* e do “Discurso de Belfast” – é completamente inaceitável para os pensadores cientistas dos dias atuais; e que o principal perigo que aflige o psicólogo, em particular, é aquele de cair não em um materialismo grosseiro, mas sim em um espiritualismo igualmente bruto. Eu acredito, além disso, e embora eu tenha os escritos do Professor Ward em mente, que a psicologia, como toda ciência, tem o pleno direito a suas próprias suposições metodológicas, sem se preocupar se elas concordam ou não com as conclusões da epistemologia, – desde que a discordância seja reconhecida como temporária e que as suposições não sejam proclamadas como fatos além dos limites das ciências especiais. (Titchener, 1898a, p. viii)

Embora reforce sua aversão ao chamado materialismo científico ou vulgar de Büchner, Vogt e Moleschot, e rejeite a proposta de John Tyndall, autor do famoso Discurso de Belfast, Titchener foi explícito ao considerar que o verdadeiro risco para a psicologia de seu tempo era o envolvimento com as teses espiritualistas, uma referência direta à perspectiva defendida por Lotze³⁹ e seus simpatizantes. Tal posicionamento por parte de Titchener deve ser entendido no contexto de resposta a Ward, que entre 1896 e 1898 havia proferido cinco conferências na Universidade de Aberdeen criticando o naturalismo e sua associação com o agnosticismo⁴⁰. Nesta ocasião, Ward atacou, entre outros aspectos, a hipótese do monismo neutro defendida

³⁹ Segundo Beiser (2013), a partir de *Microcosmus* Lotze adotou a denominação espiritualismo para referir-se à sua versão do idealismo.

⁴⁰ Embora essas conferências só tenham sido reunidas em livro e publicadas em junho de 1899, seu conteúdo já reverberava nos círculos intelectuais da época e em publicações anteriores do autor.

pelos naturalistas, afirmando que as reflexões sobre o dualismo entre mente e matéria mostravam que

a unidade da experiência não pode ser recolocada por algo desconhecido que não é melhor do que o abismo entre duas séries distintas de fenômeno e epifenômeno. Uma vez que o materialismo é abandonado e o dualismo se mostra insustentável, o monismo espiritualista permanece a única opção estável. (Ward, 1906, p. xii)

Ao alertar para o risco representado pelo espiritualismo em psicologia e defender a autonomia das suposições metodológicas da psicologia frente às recomendações epistemológicas de Ward, Titchener deixa claro seu reposicionamento em relação à perspectiva presente em sua formação em Oxford, refletindo ele próprio um contexto de reação ao idealismo que, na virada do século, influenciava intelectuais e reunia cada vez mais simpatizantes (Walsh, 2000; Willis, 1988).

Uma tomada de posição definitiva entre as tendências representadas pelo idealismo de Lotze e Ward e o monismo neutro, sem incorrer no materialismo, só apareceria para Titchener na terceira edição do *An Outline* (1899a), onde ele apresentou também sua explicação para a persistência destas propostas.

Com a reformulação do tópico sobre o tratamento metafísico da mente, a referência a Lotze foi completamente eliminada. Ao apresentar o materialismo, Titchener o descreveu como uma consequência lógica do desenvolvimento precoce das ciências naturais e do pensamento filosófico primitivo. Ao passo que, na filosofia moderna, sua persistência seria explicada por outros motivos.

Ele sem dúvida fornece a um certo tipo de mente uma explicação do universo que segue a “linha de menor resistência” na construção especulativa; mas ele também tem sido mantido vivo como ele foi, artificialmente, sem qualquer dúvida, por sua utilidade polêmica, suas implicações anti-teleológicas e anti-espiritualistas. (Titchener, 1899a, p. 365)

Não obstante este apelo da interpretação materialista, a afirmação da mente como “resultante dos mais finos e delicados movimentos das moléculas cerebrais ou como secreções da atividade geral do cérebro” (Titchener, 1899a, p. 365), que Titchener identifica com a proposta do físico e filósofo francês Pierre Jean Georges Cabanis (1757-1808), é mais uma vez considerada por ele como ultrapassada.

Seu oponente direto, o espiritualismo, é apresentado por Titchener de forma genérica a partir da tese de que “as coisas reais do universo são mentes independentes, simples e substanciais” e que a matéria “é, em sua essência, nada mais do que um complexo de ideias” (Titchener, 1899a, p. 365). Apesar de considerá-lo tão unilateral quanto o materialismo, Titchener reconheceu o que seriam suas vantagens emocionais.

Em primeiro lugar, ele é uma teoria da aspiração, uma teoria que parece enobrecer o mundo elevando-o a um plano mais alto do que aquele da matéria bruta. Em segundo lugar, ele é uma teoria antropocêntrica. O materialismo situa a realidade das coisas fora e à parte do homem; o espiritualismo declara que a parte essencial do homem, sua mente, é unificada com a realidade do universo. O esquema do mundo é enobrecido, e enobrecido por ser humanizado. (...) Quando acrescentamos a isso o fato de que o espiritualismo é capaz de uma formulação muito mais lógica e compreensiva do que o

materialismo, nós não devemos nos surpreender de encontrar que, embora talvez não seja tomado na forma precisa em que ele foi enunciado acima, o espiritualismo (como “idealismo” em uma de suas muitas formas) é hoje a metafísica reinante. (Titchener, 1899a, p. 365-366)

Não bastassem tais declarações para compreender a simpatia de Titchener com o idealismo de Lotze, ele também defendeu a compatibilidade entre a ciência e as sínteses filosóficas afirmando que “podemos aceitar todos os resultados da psicologia científica e adotar o princípio do paralelismo como uma regra de trabalho empírica, – e ainda ser materialista ou espiritualista em nosso credo filosófico” (Titchener, 1899a, p. 366). Contudo, ele continua, “nem a hipótese materialista nem a espiritualista recebem qualquer suporte, seja da psicologia como um todo, seja da interpretação paralelista da psicologia” (Titchener, 1899a, p. 366).

O que tais passagens refletem é o que se constata na própria trajetória de Titchener. Mesmo tendo cultivado uma postura científica, baseada no paralelismo psicofísico como hipótese de trabalho, Titchener teria preservado por algum tempo um credo filosófico idealista, manifesto no tratamento dado às questões últimas da psicologia e na defesa de uma metafísica indutiva, que se ocuparia com a síntese dos resultados das ciências (Titchener, 1896; 1897b).

Contudo, se tal solução foi suficiente ao tempo das duas primeiras edições do *An Outline*, a situação em 1899 era outra. Titchener teria percebido a fragilidade de sua tentativa de conciliação inicial e o impasse representado pelas opções disponíveis, situando-se definitivamente em um novo caminho. Titchener reconheceu – e este é um grande marco no que diz respeito às suas inclinações filosóficas – que “a metafísica para a qual a ciência aponta é muito mais uma metafísica em que tanto matéria quanto espírito desaparecem, dando

caminho para a concepção unitária de *experiência*” (Titchener, 1899a, p. 366 – destaque no original).

Neste momento e refletindo uma tendência de sua época (Stubenberg, 2016), Titchener teria encarado o apelo à experiência como entidade neutra e indiferenciada como alternativa à metafísica tanto idealista quanto materialista, e como solução para o problema do self e da relação mente-corpo.

Estabelecida sua nova referência metafísica, Titchener reapresentou a interpretação para o desenvolvimento da distinção entre as duas abstrações da experiência e para os termos da relação entre os fenômenos mentais e corporais. Segundo ele,

A teoria do *paralelismo psicofísico* declara que a relação da mente com o corpo é a relação do côncavo com o convexo no círculo. Se estamos trabalhando em psicologia, nosso mundo é côncavo; qualquer mudança no mundo é simplesmente uma mudança de concavidade. Se estamos trabalhando na ciência natural, nosso mundo é convexo; qualquer mudança nele é simplesmente uma mudança de convexidade. Na verdade, no entanto, toda mudança em um lado segue paralela a uma mudança correspondente no outro: a concavidade não pode se alterar sem alteração de convexidade e *vice versa*. (Titchener, 1899a, p. 363 – destaques no original)

Embora Titchener tenha utilizado a mesma metáfora de Fechner presente em Ward (1883a), ela agora está fundamentada na suposição de um terceiro elemento, de caráter neutro, distinto daquele da expectativa idealista de Ward. Titchener também apresentou as vantagens do monismo neutro para o homem de ciência, assim como fizera com as propostas materialista e idealista. Segundo ele,

O psicólogo não pode hesitar muito tempo entre as escolhas oferecidas a ele. A filosofia da experiência aponta a ele seu lugar ao lado do físico e do químico; justifica seu princípio de funcionamento como um prenúncio da relação real do ‘mental’ com o ‘corporal’ e retira a própria filosofia das nuvens da especulação para servir de guia e diretor do progresso científico. Como um homem da ciência, ele está lidando com um organismo – com uma estrutura organizada, um sistema de funções, um todo em desenvolvimento; ele não tem preocupações com finalismos. Como filósofo, refletindo sobre os dados, métodos e resultados da ciência e da investigação científica, ele encontra um repouso para o pensamento na Experiência, – aquela que, como Shadworth Hodgson⁴¹ diz, não há palavra mais ampla mas para a qual, em última instância, nós não temos qualquer meio ou material para enquadrar em qualquer hipótese. (Titchener, 1899a, p. 367-368)

Como se vê nesta passagem, embora as ciências empíricas adotem a experiência humana concreta e individual como ponto de partida e seus resultados sugiram uma metafísica monista, como ele próprio reconhecerá, Titchener também deu sinais de não querer comprometer-se publicamente, ou mais profundamente, com tal conclusão. Isso explicaria também a menção à postura de Hodgson, tida por muitos como neutra em relação ao idealismo e ao materialismo (Carr, 1929).

⁴¹ Já citado como um dos que questionaram o idealismo britânico (cf. cap. 1, p. 11), o filósofo formado no Corpus Christi College, da Universidade de Oxford, Shadworth Hollway Hodgson foi um dos fundadores da Sociedade Aristotélica e seu primeiro presidente (entre 1880 e 1894). Desenvolveu toda sua carreira fora das universidades e foi tido como representante de uma proposta que não se aproximava nem do idealismo nem do materialismo, tornando-se um filósofo reconhecido em território britânico e norte-americano no período (Carr, 1929; Mander, 2014b). Com a publicação dos quatro volumes de sua obra máxima, *The Metaphysic of Experience* (1898), Hodgson foi considerado “um pensador original e um profundo erudito” (Carr, 1929, p. 362), sendo especialmente admirado por William James (1842-1910) e recebendo títulos importantes das Universidades de Oxford e Edinburgo (Mander, 2014b).

Não obstante tal atitude e apesar do aparente desinteresse de Titchener por Avenarius durante sua formação em Leipzig, ele introduziu uma referência indireta ao fundador do empiriocriticismo na conclusão da terceira edição de *An Outline*. Em seu último capítulo, Titchener sugeriu dois artigos de Friedrich Carstanjen (1864-1925), um historiador da arte profundamente influenciado por Avenarius: *R. Avenarius' biomechanische Grundlegung d. neuen allg. Erkenntnistheorie* [A fundação biomecânica da nova teoria geral do conhecimento de R. Avenarius] (1894) e *Richard Avenarius and his general theory of knowledge, Empiriocriticism* (1897).

Na apresentação do empiriocriticismo feita por Carstanjen (1897) destacam-se alguns dos aspectos em relação aos quais Titchener se aproximava em 1899: uma concepção unitária de mundo em oposição ao tratamento dualista baseado na distinção fundamental entre o físico e o mental; a eliminação de qualquer causalidade psíquica; a pressuposição das relações de dependência estabelecidas entre o indivíduo e determinadas condições de seu ambiente e, por fim, a recusa metodológica da hipótese do espírito ou consciência⁴².

Embora as referências de Titchener indiquem que ele efetivamente esteve mais próximo a Mach do que a Avenarius, tal indício confirma o que Titchener reconheceria apenas muito tempo depois, em carta a Leonard Carmichael (1898-1973), isto é, não sua aceitação específica das ideias de Mach, mas “a tendência em torno do empiriocriticismo se revelando clara e forte no capítulo 15 reescrito da edição de 1899” (Titchener, 1925a, #2).

Não obstante sua aproximação a tal tendência, a menção a Hodgson também revelou outro aspecto que caracterizou a transição de sua simpatia com o idealismo em direção às perspectivas empiriocriticistas. Uma vez que não há indícios de sua aceitação da proposta

⁴² Com isso, Carstanjen defende que a proposta de Avenarius diferenciava-se do materialismo, para quem a recusa do espírito ou consciência figurava como uma questão de princípio. Para o empiriocriticismo de Avenarius tratava-se tão somente de reconhecer o desconhecimento sobre o assunto (Carstanjen, 1897).

metafísica de Hodgson⁴³, a referência a seu nome parece demarcar um ponto em que, como mencionamos anteriormente, Titchener procurou, naquele momento, manter-se afastado de Mach: a defesa de uma metafísica indutiva a ser construída com base na experiência.

A este respeito é importante considerar que embora Titchener também já tivesse conhecimento da proposta de Wundt, publicada dez anos antes, em seu *System der Philosophie* (1889), ele não fez qualquer referência às ideias de seu professor, o que reforça o fato de não ter sido sob a influência de sua formulação específica que ele aceitou tal proposta.

Além disso, enquanto para Mach a unificação das ciências era algo a ser alcançado dentro do domínio científico (Frank, 1970), mediante a definição de elementos e da dependência funcional entre eles, eliminando assim qualquer conflito posterior, para Titchener o caminho seria diferente. A identidade das ciências em relação ao ponto de partida na experiência concreta não dispensaria a necessidade da harmonização de seus resultados pela metafísica, o que extrapolaria os limites de qualquer disciplina especial. Titchener sustentará este papel para a metafísica até a completa e exaustiva revisão de seu *An Outline*, realizada entre 1907 e 1909 (Titchener, 1907a, 1907c), dando origem a uma nova etapa de seu projeto de psicologia, expresso em uma de suas obras mais influentes, *A Text-book of Psychology* (1910).

2.3 A PSICOLOGIA ESTRUTURAL NO FINAL DO SÉCULO XIX

Acompanhando as transformações nas concepções fundamentais da psicologia de Titchener, a definição do objeto de estudo da área passou a reconhecer explicitamente a

⁴³ Titchener compartilhou com Hodgson a defesa da substituição do conceito de causa por aquele de condições de ocorrência dos fenômenos, expressando-se inclusive de forma muito semelhante ao filósofo britânico (cf. Hodgson, 1898, pp. xi-xii, 327-328 e Titchener, 1896, p. 17). Porém, como tal concepção já estava presente desde a primeira edição de *An Outline* (Titchener, 1896), trata-se provavelmente mais de uma convergência em relação a uma ideia já frequente em outros autores da tradição britânica, como J. S. Mill, do que da influência específica de Hodgson sobre Titchener.

referência ao organismo como critério para demarcação do ponto de vista da psicologia, sem com isso implicar uma redução dos fenômenos mentais aos fisiológicos.

Além disso, seu método de investigação introspectivo baseava-se na observação retrospectiva, isto é, após a ocorrência dos processos mentais, sob condições controladas experimentalmente (Titchener, 1896; 1897b; 1898a; 1899a). Assim, Titchener acreditava livrar a introspecção da acusação de interferir no fenômeno observado ou de tentar adotar duas atitudes distintas simultaneamente, a de quem tem a experiência e a de quem a observa objetivamente.

Não obstante tenha expressado as concepções de objeto e método de sua psicologia especialmente em seus livros, foram alguns de seus artigos que se tornaram reconhecidos como marcos na divulgação de sua proposta de uma psicologia estrutural. *The Postulates of Structural Psychology*, de setembro de 1898, e *Structural and Functional Psychology*, de maio de 1899, ambos escritos em resposta às críticas formuladas pelo filósofo idealista escocês William Caldwell (1863-1942; 1898)⁴⁴, resumiram alguns dos elementos centrais da concepção inicial de psicologia defendida por Titchener. Tendo como base a relação estabelecida entre os aspectos dependente e independente da experiência, Titchener propôs a adoção da analogia com a biologia para tratar dos objetivos das diferentes áreas da psicologia. Tal como a morfologia se dedicava à procura da estrutura de um organismo e suas partes componentes, uma psicologia estrutural deveria se voltar para a questão dos “elementos estruturais da mente, seu número e natureza” (Titchener, 1898b, p. 455).

Longe de pretender estabelecer tal analogia como critério último para a psicologia ou reduzir esta à biologia, Titchener afirmava que sua comparação tinha o propósito de fornecer um esquema provisório de trabalho, já adotado por autores como Ebbinghaus, mas pronto a ser substituído por outro mais eficaz (Titchener, 1898b). Adotando-se porém tal analogia,

⁴⁴ Professor da *Sage School of Philosophy* de Cornell a partir de 1891, Caldwell foi simpático ao pragmatismo e à psicologia funcional de William James, e escreveu alguns artigos defendendo a noção de self (Shook, 2005).

Titchener destacou a importância de entendê-la como metáfora, e não em sentido literal, uma vez que os elementos da mente não seriam as estruturas anatômicas do cérebro, mas “artefatos, abstrações, utilmente isolados para fins científicos, mas não encontrados na experiência exceto em conexão com seus semelhantes” (Titchener, 1898b, p. 462).

Dado o caráter processual da vida mental, a distinção e classificação de tais elementos se daria a partir da identificação do que Titchener chamou de seus determinantes indispensáveis ou atributos⁴⁵, identificados por meio da introspecção. No caso dos elementos sensoriais, tais atributos seriam a qualidade, a intensidade, a duração, a clareza e, em alguns casos, a extensão. No caso dos elementos afetivos, apenas a qualidade, a intensidade e a duração (Titchener, 1898b).

Com sua definição do significado e do objetivo da psicologia estrutural, Titchener não pretendia eliminar a importância do ponto de vista funcional, dedicado a temas como a capacidade de julgamento, as representações e demais funções mentais. Ao contrário, aceitando estrutura e função como aspectos correlatos, Titchener considerava que a interpretação funcional já havia sido extensivamente desenvolvida pela psicologia antiga e moderna, e que tendo em vista a interferência recíproca entre as duas perspectivas, o momento atual exigia o avanço da psicologia estrutural, que só tivera início com os estudos experimentais sobre a vida mental.

Titchener também reconheceu a dificuldade em se manter fiel a cada uma das duas perspectivas, em função da longa tradição linguística e dos hábitos de pensamento adquiridos por aqueles que estudavam o fenômeno mental. Dentre os autores cujas obras expressaram tal dificuldade, Titchener incluiu além de Wundt, nomes como Külpe, Theodor Lipp (1851-1914) e Ebbinghaus (Titchener, 1899b, p. 293).

⁴⁵ Em 1899, ao rebater a interpretação de Caldwell, Titchener afirma enfaticamente: “Resta mencionar, sobre este assunto, que o elemento do psicólogo estrutural é nada – ele não existe – à parte de seus atributos constitutivos” (Titchener, 1899b, p. 295).

Apesar das dificuldades de se manter no domínio de cada perspectiva e do efetivo potencial de ambas para o estudo da vida mental, Titchener estava convencido da importância do desenvolvimento do ponto de vista estrutural para que a psicologia se consolidasse como ciência rigorosa.

O quanto essas formulações foram alteradas ou reinterpretadas à medida que as concepções fundamentais da psicologia de Titchener amadureciam, permitindo-se falar em uma única psicologia estrutural ou em um novo projeto de psicologia sistemática, é o que se verificará ao longo da década seguinte, quando importantes mudanças em suas ideias tiveram início.

3. A CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO DE UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA (1900-1910)

Próximo de completar uma década nos EUA, Titchener oferecera importantes contribuições ao desenvolvimento da psicologia e se tornara reconhecido como representante da escola experimental disseminada a partir de Leipzig. Depois de atuar como professor assistente e conduzir o laboratório de psicologia, vinculado ao departamento de filosofia da Universidade de Cornell por cerca de três anos, Titchener foi eleito, em junho de 1895, para a *Sage Professorship of Psychology*, equivalente ao cargo de professor titular, e tornou-se chefe de um departamento próprio para a psicologia (Titchener, 1895d; Evans, 1990).

Além de oferecer cursos para estudantes de graduação e pós-graduação, Titchener também foi responsável pela expansão do laboratório, que duplicou seu tamanho de seis para doze salas, e pela ampliação dos temas de pesquisa (Titchener, 1898c; 1900a; 1900c; Cornell University, 1895). Atraindo cada vez mais estudantes ao laboratório, Titchener orientou dezenas de trabalhos, que em 1900 já resultavam em 37 publicações (Titchener, 1900c), a maior parte delas no *American Journal of Psychology*, do qual Titchener se tornou editor associado em 1895, no *Philosophical Review*, o periódico da *Sage School of Philosophy*, e em *Mind*, o jornal britânico com o qual Titchener colaborou entre 1895 e 1921. Com o acúmulo destas experiências, além de se tornar gradativamente uma referência no cenário norte-americano, Titchener também amadureceu seu sistema psicológico.

Neste capítulo, discutiremos a consolidação das ideias esboçadas no final dos anos de 1890 e ao longo da primeira década do século XX, indicando seu reposicionamento em relação à filosofia e os novos pressupostos que fundamentaram sua psicologia. Com isso, o que se verá é a continuidade de uma trajetória que o próprio Titchener descreveu como aquela

de alguém que lutava por seu próprio caminho “a partir da filosofia em direção à ciência”⁴⁶ (Titchener, 1909c, p. 137).

3.1 O REPOSICIONAMENTO EM RELAÇÃO À FILOSOFIA

Uma das particularidades dos primeiros anos do século XX é que, ao invés de tendências idealistas e seu confronto com perspectivas materialistas, o horizonte com o qual Titchener dialogava mais intensamente apresentava outros matizes: o pragmatismo filosófico e psicológico que alcançava seu auge nos EUA; uma onda de interpretações teleológicas nos mais variados campos e, pouco mais a frente, o interesse pelas aplicações da psicologia e o surgimento do behaviorismo (Titchener, 1909c; 1914a; 1914b).

Discutindo os caminhos da ciência e procurando estabelecer suas próprias diretrizes para a psicologia em meio a este contexto, Titchener fez uma avaliação dos avanços na área, resumindo as principais mudanças no estudo da vida mental realizadas na segunda metade do século XIX: o novo sentido do conceito de mente, que deixou de abordá-la em termos lógicos, como constituída por elementos estáticos ou faculdades, para considerá-la como uma estrutura em desenvolvimento; a introdução do método experimental para o controle da introspecção, padronizando as condições de observação, e a aceitação da hipótese da correlação da mente com o corpo ou “a hipótese de que, como Huxley apresenta, não há psicose sem neurose” (Titchener, 1900b, p. 155). Em sua análise destas contribuições, Titchener deu uma importante indicação em relação ao futuro de sua própria psicologia. Segundo ele,

⁴⁶ Ao reclamar a distinção entre as duas áreas em carta trocada com Adolf Meyer, Titchener afirma: “Se você tivesse gasto cinco sólidos anos em filosofia, como eu fiz, e tivesse lutado por seu caminho a partir da filosofia em direção à ciência, você conheceria a ciência (como distinta da filosofia) quando você a visse” (Titchener, 1909c, p. 137)

Essas três mudanças podem ou não ser suficientes para constituir uma ‘nova’ psicologia, estabelecida ao lado da nova fisiologia de Ludwig e da nova química de Ostwald e van t’Hoff⁴⁷; em qualquer medida, elas significam que a psicologia moderna tem obtido resultados no presente e tem delineado um programa para o futuro, em relação ao qual a antiga psicologia nunca sonhou. (Titchener, 1900b, pp. 155-156)

Revelando a consolidação de sua perspectiva naturalista, Titchener explicita seu propósito de construir uma psicologia como uma ciência experimental rigorosa, com base nestes três grandes avanços da área e com um programa delineado a partir do modelo da física (sob a qual estavam incluídas a química e a fisiologia) (Titchener, 1909b). Longe, porém, de representar uma referência exclusiva para o desenvolvimento das ideias de Titchener, tal perspectiva foi combinada com um elemento até aqui ausente nas análises da obra de Titchener: a atenção à história da ciência.

Como revelam publicações e correspondências do período, Titchener não apenas demonstrava ter consciência do desenvolvimento da ciência como fenômeno histórico mas passou a dedicar grande atenção às leituras sobre o assunto, referindo-se à área em diferentes ocasiões e atribuindo muitas de suas decisões acerca da psicologia às suas reflexões sobre a história da ciência (Titchener, 1904b; 1909c; 1909d).

Orientado por estas diretrizes, Titchener publicou os quatros volumes de *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice* (Titchener, 1901a; 1901b; 1905a; 1905b), suas conferências acerca dos sentimentos, da atenção e do pensamento (Titchener, 1908; 1909b),

⁴⁷ Titchener refere-se aos trabalhos seminais de Carl Friedrich Wilhelm Ludwig (1816-1895), fisiologista alemão, e Friedrich Wilhelm Ostwald (1853-1932), químico e físico alemão, ambos professores em Leipzig, e de Jacobus Henricus van’t Hoff (1852-1911), químico holandês da Universidade de Berlim.

alguns artigos e a mais popular de suas obras, *A Text-book of Psychology* (1910)⁴⁸. Para entender as consequências de sua nova postura e as características desta nova fase na proposta de Titchener é importante começar por sua avaliação acerca da psicologia e de seu relacionamento com a filosofia, presentes já nas suas primeiras publicações do século XX.

Em setembro de 1904 Titchener participou de uma das mais importantes exposições internacionais de ciências realizadas nos Estados Unidos, o *International Congress of Arts and Science*, que ocorreu em Saint Louis, Missouri. O evento reuniu autoridades e novos pesquisadores de todas as áreas do conhecimento para apresentarem os resultados e as perspectivas de seu campo de atuação. No domínio das ciências mentais, ao lado de autores como James M. Cattell (1860-1944), James M. Baldwin (1861-1934), Robert MacDougall (1866-1939), Edward A. Pace (1861-1938), Conwy Lloyd Morgan (1852-1936), Mary Whiton Calkins (1863-1930) e James Ward, entre outros, foram discutidas a história do desenvolvimento da psicologia, suas concepções e métodos centrais, as relações estabelecidas com outras ciências e os desafios enfrentados (Rogers, 1906). Nesta ocasião, Titchener discutiu os problemas da psicologia experimental e apresentou a primeira declaração explícita de seu reposicionamento em relação às preocupações da filosofia (Titchener, 1904b). Ao mencionar interesse de filósofos pela consciência e as recomendações da teoria do conhecimento ou da metafísica à psicologia, Titchener justificou a autonomia de sua proposta, reconhecendo que

Se agora eu tenho ignorado esse conselho, não é por falta de gratidão, mas simplesmente porque, depois de consideração, eu passei a acreditar que a psicologia experimental sabe sobre o que ela trata e pode caminhar sem

⁴⁸ Titchener publicou seu *Text-book* inicialmente em dois volumes separados. A parte I, que tratava da sensação, da afecção e da atenção, veio a público pela primeira vez em junho de 1909 e a parte II, que incluía os capítulos da percepção até o pensamento, em setembro de 1910. Nesta mesma ocasião, foi publicada também uma versão completa, com as duas partes em um único volume, sem qualquer alteração no conteúdo, e que passou então a ser a edição de referência. É esta também a edição adotada neste trabalho.

assistência. Aqueles que estão de fora, nos é dito, vêm mais do jogo. Eu me arrisco a insistir que aqueles que estão dentro conhecem melhor como o jogo deve ser jogado. (Titchener, 1904b, p. 795)

Embora desde suas primeiras obras Titchener recusasse a interferência das pressuposições metafísicas na base da atividade científica, o que ele declara agora é uma postura mais radical: à medida em que se afastava de sua formação filosófica em Oxford e da influência da atmosfera de Leipzig, constituindo sua própria trajetória intelectual e profissional, Titchener defendia uma mais ampla liberdade para o desenvolvimento da psicologia, livrando-a de quaisquer preocupações filosóficas, fossem elas de caráter lógico e epistemológico ou, como por algum tempo ele acalentou, aquelas decorrentes da hipótese de que os resultados da psicologia conduziriam a uma interpretação idealista.

Outra evidência que comprova que, à medida em que tomava consciência do espaço conquistado no cenário norte-americano, Titchener se sentia mais confortável para assumir sua nova perspectiva é encontrada em correspondência trocada com Yerkes, na qual Titchener também revelou suas intenções neste período. Segundo ele,

Eu planejei meu trabalho para os próximos dez anos. Eu tenho escrito e traduzido, de certa forma, com um tipo de auto-repressão, fazendo o trabalho que eu deliberadamente pensei que era necessário ser feito pelo bem da ciência. Eu me refiro especialmente à ciência na América. Tendo vindo trabalhar aqui, me parecia um dever trabalhar pela psicologia americana. Mas agora penso ter obtido meu direito de trabalhar para mim mesmo e apresentar algumas de minhas próprias ideias em um livro mais amplo e original. Eu não pretendo ser vaidoso: eu posso ter sido, ao julgar o que era necessário na psicologia

americana. Mas eu tinha consciência e tentei fazer juz à ela. Eu estou com quarenta anos hoje e se eu quiser explorar a mim mesmo, é tempo de começar! (Titchener, 1907b, #4)

A auto-repressão que Titchener relata ter caracterizado seus trabalhos anteriores⁴⁹ refere-se não apenas à restrição aos temas e questões presentes no contexto norte-americano por ocasião de sua chegada e que se impuseram à discussão⁵⁰, mas, podem ser entendidos também como uma auto-contenção em expressar-se sobre o papel da filosofia em relação à ciência, aceitando o tratamento dado por cânones de sua época.

O primeiro exemplo da mudança nesta postura pode ser encontrado nos volumes de *Experimental Psychology* (Titchener, 1901a; 1901b; 1905a; 1905b). Escritos com o propósito de treinar instrutores e estudantes nas pesquisas experimentais em psicologia, os manuais de Titchener alcançaram grande repercussão pouco depois de sua publicação, sendo considerados por seus contemporâneos como a “primeira contribuição sistemática à psicologia quantitativa” (Angell, 1906, p. 585), representando o grande esforço do autor para estabelecer o status científico da área (Boring, 1930).

Neles, os indícios em relação às mudanças nas concepções fundamentais de Titchener dizem respeito à confirmação do afastamento definitivo em relação às ideias de Lotze. Em uma referência a quem deveria ser considerado o primeiro representante autêntico da

⁴⁹ Outro exemplo que confirma a auto-repressão de Titchener encontra-se em carta a Hugo Münsterberg, na qual, ao tratar das teorias psicofísicas, ele afirma: “Minhas próprias visões sobre os tópicos tratados nesses volumes [os manuais de psicologia experimental – acréscimo nosso] eu espero definir adiante, daqui a alguns anos, no *Princípios de Psicologia Estrutural*. Uma vez que há muito tempo eu tenho, por definição, me confinado aos ‘livros de educação’, no sentido técnico. Às vezes eu me sinto justificado a combater o que me parecem ser os excessos atuais; mas eu tenho tentado, em geral, manter minhas próprias teorias na sombra.” (Titchener, 1905c, #2)

⁵⁰ Tais discussões incluíam o esclarecimento das diferenças entre áreas relacionadas à psicologia experimental, como a antropometria, a psicologia fisiológica e a psicofísica (Titchener, 1893f; 1894b), respostas às críticas de filósofos (1893a; 1895a) e o esforço de estabelecimento de um vocabulário técnico próprio (1895e), além da escrita de livros dirigidos à formação básica de estudantes de psicologia e professores, tais como seus manuais.

psicologia moderna, Titchener afirmou que tal posto caberia a Wundt e fez uma reveladora avaliação sobre Lotze.

Ele [Wundt – acréscimo nosso], e não Lotze! O estudante que se voltar do prefácio de Ladd no *Outlines of Psychology* de Lotze (1886, vi. f) para o próprio Lotze, com a esperança de encontrar os primeiros resultados da psicologia moderna, certamente será desapontado. Lotze é um fator na origem da psicologia experimental; sua influência foi favorável e ele fez uma notável contribuição à ciência em sua teoria dos signos locais. Mas, em geral, ele é surpreendentemente não moderno. Na realidade, Lotze é um metafísico com treinamento fisiológico, - assim como Herbart é um metafísico versado em matemática. (Titchener, 1905b, p. cxi-cxii)

Embora se refira a uma obra psicológica de Lotze, e não a seus trabalhos de filosofia, tal passagem é coerente com a gradativa diminuição da presença do autor em suas obras, analisada no capítulo anterior. Além disso, mesmo reconhecendo a contribuição de Lotze à ciência, o tom agora é bem menos celebratório do que em 1896 e 1897, quando Titchener ainda o considerava um guia para a explicação da natureza da experiência concreta. Ao reconhecê-lo como um “metafísico com treinamento fisiológico”, Titchener minimizava a importância de suas conclusões para a psicologia e indicava, ao mesmo tempo, sua independência em relação a elas.

Nesta mesma obra, Titchener também apresentou o que pode ser entendido como a derradeira explicação de seu antigo interesse pelo sistema filosófico de Lotze: ao comparar a proposta do autor com a de Fechner, Titchener constatou que Lotze, o “pupilo de Fechner, tinha desenvolvido um sistema de filosofia que, tendo muito em comum com o de seu mestre,

foi todavia calculado em sua forma e conteúdo para apelar mais fortemente a seus seguidores filósofos e homens da ciência” (Titchener, 1905b, p. xliv)⁵¹.

Contudo, à medida que tal configuração se mostrou insuficiente, outro aspecto a ela relacionado gradualmente perdeu força em Titchener: a convicção acerca da própria relação entre ciência e filosofia. Ao contrário do que apresentou em 1899 ao afirmar que “no fim ciência e filosofia estarão unidas como elas eram no início” (Titchener, 1899a, p. 3), neste mesmo volume do manual Titchener foi muito mais comedido ao considerar que era “uma questão aberta se, em uma era pós-kantiana, o reino da ciência é compatível com qualquer filosofia profunda, ou se a preocupação com a filosofia é compatível com o avanço científico” (Titchener, 1905b, p. xli). Com isso, embora não estivesse abandonando completamente sua preocupação com as questões filosóficas, Titchener indicava que se concentraria no território estrito da ciência, libertando-se de preocupações de caráter filosófico ao tratar de psicologia, ao contrário do que fizera em *An Outline* (1896, 1897, 1899a).

Além da dúvida à respeito da conciliação entre ciência e filosofia, outro exemplo da mudança de sua postura e da defesa de uma maior autonomia da psicologia frente à filosofia é a preocupação de Titchener em distinguir-se também da tradição associacionista britânica. Se em 1896 ele apresentava seu manual com refletindo o ponto de vista geral “da tradicional psicologia inglesa (...) na mais íntima relação com o que é apresentado nos mais avançados tratados da psicologia experimental alemã” (Titchener 1896, p. vi), seu propósito agora era demarcar-se também desta tradição, evitando o que considerava ser o maior pecado da psicologia associacionista: a interferência da lógica sobre as investigações da vida mental (Titchener, 1909b).

Titchener reconheceu em suas correspondências que alguns capítulos de seu antigo livro foram escritos “sobre a influência mista das escolas associacionista e experimental e

⁵¹ Em carta a Adolph Meyer, em 1909, Titchener mencionará um outro motivo que teria alimentado seu interesse por Lotze: a crítica do autor à psicologia das faculdades (Titchener, 1909d, p. 161)

compromissos são aptos a serem insatisfatórios” (Titchener, 1907c, #2). Ele também foi criticado publicamente após suas conferências na Universidade de Columbia (Titchener, 1908), sendo acusado de compartilhar a perspectiva sensacionista com a escola britânica. Para se defender de tal interpretação, e confirmando sua modificação em relação a sua perspectiva inicial, nas conferências do ano seguinte, Titchener (1909b) estabeleceu as diferenças entre sua atual proposta e aquela representada por James Mill e John Locke. Segundo ele, três características distinguem o sensacionismo de sua psicologia experimental daquele dos associacionistas: em primeiro lugar, ela lidava com existências, e não com significados ou substâncias. Ou seja,

De fato, os associacionistas lidam em princípio com significados lógicos; não com sensações, mas com sensações-de; não com ideias, mas com ideias-de; é somente incidentalmente que eles deixam o plano do significado pelo plano da existência. Os experimentalistas, por outro lado, pretendem descrever os conteúdos da consciência não como eles significam, mas como eles são. (Titchener, 1909b, p. 25)

Além de se restringir ao campo da existência, para Titchener, as sensações de sua psicologia experimental eram processos elementares afetados pela passagem do tempo e em constante mudança. Ao contrário disso, os significados da psicologia associacionista se apresentavam como elementos estáveis, considerados independentemente da referência ao tempo e resultando em uma psicologia atomista, para a qual “os elementos se associam como blocos de um mosaico, para resultar em formações estáticas, ou se conectar, como os elos de uma cadeia, em séries discretas” (Titchener, 1909b, p. 27).

Por fim, o terceiro aspecto que, segundo Titchener, diferenciava sua psicologia da proposta associacionista e das interferências da lógica era o fato de o associacionismo ser uma teoria preconcebida, que tomava as sensações como “os primeiros termos em uma construção lógica da mente” (Titchener, 1909b, p. 34). Seu sensacionismo, ao contrário, era o resultado da análise empírica da experiência, que após seu trabalho alcançava as sensações como os processos mais simples dela abstraídos. Com isso, Titchener (1909b) afirmava que seu sensacionismo nada mais era do que um princípio heurístico que se mostrava útil na investigação dos fenômenos mentais, e não uma imposição lógica sobre eles.

Com a consolidação desta perspectiva, Titchener se viu pressionado a substituir seu *An Outline*, reconhecendo que o livro não estava “somente ultrapassado, mas é desnecessariamente combativo e suas ênfases estão muitas vezes nos lugares errados” (Titchener, 1907a, #3). Para ele, a obra teria cumprido um papel em sua época, mas em suas próprias palavras, “tanto a psicologia como eu a superamos” (Titchener, 1907a, #3). Embora não tenha sido explícito sobre todos os pontos de mudança, fossem os relativos ao conhecimento empírico dos fenômenos mentais ou às suas perspectivas gerais, Titchener admitiu que as mudanças em suas ideias eram amplas. Como reconheceu,

eu percebi que tenho mudado em muito mais coisas do que imaginava. (...) Eu realmente não li o livro por alguns anos; simplesmente colocava as seções no quadro. Percebo agora um monte de coisas que me alcançam quase como novas ideias e em relação às quais eu estou suscetível tanto a discordar quanto a concordar. Entretanto, isso é uma questão de 1896 versus 1907 e não é mais tão importante. O importante é fazer psicologia.” (Titchener, 1907d, #1).

Em seu *Text-book* (1910), que ocuparia o lugar do antigo *An Outline* (1899), e confirmando a atenção à construção de sua psicologia, Titchener eliminou qualquer referência às questões filosóficas e à sua relação com a psicologia ao longo do novo livro, substituindo o capítulo dedicado à natureza última da mente e às perspectivas metafísicas acerca da experiência por uma conclusão intitulada ‘O status da psicologia’, na qual se restringiu a discutir as diferentes características dos livros-textos da área (Titchener, 1910).

A nova configuração de sua obra demonstrava a crescente consciência de Titchener de que seu objetivo de “mostrar que a psicologia experimental poderia ser sistemática” (Titchener, 1907a, #3) já não dependia da indicação de suas relações com a filosofia ou de suas concessões a ela. Sua referência central se consolidava explicitamente como sendo o modelo da física e a convicção de que “não pode existir diferença essencial entre a matéria-prima da física e a matéria-prima da psicologia” (Titchener, 1910, p. 6).

Apesar da nova postura de evitar compromissos filosóficos, as formulações de Titchener presentes especialmente em *Text-book* (1910) não foram imunes a concepções comprometidas filosoficamente e, em certa medida, já anunciadas na última versão de *An Outlines* (1899a). As mais importantes delas, como indicamos, são aquelas do empiriocriticismo e devem ser analisadas detalhadamente.

3.2 OS PRESSUPOSTOS PARA A CIÊNCIA

Se estava claro que Titchener se afastava dos compromissos com premissas filosóficas ao desenvolver seu novo projeto, também não resta dúvida sobre seu reconhecimento de que uma ciência não se fazia apenas da reunião de fatos observados, mas dependia de certas regras ou diretrizes gerais para orientar sua atividade (Titchener, 1899a; 1910). Dentre os cinco pressupostos que sustentaram o projeto de Titchener nesta primeira década do século XX, ao

menos dois deles tem relação com a visão geral machiana. Uma confirmação desta origem está na resenha feita por Titchener de uma nova edição ampliada do *Beiträge* de Mach (Titchener, 1902). Em sua breve análise, Titchener afirma que a obra do austríaco representava

uma influência sobre o pensamento psicológico e científico em geral que dificilmente pode ser superestimada. Ela foi, como o autor diz em seu novo prefácio, não um sistema, mas um *aperçu* [visão geral – destaque e acréscimo nosso], pretendendo atuar como fermento nos sistemas presentes; e o fato de que esse trabalho foi bem feito é atestado por homens como Avenarius, James e Pearson. (Titchener, 1902, p. 659)

Embora não tenha se incluído entre os que atestaram a proposta de Mach, as próximas publicações de Titchener dão novas evidências disso. Mesmo tendo reconhecido que a proposta empiriocriticista, considerada em toda sua extensão, defendia teses filosóficas que extrapolavam os limites da ciência, tais como a doutrina da economia do pensamento (Titchener, 1909d), Titchener aceitou a interpretação geral de Mach, restringindo-se a algumas de suas formulações, tomadas como um *aperçu*. Com este recurso, que constitui seu primeiro e mais fundamental pressuposto, Titchener acreditava manter-se livre de qualquer compromisso filosófico sistemático, assumindo tais diretrizes como meramente propedêuticas à atividade científica.

Dentre estas diretrizes e constituindo seu segundo pressuposto, já presente nas publicações dos anos de 1890, estava a concepção de experiência humana. Tendo recusado as interpretações dualistas acerca da relação entre mente e corpo e adotado o monismo neutro, Titchener considerava como ponto de partida a experiência humana concreta e individual.

Embora vivenciada como uma totalidade, ela poderia ser abordada cientificamente a partir de duas perspectivas fundamentais distintas: a que considerava sua dependência em relação ao organismo e a que a tratava como completamente independente dele. Segundo ele, tais perspectivas

não existem independentemente, lado a lado, como considerações de porções separadas do mundo ou de regiões separadas da experiência; elas se sobrepõem e coincidem, descrevendo um e o mesmo mundo da experiência como ele aparece de seus pontos de vista especiais. (Titchener, 1910, p. 4)

Titchener aceitava que nenhum destes pontos de vista possuía prioridade ou antecendência em relação ao outro. Ao contrário, ao considerar que a experiência humana constituía fonte exclusiva para o conhecimento, Titchener (1910) assumia que não se pode conhecer qualquer coisa que exista antes ou independentemente da adoção de uma destas duas perspectivas, igualmente resultantes de abstrações da experiência unitária. Importante notar também que ao considerar o ponto de vista da psicologia como o da experiência dependente, enquanto o ponto de vista independente caracterizaria as “ciências como a física (em sentido estrito), a química, a geologia, a astronomia, a meteorologia” (Titchener, 1910, p. 8), Titchener não faz qualquer menção específica ao ponto de vista da biologia, incluindo-a sob o mesmo ponto de vista da física. Além disso, ao comentar em correspondência com Adolph Meyer os aspectos que o interessavam na proposta empiriocriticista, Titchener menciona justamente as noções de experiência dependente e independente. Segundo ele, “isso é puro Avenarius, e Mach tem dado sua adesão e dito que estava inclinado previamente em torno da mesma posição” (Titchener, 1909d, p. 162).

Como consequência deste tratamento, a defesa de um paralelismo entre os processos mentais e os corporais adotada por Titchener se sustentaria tão somente nos fatos observados na experiência e generalizados, sem precisar referir-se em seu novo livro a qualquer hipótese sobre a natureza última da experiência, nem mesmo ao monismo neutro, apresentado como resultado lógico do avanço científico, em 1899.

Outro desdobramento desta noção de um ponto de vista dependente e independente está relacionado ao terceiro pressuposto de Titchener e envolve a formulação do problema geral da ciência: descrever e explicar a experiência. Uma vez que não haveria diferença essencial entre a matéria-prima das ciências, todas precisariam responder às mesmas perguntas ‘o que?’, ‘como?’ e ‘por que?’ (Titchener, 1910). Enquanto a descrição analítica responderia a pergunta ‘o que?’ e a síntese responderia ao ‘como?’, ou seja, quais são os constituintes elementares de cada fenômeno, como eles se relacionam e sob quais leis, a explicação trataria da questão ‘por que?’, identificando as condições para a ocorrência dos fenômenos (Titchener, 1910). Segundo Titchener,

Se, entretanto, tentamos desenvolver apenas uma psicologia descritiva, devemos constatar que não haveria esperança nela para uma verdadeira ciência da mente. Uma psicologia descritiva estaria para a psicologia científica assim como as antigas histórias naturais estão para os modernos manuais de biologia, ou como a visão do mundo que um garoto obtém em sua cabine de experimentos físicos está para visão do físico treinado. Ela nos diria muito sobre a mente, incluiria um amplo corpo de fatos observados que poderíamos classificar e, em larga medida, reunir sob leis gerais. Mas não haveria unidade ou coerência nela, faltaria aquele princípio singular que a biologia tem, por exemplo, na lei da evolução ou a física na lei da conservação de energia. Para

tornar a psicologia científica nós devemos não somente descrever, nós devemos também explicar. Nós devemos responder a questão ‘por que’.

(Titchener, 1910, pp. 38-39)

Embora em seu aspecto essencial tal problema não difira daquele apresentado desde a primeira edição de *An Outline* (1896), agora a referência ao sistema nervoso assumia um papel ainda mais central: o de ser “um princípio explicativo para a psicologia” (Titchener, 1910, p. 40) capaz de garantir sua unidade e coerência.

Para justificar este recurso sem comprometer a autonomia da psicologia, Titchener distinguia entre um sentido estrito e um sentido amplo de ciência. Em sentido estrito, a psicologia seria descritiva ou o que ele chamou de psicologia pura (Titchener, 1909d; 1910), capaz, como ele próprio diz, de reunir uma ampla quantidade de fatos observados, classificados e organizados sob leis gerais. Porém, para superar a natureza interrupta ou descontínua dos processos mentais⁵², sem apelar ao que ele considerava ser a ficção de uma mente inconsciente ou ao interacionismo do senso comum, a psicologia precisaria recorrer ao sistema nervoso.

Segundo Titchener, uma vez que os processos do sistema nervoso constituem as condições de ocorrência dos processos mentais e estão conectados por relações de causa e efeito à série global dos processos do mundo físico, tais processos seriam capaz de conectar os fenômenos da vida mental à cadeia geral de eventos do mundo. Desta forma, a psicologia alcançaria o sentido amplo ou mais forte de ciência, situando-se ao lado da química e da física (Titchener, 1910).

⁵² É possível encontrar uma contradição entre o estatuto científico de uma psicologia estritamente descritiva presente na correspondência a Meyer e a apresentação de *Text-book*. Ela, contudo, não anula o recurso ao sistema nervoso como pressuposto fundamental para a explicação do fenômeno mental. Para maiores detalhes, conferir Titchener, 1909d (pp. 165-166) e 1910 (pp. 36-41).

Apesar disso, o recurso à fisiologia como princípio explicativo para a psicologia também apresentava suas fragilidades e Titchener reconheceu que o entusiasmo manifesto no final dos anos de 1890 acerca da identificação da correlação entre os processos mentais e aqueles do sistema nervoso não havia se tornado, até aquele momento, um fato. Tal correspondência deveria ser reconhecida apenas como “amplamente hipotética”⁵³ (Titchener, 1910, p. viii).

Não obstante tal limitação, Titchener defendeu como quarto pressuposto de seu projeto científico a recusa de interpretações teleológicas que, extrapolando as fronteiras do conhecimento empírico, invadiam não apenas a biologia de seu tempo, como também movimentos distintos, como o pragmatismo filosófico e a psicobiologia.

Confrontando os princípios científicos estabelecidos no século XIX, as diferentes interpretações teleológicas compartilhavam noções como propósito, intenção e utilidade, apresentadas como princípios explicativos para as ciências (Titchener, 1909c). Desta forma, segundo Titchener, mesmo tendo abandonado noções substancialistas de mente e matéria, tais tendências representavam um retrocesso para a psicologia, misturando conceitos autenticamente científicos com referências que ele considerava pertencerem à ‘antiga psicologia’. O caminho correto, para Titchener, seria reconhecer as contingências da ciência e fazê-la avançar dentro de seus limites estreitos.

Suas análises sobre o confronto entre as diferentes tendências intelectuais que marcavam os primeiros anos do século XX também revelaram um último e decisivo pressuposto do novo projeto de Titchener, que mostraria seus primeiros indícios não em seus livros, mas principalmente em suas correspondências: o recurso à história da ciência como elemento para entender a atividade científica e tomar seus próprios posicionamentos em

⁵³ Em carta a Meyer, Titchener (1909d, p. 166) comenta esta constatação afirmando que “para explicar meus fatos mentais eu simplesmente aguardo o progresso de uma fisiologia causal. (...) mas é, eu espero, apenas uma questão de tempo quando a fisiologia conhecerá seu sistema nervoso em termos causais. Enquanto isso, a psicologia não desmorona (...) A fisiologia não pode perturbar meus achados; eu estou contente em continuar encontrando e esperar a disponibilidade da fisiologia para sua explicação”.

psicologia. Tal postura se manifestou, inicialmente, na valorização do desenvolvimento histórico da ciência, como presente em sua avaliação dos problemas da psicologia experimental, feita no congresso em St. Louis (Titchener, 1904b). Em sua comunicação, Titchener afirmou que

Abordando essa questão dos problemas da psicologia experimental, pareceu-me que a chave mais segura para o futuro residia nas realizações do passado. O melhor caminho para descobrir o que a psicologia experimental tem a fazer, eu pensei, é ter certeza do que ela já fez. (Titchener, 1904b, p. 786)

Pouco tempo depois, porém, referências específicas às suas leituras sobre história da ciência começaram a surgir em suas correspondências com Meyer. Ao discutir justamente o impacto da onda de interpretações teleológicas sobre os princípios científicos, Titchener afirmou que

Para mim, isso tudo é surpreendentemente interessante. Eu não posso tomar partido tão completamente como homens como Poulton e Bateson⁵⁴, porque eu sei alguma coisa sobre história da ciência e do pensamento humano em geral e eu sei que esses movimentos, embora se desgastem a si próprios e passem, sempre modificam aquilo que é deixado. Então eu estou aberto a eles e quero saber – mais especialmente – como eu próprio serei modificado por eles. Que a teleologia expulsará os atuais princípios da ciências parece-me impensável, embora eu esteja certo de que de alguma forma o movimento teleológico afetará esses princípios. (Titchener, 1909c, p. 138-139)

⁵⁴ Titchener refere-se a Edward Poulton, com quem compartilhou algumas pesquisas em biologia comparada na década de 1890, e William Bateson (1861-1926), biólogo inglês e professor de Cambridge.

O eventual impacto causado pelo confronto com as tendências teleológicas em Titchener poderá ser estimado nos anos seguintes. O que importa aqui, contudo, é perceber seu reconhecimento da história da ciência como elemento para entender as transformações na ciência e orientar sua tomada de posição em psicologia. Em outra passagem, ao questionar a transição entre o senso comum e a ciência, isto é, entre o domínio dos valores e o domínio dos fatos, defendida por Meyer, Titchener insistiu em sua própria posição, reconhecendo que “minhas leituras sejam de história da ciência em particular ou do pensamento humano em geral me levam à minha própria visão” (Titchener, 1909d, p. 164).

O papel da história da ciência nas transformações no projeto psicológico de Titchener ficará mais evidente nos anos seguintes. O que se pretende destacar aqui é o início deste movimento que moldou as ideias de Titchener nesta primeira década do século XX.

Se alguns destes pressupostos já estavam presentes em suas publicações anteriores, parece ter sido exatamente pela inclusão do primeiro deles – a aceitação da visão geral machiana de ciência, isenta do compromisso com uma filosofia sistemática ou, em suas próprias palavras, “a tendência em torno do empiriocriticismo se revelando clara e forte” (Titchener, 1925a, #2) – que o projeto de Titchener foi efetivamente reinterpretado.

3.3 UM PROJETO PSICOLÓGICO PARA O SÉCULO XX

Se é possível constatar mudanças nos pressupostos da ciência adotados por Titchener, deve-se considerar também as eventuais mudanças na apresentação do projeto empírico de sua psicologia. A primeira e mais importante delas diz respeito à completa eliminação da menção ao papel das disciplinas filosóficas em relação à ciência e do tratamento metafísico das questões últimas da psicologia.

Em *Text-book* (1910) Titchener não fez qualquer comentário sobre a relação entre a ciência e disciplinas como a lógica e a teoria do conhecimento e o próprio espaço para discutir qual perspectiva metafísica se apresentaria em maior harmonia com a ciência foi eliminado. Com isso, também o tratamento metafísico das noções de self e atividade da vida mental foram eliminadas e o primeiro foi tratado em completo acordo com a proposta de Mach⁵⁵, isto é, como uma experiência consciente que envolveria tão somente “sensações orgânicas, uma percepção visual ou representação do corpo e as representações verbais de ‘eu’ e ‘meu’” (Titchener, 1910, p. 544).

A definição de objeto da área a partir da demarcação de um ponto de vista e da referência ao organismo foi mantida, sendo conciliada, porém, com uma importante mudança em relação ao método da psicologia. Se até 1899 Titchener defendeu a introspecção retrospectiva, isto é, a observação dos processos mentais após eles terem concluído seu curso e com auxílio da memória (Titchener, 1899a), em 1910 Titchener considerava que a introspecção direta, realizada durante a ocorrência do processo mental, deveria ser a estratégia principal da psicologia.

Dois fatores foram apresentados para justificar sua mudança: em primeiro lugar, embora ainda reconhecesse que o relato da experiência interferia no fluxo do processo mental observado, Titchener teria passado a considerar que o controle experimental da experiência permitiria que cada estágio da ocorrência de um mesmo processo fosse relatado e a experiência novamente repetida para que o estágio seguinte fosse igualmente observado. Ao final da observação e registro de todos os estágios, a experiência completa teria sido, segundo Titchener, reconstituída.

Além disso, o entusiasmo de Titchener com as práticas experimentais o teria convencido de que o treinamento intensivo da introspecção a tornaria um hábito para o

⁵⁵ Ao sugerir novamente a imagem criada por Mach em *Beiträge* para representar a intuição sobre o ego, Titchener ainda afirmou: “O autor a teria reproduzido, não estivesse ele esperando por esta referência estender o círculo dos leitores de Mach” (Titchener, 1910, p. 547, nota 1)

observador, reduzindo a interferência da atitude introspectiva sobre o fluxo da consciência. Com isso, seria possível ao psicólogo “não apenas tomar notas mentais enquanto a observação está em progresso, sem interferir com a consciência, mas mesmo tomar notas escritas, como o histologista faz enquanto seus olhos ainda estão na lente do microscópio” (Titchener, 1910, p. 23). Assim, a retrospecção anteriormente tida como única alternativa para evitar a destruição do processo observado seria reduzida a um procedimento adequado ao iniciante ou como recurso de verificação para o observador experiente, que compararia os resultados da introspecção direta com os registros de sua memória (Titchener, 1910).

Outra significativa mudança é o desaparecimento da analogia com as áreas da biologia de seus livros e artigos. Confirmando sua própria intenção de que tal analogia servisse apenas como um esquema de trabalho provisório (Titchener, 1898b), Titchener a teria deixado de lado tão logo suas próprias formulações assumiram outras tendências e a confrontação com a perspectiva funcionalista do final do século XIX foi substituída pelo embate com as novas propostas teleológicas. Embora ainda tenha se referido à utilização desta analogia no verbete da *Cyclopedia of Education* (1913), sua razão de ser agora se resumia à descrição exata na ciência, assumindo uma nova referência.

Em síntese, então, a psicologia estrutural procura dar uma descrição exata da mente *sub specie existentiae*, em contraposição às psicologias que dotam a mente com referência objetiva ou que a vêem como instrumental. (Titchener, 1913, p. 67)

Ao invés da ênfase na identificação de quais são os processos elementares da vida mental, seu número e natureza, a atividade descritiva da psicologia estrutural surgia agora relacionada à perspectiva existencial, a tal ponto que, ao menos desde *Lectures on the*

Experimental Psychology of the Thought-Processes (1909b), Titchener identificava o ponto de vista psicológico ao existencial. Embora uma discussão mais ampla do significado de existencial só fosse apresentada nas publicações mais tardias de Titchener, neste momento o termo que passou a caracterizar o ponto de vista psicológico foi entendido como restringindo-se aos fatos encontrados pela introspecção, não se confundindo com seu contexto ou interpretação (1909b). Esta nova qualificação para o ponto de vista psicológico não eliminou completamente a referência à noção de estrutura, mas esta se tornou cada vez mais restrita às comunicações de Titchener voltadas para o público leigo⁵⁶.

Apesar desta mudança, Titchener manteve sua definição de elementos e atributos da vida mental e, mesmo em meio a uma longa controvérsia com Külpe e a escola de Würzburg (1908-1915) acerca do elemento do pensamento (Evans, 1975), ele continuou a considerar a sensação como o elemento essencial e constitutivo da vida mental.

Com isso, as modificações identificadas em sua proposta, em especial em seu *Text-book*, parecem confirmar que do ponto de vista da investigação empírica ela segue “em geral, as linhas traçadas em *An Outline*” (Titchener, 1910, p. viii), e o que efetivamente teria mudado foi sua perspectiva teórica – ou filosófica, em sentido amplo.

Como resultado deste período, ao final da primeira década do século XX a influência de Titchener havia se expandido para muito além de Cornell. Ele inspirou e orientou a instalação de laborários dentro e fora dos Estados Unidos (Brown & Fuchs, 1969; 1971; Rowe & Murray, 1979) e reuniu pesquisadores em torno da informal *Society of Experimental Psychologist* (SEP), que passou a se encontrar, a partir de 1904, para discutir os resultados de suas pesquisas.

Além disso, Titchener também influenciou indiretamente as publicações do período por meio das revisões dos trabalhos submetidos à editora MacMillan and Co., com a qual

⁵⁶ Um exemplo disso são as oito conferências proferidas por Titchener no Lowell Institute, Boston, em novembro de 1910 e intituladas *The Structure of Mind*.

Titchener colaborou entre pelo menos entre 1904 e 1926, aprovando e recusando publicações em áreas como filosofia, psicologia, pesquisas psíquicas, entre outras (MacMillan, 1904; Titchener, 1924b; 1925d; 1926c).

Como reconhecimento de suas contribuições à ciência psicológica, Titchener recebeu títulos das universidades de Oxford, Harvard, Winsconsin e Clark, que além disso o convidou para deixar Cornell e assumir seu departamento de psicologia (Evans, 1990; Titchener, 1909e). Tendo aceito a contraproposta para permanecer em Cornell, Titchener pretendia se beneficiar da dispensa dos compromissos com a graduação e da permissão para dedicar-se exclusivamente à condução de suas pesquisas e aos trabalhos com a pós-graduação para se concentrar na execução do planejamento de trabalho que havia elaborado para a década, explorando suas hipóteses até ser capaz de apresentá-las de uma forma sistemática (Titchener, 1909e). Este caminho, contudo, se mostraria mais longo e tortuoso de que Titchener havia estimado.

4. REFORMULAÇÕES PARA UM NOVO PROJETO DE PSICOLOGIA (1912-1925)

Depois de ter assumido o compromisso pessoal de explorar suas próprias ideias, libertando-se da auto-repressão das primeiras obras (Titchener, 1907b), Titchener manteve sua psicologia em contínua reformulação. Acompanhando seu amadurecimento intelectual, transformações graduais foram realizadas em aspectos centrais da proposta expressa em *Text-book* (1910) e em artigos da primeira década do século XX. Contudo, fosse pelas dificuldades institucionais trazidas pela Grande Guerra, pelos compromissos profissionais assumidos ou mesmo pelas dificuldades intrínsecas à articulação de suas proposições, sua nova formulação jamais alcançou a forma sistemática que ele pretendeu.

Seu grande livro, há muito anunciado, começou a ser escrito no verão de 1917 mas jamais foi concluído. Sua introdução e parte do terceiro capítulo foram publicadas por Titchener em *American Journal of Psychology* em 1921 e, após sua morte, Harry P. Weld (1877-1970), professor em Cornell, editou e publicou os manuscritos que representariam parcialmente o que Titchener considerava ser o prolegômeno de seu sistema. Apesar desse caráter fragmentário, é possível identificar nesses capítulos e nos escritos contemporâneos a eles o sentido e a direção da jornada intelectual de Titchener desde as primeiras influências da tradição britânica até sua formulação tardia de psicologia, passando pela complexa interpretação das propostas de Mach, Wundt e Avenarius.

Embora as transformações nas concepções de Titchener sugeridas em alguns destes textos tenham sido comentadas por seus contemporâneos e reconhecidas posteriormente pela literatura especializada (Boring, 1937; Evans, 1972; 1990; 2012; Pillsbury, 1928), elas jamais receberam a mesma atenção ou superaram o estatuto e a popularidade que suas antigas ideias alcançaram no meio psicológico (Bentley, 1930, Edgell, 1930). Além disso, não obstante os méritos de seus intérpretes em identificar essas mudanças, não foi observado até aqui o que

em nossa opinião representa um fator central na compreensão de suas ideias: a modificação em sua postura filosófica e seu impacto sobre as formulações psicológicas. A consideração destes fatores ao longo da trajetória intelectual de Titchener, porém, é o que permite reconhecer a coerência de sua trajetória em torno de um propósito: garantir a autonomia e uma formulação rigorosamente científica para a psicologia.

A persistência deste propósito ao longo de sua produção não significou, contudo, uma unidade de suas ideias ou atitudes em relação à ciência. Ao contrário, o que marca sua produção ao longo dos próximos 17 anos desde a escrita de *Text-book* (1910) é justamente uma mudança fundamental de atitude. Tal aspecto é reconhecido por Titchener no prefácio de seu livro *A Beginner's Psychology* (1915a), escrito para o mesmo público de *Primer* (1898a), isto é, estudantes secundaristas e professores em formação. Segundo ele, cada parágrafo foi reescrito, mas “a maior mudança, contudo, é uma mudança de atitude. Eu agora atribuo menos ênfase do que eu atribuía ao conhecimento e mais ao ponto de vista” (Titchener, 1915a, p. viii).

Embora não tenha recebido grande atenção de seus intérpretes por se tratar de uma obra introdutória e não voltada ao pesquisador especializado, ela apresenta alguns dos aspectos centrais que configuraram essa mudança referida por Titchener⁵⁷. Desta forma, junto ao *Beginner's*, o conjunto que consideramos melhor representar a perspectiva tardia de Titchener e que analisaremos neste capítulo é composto pelos capítulos de *Systematic Psychology*, pelas cartas trocadas com Adolf Meyer em 1918 e, em menor extensão, pelas conferências introdutórias oferecidas por Titchener aos estudantes de Cornell nos primeiros anos de 1920 e por alguns artigos, publicados entre 1912 e 1925. O objetivo deste capítulo é identificar as mudanças em sua concepção tardia de psicologia e as tendências para as quais seus escritos apontavam, mas que não chegaram a ser incorporadas a sua obra sistemática.

⁵⁷ A importância de *Beginner's* é também confirmada por Titchener em carta a Meyer em 04 de maio de 1918, na qual ele afirma: “Eu não posso dar a você qualquer melhor sumário da forma como eu vejo as coisas do que tem sido feito nessas cartas, em meus artigos recentes e no *Beginner's*” (Titchener, 1918c, p. 227).

Sintetizado por ele na afirmação de uma maior valorização do ponto de vista, seu novo sistema envolveu mudanças na própria concepção de ciência e em seu papel em relação à totalidade da experiência, com implicações para o domínio da psicologia. Começaremos, portanto, do novo entendimento de Titchener sobre a ciência e seus objetivos.

4.1 O QUE É CIÊNCIA, AFINAL?

Em carta a Meyer, Titchener reconheceu que ao ingressar na psicologia “não sabia o que uma ciência era, ou em que sentido a psicologia era uma ciência, ou como uma ciência estava relacionada com suas ‘aplicações’” (Titchener, 1918d, p. 273). A solução para este estado de coisas Titchener encontrou no aprofundamento de seus estudos sobre história da ciência, iniciados na década anterior. Segundo ele,

Eu procurei na história da ciência pela essência da ciência e eu tentei formulá-la claramente sobre todos os tópicos – objeto, método, problema, escopo etc. Eu penso ter capturado a essência, depois de muitos anos de dúvida; a formulação dela é, necessariamente, colorida pelo tempo, o espaço e a personalidade. (Titchener, 1918a, p. 219 – destaques no original)

Essa essência que Titchener acreditou ter alcançado se refletiu, inicialmente, em mudanças à respeito do papel da descrição na ciência e da distinção entre fato e significado. Embora a descrição tenha sempre estado presente desde as primeiras obras de Titchener como o complemento necessário da análise psicológica, ela desempenhava até 1910 um papel primário, porém não definitivo para atribuir à psicologia o estatuto de ciência, o que só seria alcançado com a explicação dos fenômenos mentais. A expressão mais forte deste

entendimento é encontrada, como vimos, em *Text-book* (1910), onde Titchener reconheceu o recurso ao sistema nervoso como princípio explicativo para a psicologia.

Pouco tempo depois, contudo, o aprofundamento de seus estudos em história da ciência e o reconhecimento dos impasses em sua formulação o teriam levado a uma nova interpretação sobre os limites da descrição e seu papel para a ciência, com um enfraquecimento da noção de explicação.

Em *Description vs Statement of Meaning* (1912b), mesmo assumindo ser questionável que a psicologia pudesse alcançar uma completa descrição de seus fenômenos, Titchener não considerou tal situação como obstáculo ao avanço científico, uma vez que ainda seria possível reunir seus resultados em termos coletivos e empregá-los para propósitos descritivos cada vez mais amplos (Titchener, 1912b). Além de não fazer qualquer referência à necessidade de um recurso explicativo, dentro ou fora do domínio da psicologia, mais revelador da nova interpretação de Titchener é sua indicação dos trabalhos do matemático Karl Pearson (1857-1936) e de Mach, exatamente em obras nas quais os autores defendiam a descrição como preocupação central da ciência.

Na passagem de *The Grammar of Science* indicada em seu artigo, Titchener encontrou a defesa explícita de que “o conhecimento é essencialmente uma descrição e não uma explicação – que o objetivo da ciência é descrever em uma abreviação conceitual a rotina de nossa experiência passada, com vistas a predizer nossa experiência futura” (Pearson, 1900, 504). Ao lado dela, também a passagem de Mach não deixa dúvidas acerca da origem da nova atitude de Titchener acerca do assunto. Referindo-se a uma das conferências de *Popular Scientific Lectures* em que Mach analisa o caráter econômico dos métodos da física e defende sua igual aplicação ao domínio psíquico, encontra-se a afirmação de que “a comunicação do conhecimento científico sempre envolve descrição” (Mach, 1895a, p. 193), sendo as próprias leis naturais nada mais do que uma descrição concisa e abreviada. Com isso, o objetivo da

pesquisa era visto por Mach como “a descoberta de equações que subsistem entre elementos do fenômeno” e que “expressam uma relação universal, matematicamente concebível” (Mach, 1895a, p. 205).

A confirmação de que Titchener incorporou tais interpretações em sua nova concepção de ciência ficou explícita em *Beginner's* (1915a), com a substituição da noção de explicação pela de correlação em sentido matemático. Segundo Titchener, a “ciência não é chamada a ‘explicar’ qualquer coisa; descrição e correlação são os representantes modernos – e mais modestos – da ‘explicação’ que uma ciência mais antiga procurava e professava encontrar” (Titchener, 1915a, p. 327). Com isso, Titchener explicita seu abandono do parâmetro científico defendido por Burdon-Sanderson e indica a adoção de mais um elemento da perspectiva representada por Mach.

Em seguida e de forma mais analítica, no primeiro capítulo⁵⁸ de *Systematic Psychology* (1929), Titchener considerou que o tratamento compreensivo da descrição envolveria uma referência negativa e uma positiva. No primeiro sentido, ela representaria a negação de que a “ciência tenha qualquer coisa a ver com explicação, com Causa e Razão⁵⁹; e nega, conseqüentemente, que a ciência tenha qualquer coisa a ver com aplicação, com significados e fins” (Titchener, 1929, p. 56). O motivo para isso devia-se ao fato de que “questões de Causa e Razão pertencem ao universo da razão suficiente, que é o universo da lógica” (Titchener, 1929, p. 56), onde tais conceitos teriam um papel a desempenhar, ao passo que sua presença nas ciências revelaria, segundo Titchener, apenas o que Mach chamou de “um forte colorido de fetichismo” (Mach, 1895b, p. 254; Titchener, 1929, p. 57).

⁵⁸ De acordo com Weld (1929), o rascunho deste capítulo teria sido produzido em novembro de 1917, mas sua redação final teria sido alcançada no primeiro semestre de 1918, sendo datilografada apenas em 1923. Tais informações são coerentes com os comentários de Titchener ao longo de suas cartas do período (Titchener, 1918a, p. 219)

⁵⁹ Os termos “Why” e “Because”, usados por Titchener, foram aqui traduzidos como Causa e Razão por melhor representarem aquilo que ele queria retirar do domínio da ciência: a noção de causalidade e os motivos ou significados.

Eliminado o vício da procura por explicações, o sentido positivo da descrição envolveria a compreensão de suas operações, isto é, as análises nos níveis elementar e relacional, a síntese, a classificação dos resultados da análise e a formulação de leis naturais, tanto sobre a constituição dos fatos quanto sobre sua correlação ou covariação com outros fenômenos, esgotando assim a totalidade do assunto da ciência (Titchener, 1929).

Outra característica da noção de descrição aceita por Titchener está relacionada ao ideal machiano de economia do pensamento. Titchener reconheceu que o propósito de oferecer uma descrição o mais simples possível poderia ser adequado ao empreendimento científico desde que não sacrificasse a inteligibilidade do conteúdo descrito. Do contrário, a busca pela simplicidade atenderia somente a um ideal estético, mas seria inútil aos ideais da ciência, tal como “um conjunto de fórmulas matemáticas, intrinsecamente simples e claras como a luz do dia para o matemático avançado”, mas que “poderia ser muito menos útil para os cientistas comuns do que os desajeitados equivalentes verbais” (Titchener, 1929, p. 64).

Face a isso, Titchener propunha que o atendimento ao ideal científico da descrição mais simples considerasse as circunstâncias envolvidas ao invés de aceitar incondicionalmente um padrão descritivo específico, assegurando desta forma a maior economia do pensamento possível (Titchener, 1929). Apesar desta ressalva, ele acreditava que uma vez alcançada a descrição apropriada para cada ciência, a integração de suas fórmulas em uma fórmula universal deveria figurar como um ideal científico (Titchener, 1929).

Outra consequência importante de sua ampliação do conceito de descrição como centro da concepção de ciência foi a reinterpretação da importância da fisiologia para a psicologia. Tendo abandonado a defesa de que os processos do sistema nervoso explicariam os psicológicos ao oferecer as condições para sua ocorrência, Titchener afirmava que a correlação suposta entre os processos mentais e seus correspondentes orgânicos era

(...) puramente lógica, da mesma ordem que a dependência funcional da matemática. Se o sistema nervoso é visto como o membro logicamente anterior da correlação, isso não significa que o objeto da psicologia possa ser materialmente ou formalmente derivado do objeto da neurologia, e a afirmação da correlação em si mesma, como uma completa descrição, é toda a ‘explicação’ que a ciência pode dar. (Titchener, 1929, p. 134)

Com isso, a psicologia também não precisaria ter seu desenvolvimento atrelado ao da fisiologia, sendo obrigada a aguardar seus resultados para prosseguir em suas análises, tal como se supunha até 1910. A contribuição da fisiologia se restringiria agora ao oferecimento de insights ou novas questões para a investigação psicológica (Titchener, 1929).

Por outro lado, com a fisiologia deixando de ser responsável pela coesão dos processos psicológicos e sua conexão aos demais fenômenos naturais, outra importante disciplina teve sua contribuição à ciência reconhecida e especificada por Titchener: a lógica. Segundo Titchener, sua relação com a ciência seria dupla: em primeiro lugar, era a lógica quem asseguraria e organizaria as condições adequadas para a realização do experimento. Além disso, era também a ela que caberia uma tarefa mais complexa, relacionada à transformação do conhecimento e ao estabelecimento das leis científicas.

No primeiro caso, Titchener reconheceu que isso exigiria do cientista deixar momentaneamente o domínio da ciência para ingressar no “mundo do significado lógico, o universo da razão suficiente, e pensar os procedimentos experimentais para o controle de sua observação” (Titchener, 1929, p. 45) ou até mesmo transferir o planejamento dos experimentos ao lógico e aguardar sua contribuição. Segundo Titchener, isso se devia ao fato de que “todas as prescrições e organizações manipulativas do experimento são assuntos de Causa e Razão, elas incorporam e expressam algum propósito especial do investigador, e o

temperamento científico, como vimos, não conhece nada de propósitos especiais” (Titchener, 1929, p. 44). Já o segundo nível de relação da lógica com a ciência envolveria o que Titchener chamou de uma transformação do conhecimento.

A observação resulta na consciência imediata entendida como “familiaridade-com” e se tal conhecimento deve ser organizado e socializado, ele deve ser transformado em um “conhecimento-sobre”. Nós não discutimos a razão para essa transformação; é bastante para nosso propósito reconhecer que a ciência tem, de fato, se tornado uma instituição social. Nós mostramos, entretanto, que o trabalho de transformação cabe à lógica realizar, que todos os modos de procedimento lógico estão envolvidos e que no curso do tempo todos os modos apropriados para uma ciência especial são reunidos como cânones de uma “metodologia científica”. (Titchener, 1929, pp. 70-71)

Embora Titchener não discuta essa transformação do conhecimento, ao recorrer à noção de familiaridade-com (*acquaintance-with*) ele parece indicar a definição proposta pelo filósofo e lógico britânico Bertrand Russell (1872-1970) de conhecimento por familiaridade (Hasan, 2014; Russell, 1910)⁶⁰. Segundo Russell, familiaridade-com significa nada mais do que a relação entre sujeito e objeto que caracteriza uma apresentação, ou seja, “dizer que S tem familiaridade com O é essencialmente a mesma coisa que dizer que O é apresentado a S” (Russell, 1910, p. 108), não estando envolvido nenhum tipo de julgamento. Embora Titchener não tenha explorado o assunto, nem seja possível deduzir sua completa concordância com a discussão de Russell, está claro que, diferentemente da ‘familiaridade-com’, o que Titchener

⁶⁰ Além da terminologia adotada em *Systematic Psychology*, deve-se lembrar que Titchener foi membro correspondente da Aristotelian Society desde 1899 e acompanhava suas discussões, inclusive no período da presidência de Russell (1911-1913). Isso sugere que Titchener tenha estado em contato com as discussões propostas pelo autor, em particular com sua obra *Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description* (1910).

chamou de ‘conhecimento-sobre’ (*knowledge-about*) era o conhecimento organizado pelos procedimentos da lógica, ou seja, conforme um propósito específico e socializado por meio de uma descrição definida.

Além disso, seguindo a proposta machiana, Titchener também declarou aceitar o postulado da uniformidade da natureza. Sem apresentar qualquer discussão sobre o mesmo, Titchener o considerava um ‘direito obtido pela ciência’ e capaz de sustentar a aspiração pela unificação dos pontos de vista acerca da experiência (Titchener, 1929).

Tendo reconhecido que a natureza da ciência representava um fenômeno mais complexo do que poderia ser resumido em uma fórmula singular ou definição lógica, todo esse conjunto de características descrito por Titchener representaria, segundo ele, uma concepção de trabalho sobre a ciência, suficiente por considerar o temperamento científico em abstrato, isto é, a postura desinteressada e impessoal pressuposta; a atividade concreta do cientista, que envolveria tanto o planejamento quanto a execução de seus experimentos, e, por fim, o sentido objetivo ou institucional de ciência, abrangendo sua tarefa descritiva e o seu reconhecimento como instituição social (Titchener, 1929).

Se tal conclusão pode parecer insuficiente para quem anunciava ter compreendido a ‘essência’ da ciência, ela traz, contudo, uma novidade a respeito da definição por ponto de vista, retirando da ciência a exclusividade sobre a experiência e apresentando novas especificações sobre sua relação com outros campos do conhecimento.

4.2 A CIÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A TOTALIDADE DA EXPERIÊNCIA

Se até 1910 a psicologia de Titchener tinha sido identificada como a ciência “da experiência humana considerada como dependente da experiência pessoal” (Titchener, 1910, p. 16) ou mais especificamente do sistema nervoso, em contraste com as ciências que

consideravam a “experiência como completamente independente de qualquer pessoa particular” (Titchener, 1910, p. 8), como a física, a química e a astronomia, entre outras, em 1918 a relação entre as ciências e a totalidade da experiência havia mudado de modo importante, levando também a um novo critério de diferenciação entre elas.

Como ficou explícito em *Beginner's*, nas cartas trocadas com Meyer em 1918 e no primeiro capítulo de *Systematic Psychology*, Titchener introduziu uma nova distinção em seu esboço classificatório ao considerar que a experiência humana poderia ser objeto de duas perspectivas distintas: a da existência e a do valor (Titchener, 1915a; 1918e; 1918f, 1929). Sob a primeira delas, se configuraria o domínio da ciência, que lidaria fatos ou existência nuas, isto é, livres de crença, propósito e acréscimos avaliativos. Esboçado pela primeira vez nas *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-Processes* (1909b), o ponto de vista existencial aparecia, naquele momento, identificado ao ponto de vista psicológico. Agora, ele representava a perspectiva fundamental da ciência em geral, a partir da qual se estabeleceriam os pontos de vista específicos de cada disciplina.

Enquanto isso, o domínio do valor seria objeto da axiologia e, seguindo o mesmo raciocínio, poderia ser abordado por pontos de vista específicos, representados por disciplinas como a lógica, a ética e a estética. Diferentemente das ciências, elas não lidariam com fatos, mas com significados e propósitos (Titchener, 1918f). Titchener também considerava que este domínio equivalia a uma observação teleológica da experiência, em termos de meios e fins (1918e). Em uma apresentação esquemática das abordagens possíveis para a totalidade da experiência, Titchener resumiu sua interpretação afirmando encontrar tão somente o “grande tecido da Experiência, que eu posso contemplar

I. analiticamente

- | | |
|------------------|-----------|
| (1) como valores | Axiologia |
| (2) como fatos | Ciência |

II. sinteticamente Filosofia” (Titchener, 1918a, p. 217).

Com tal proposta, Titchener assumia que ao abordar a totalidade da experiência a partir do ponto de vista existencial, a ciência não esgotaria a possibilidade de conhecimento acerca da mesma, devendo necessariamente ser complementada pela axiologia. Embora não tenha se dedicado a discutir a natureza dos objetos da axiologia ou os métodos para sua investigação, Titchener deu alguns indícios de como entendia a diferença entre fato e valor. Em carta a Meyer, ao criticar sua postura, Titchener afirmou

Você parece, segundo penso, usar a palavra “observar” em um sentido muito amplo, mais ou menos como = encontrado ou dado diante de você⁶¹. Você então “encontra” todo tipo de coisas sobre você, muito no sentido do positivismo de Avenarius (ele, é verdade, não encontrou valores, mas avaliações). Mas o principal questionamento que se faz à Kritik de Avenarius é precisamente que você não “encontra diante de você” fatos e valores (ou avaliações) da mesma forma, sob a mesma atitude; você muda sua atitude, muda seu ponto de vista, como você vê agora um e agora o outro. O empiriocriticismo falha, em outras palavras, justamente porque ele não tem uma teoria de valores. (Titchener, 1918a, p. 201)

Ao comentar a postura de Meyer de observar o que considerava ser dado à experiência, e identificando a semelhança entre tal postura e a noção de *vorfinden* usada por Avenarius, Titchener estaria se afastando da definição deste último de uma experiência pura, primária e naturalmente percebida à qual se sobreporiam os recursos do pensamento

⁶¹ Titchener usa o verbo em alemão *vorfinden*.

científico. Para Titchener, tanto o domínio dos fatos quanto o dos valores corresponderiam a perspectivas a serem abstraídas em relação à totalidade da experiência, embora por procedimentos distintos e específicos (Titchener, 1918d). A primeira distinção entre ambas se daria tão somente a partir de uma diferença de atitude – pessoal e desinteressada por parte da ciência, comprometida um propósito, interpretação ou significado, por parte da axiologia.

Acrescido a isso, Titchener também considerava a noção de ‘dado’ como algo diretamente apresentado como sendo uma interpretação do senso-comum (Titchener, 1918f). Segundo ele, “nada é literalmente dado e, portanto, nada é encontrado puro, mas em todo caso o objeto tratado é uma função do método com o qual se lida com ele” (Titchener, 1918g, p. 258 – destaques no original). No caso da ciência, este método consistiria na observação; no caso dos significados, Titchener foi menos esclarecedor e sua única referência ao assunto é uma oposição entre o observar e o apreender, embora ele não informe se está se referindo a uma atitude ou a um método propriamente. Com isso, só o que se pode supor é que o apreender não envolve descrição, mas antes interpretação.

Um último indício, porém, de que a distinção de Titchener entre fato e valor não implicava a diferença entre uma experiência pura e uma outra resultante da abstração conceitual diz respeito ao fato de Titchener ter considerado a própria lógica como uma das disciplinas pertencentes à axiologia. Mesmo incluindo-a no domínio dos valores, a lógica lidaria essencialmente com abstrações conceituais, sendo a responsável por todos os procedimentos do raciocínio, tais como a indução e a inferência (Titchener, 1918d; 1918f).

Ao invés da referência ao ‘dado’ e a um conhecimento direto e não conceitual, a distinção entre fato e valor representaria para Titchener a possibilidade de uma observação da experiência descolorida de propósitos e significados e passível de ser descrita. Com base nesta formulação, Titchener assegurava sua delimitação ampla de ciência, considerando-a nos seguintes termos:

A ciência está restrita desde o início a um certo método, o método da observação; a um certo ponto de vista, o existencial como oposto ao do significado; a uma certa tarefa, a tarefa da descrição e da correlação. Além desses limites a ciência não tem pretensões; dentro deles, ela tem alcançado muito e está determinada a alcançar mais. (Titchener, 1915a, p. 331)

Delimitadas as preocupações da ciência dentro destas fronteiras, permanecia ainda a questão da possível harmonização entre as diferentes perspectivas sobre a experiência. Como previsto em seu resumo esquemático, tais questões extrapolariam os limites da abordagem analítica e pertenceriam ao domínio da filosofia.

4.2.1 As relações entre ciência, axiologia e filosofia

Diante da distinção fundamental entre a perspectiva dos fatos e a dos valores, Titchener reconheceu que a fórmula singular que figurava como ideal para as ciências, harmonizando suas visões parciais, não seria suficiente para exaurir o mundo da experiência humana. Ao contrário, segundo ele,

A existência não expressa adequadamente a experiência. (...) O que temos assumido como feito para as ciências deve também ser feito para as disciplinas de valor; em seu domínio elas devem ser integradas, todas e cada uma reunidas, e então devem seguir a integração final de Existência e Valor. Tudo isso é tarefa da filosofia, e não da ciência; o cientista somente deve se lembrar que sua própria consideração do mundo, independente de quão longe possa ser

levada, oferece no máximo um retrato incompleto e unilateral da experiência humana. (Titchener, 1929, pp. 76-77)

Para atender à necessidade de integração das perspectivas existencial e axiológica, assim como do campo da tecnologia – um “agregado de conhecimento e preceito, reunido por um Propósito” (1918, p. 272) e relacionado tanto às ciências quanto às disciplinas axiológicas –, o problema da filosofia, ou mais especificamente, da metafísica, seria “integração e método de integração” (Titchener, 1918f, p. 246). Extrapolando o horizonte da ciência, tais preocupações devidas à filosofia também teriam levado Titchener a assumir uma diferente atitude acerca das relações entre a perspectiva analítica e a sintética sobre a totalidade da experiência.

Ao contrário do que fizera em 1899, afirmando ser o monismo neutro a “metafísica para a qual a ciência aponta” (Titchener, 1899a, p. 366), Titchener agora teria ajustado sua postura em relação aos limites da ciência. Mesmo defendendo a possibilidade de integração das diferentes abordagens acerca da experiência, Titchener se restringiu a afirmar que

Se a experiência é metafisicamente unitária ou múltipla, singular ou plural, eu não sei e não me preocupo com isso dentro da ciência. A ciência descreve a totalidade do campo existencial de todos os pontos de vista possíveis. Ela não tem nada mais a fazer – ela não está preocupada com a “realidade” assim como não está preocupada com a subsistência de valores. (Titchener, 1918a, p. 217 – destaque no original)

Não obstante esta nova postura, ao responder às críticas e comentários de Meyer, Titchener fez algumas considerações sobre os sistemas filosóficos de sua época, procurando

delimitar sua própria posição em relação ao positivismo e ao idealismo. Conforme sua avaliação,

Eu não tenho nenhuma disputa pessoal com o positivismo e jamais sonharia com qualquer controvérsia pública com ele; ele é uma posição inteiramente respeitável e eu somente não posso aceitá-lo porque penso que, assim como o materialismo (embora em um aspecto diferente), ele é confuso. Eu também não aceito o idealismo absoluto porque, embora ele não seja confuso, ele é dogmático: um pecado menor para mim do que ser confuso, mas ainda assim um pecado verdadeiro. (Titchener, 1918f, p. 246)

Em um cenário intelectual em que o idealismo perdera espaço, Titchener dedicou mais energia a se distinguir daquilo que considerava ser característico da perspectiva positivista e deu alguns detalhes sobre os motivos de sua discordância em relação a ela. A confusão positivista à qual se referia era a de colocar “fato científico, apreciação literária, relação lógica, tudo no mesmo nível de imediatez para o conhecimento e tudo na mesma linha direta de procedimento metodológico” (Titchener, 1918f, p. 246), tratando todos os três como ‘dados’.

Longe, porém, de se comprometer com qualquer outra proposta filosófica, Titchener adotou uma nova solução. Em oposição ao seu entusiasmo inicial e coerente com a consideração das diferentes abordagens sobre a experiência, Titchener se mostrou cético quanto à possibilidade de a ciência sugerir uma interpretação filosófica sobre a realidade última e, ao invés disso, passou a insistir que sua atitude em relação à ciência era “compatível com qualquer filosofia – idealismo, pragmatismo, realismo, positivismo, ou qualquer ismo que houver” (Titchener, 1918i, p. 268).

Essa compatibilidade universal da psicologia pretendida por Titchener deve ser entendida, por um lado, a partir da própria constituição da ciência e, por outro, em função do escopo da filosofia. Ao afirmar que todo sistema científico seria construído tão somente a partir de fatos e lógica, Titchener acreditava excluir toda e qualquer consideração filosófica da constituição interna da ciência (1918b, p. 203). Um exemplo desta convicção está no tratamento dado à epistemologia. Segundo ele,

Uma vez que eu estabeleço a epistemologia tão longe, parece ser possível dizer: A ciência é compatível com qualquer epistemologia e não está comprometida com nenhuma. Eu honestamente não sei o que minha própria epistemologia é. Nenhuma das teorias que li parecem responder às questões que eu quero respondidas. Mas eu acredito ver bastante claramente que o Conhecedor ou Entendedor ou Postulador é pressuposto por todas as ciências (física, biologia, psicologia) e pressuposto por todas da mesma forma. Na medida em que a ciência segue assim, eu tenho uma constante externa que não importa. (Titchener, 1918a, p. 214 – destaques no original)

Em virtude desta situação, as ciências não apresentariam nenhuma restrição prévia em relação a qualquer forma de filosofia. Tal compatibilidade, contudo, não se deveria somente a essa espécie de constituição neutra das ciências, mas também à limitação própria da filosofia, que ao invés de interferir sobre a atividade científica, estaria restrita a tratar da integração última das leis obtidas pelas diferentes perspectivas acerca da experiência (Titchener, 1918f).

Resultaria desta relação um sistema classificatório em que a ciência era vista como independente da filosofia e “qualquer sistema filosófico para ser satisfatório, deve, por outro lado, levar em conta em igual medida os três sistemas científicos. Portanto, a Filosofia não é

independente da Ciência” (Titchener, 1918d, p. 272). Além disso, sendo o domínio dos fatos correlativo ao dos valores, a mesma regra valeria também para a relação entre a axiologia e a filosofia, ou seja, enquanto suas disciplinas são independentes da filosofia, “a Filosofia não é independente da Axiologia” (Titchener, 1918d, p. 272).

Não obstante a idealização deste sistema, a avaliação de Titchener em relação ao resultado efetivo disponível em sua época era modesta. Segundo ele próprio reconheceu, não era possível “assegurar que esta tarefa tenha sido realizada satisfatoriamente ou mesmo que os sistemas existentes prometam sua realização satisfatória. Portanto, não posso ainda me comprometer eu próprio com qualquer sistema filosófico existente” (Titchener, 1918d, p. 273). Sem a intenção de construir ele mesmo um tal sistema, Titchener afirmava que seu propósito era apenas demarcar a ciência de tal forma que os grandes sistemas filosóficos pudessem aceitar sua demarcação⁶² (Titchener, 1918h, p. 262).

Se Titchener efetivamente contribuiu para consolidar um determinado sentido de ciência em seu tempo, o objetivo de que o mesmo fosse aceito pelos grandes sistemas filosóficos jamais chegou perto de ser alcançado até sua morte, em 1927. Porém, foi em relação a este ideal que Titchener refinou sua definição de psicologia a partir da noção de ponto de vista.

4.3 AS TENDÊNCIAS DE UMA NOVA CIÊNCIA PSICOLÓGICA

Se nas fases anteriores de sua produção, Titchener publicou livros e artigos defendendo as formulações definidas e esclarecendo alguns pontos a partir das críticas recebidas, a situação de suas ideias na última década de sua vida foi diferente. Com a

⁶² Ao evitar comprometer-se filosoficamente, Titchener foi duramente criticado por Meyer. Segundo o autor, Titchener se alinhou a “tendências tais como a representada por Avenarius, por certos físicos filósofos e por aqueles que se omitem do materialismo e querem prestar seu devido respeito ao idealismo sem transcender os dois. O resultado foi a produção de uma filosofia que não quer se encarar completamente” (Meyer, 1918, p. 260).

interrupção da escrita de seu *Systematic Psychology*, seu derradeiro projeto permaneceu incompleto e as publicações que o sucederam sugerem novos caminhos não anunciados nos poucos capítulos publicados. Por este motivo, apresentar seu derradeiro projeto de psicologia envolve não apenas considerar o caráter incompleto de sua obra, mas também contemplá-la em relação a outros escritos parcialmente contemporâneos a ela, identificando as mudanças em algumas de suas definições pontuais mais explícitas e as tendências para as quais tais escritos apontaram⁶³.

4.3.1 A reformulação da noção de ponto de vista

O passo fundamental para entender a definição tardia de psicologia de Titchener e suas relações com as outras ciências é a discussão apresentada em *Systematic Psychology* sobre a definição das ciências a partir do ponto de vista. Titchener identificou dois caminhos principais que marcaram o desenvolvimento desta tendência no final do século XIX: um representado por Wundt e outro por Avenarius. Embora tenha reconhecido que a psicologia significou para Wundt o foco que centralizava todo seu pensamento e que, como homem de ciência, ele se elevou acima de sua própria especialidade para tentar oferecer um “levantamento compreensivo do universo científico” (Titchener, 1929, p. 90), é o caminho representado por Avenarius, o filósofo com um “entendimento simpático da ciência” (1929, p. 90), que Titchener apresentou como aquele que teria atraído o maior número de pesquisadores.

⁶³ Embora se tenha defendido que as ideias de Titchener poderiam ser apreciadas nas pesquisas e publicações de seus orientandos em Cornell (Evans, 1972a; Tweney, 1987), em especial no que diz respeito à sua produção tardia, dois motivos nos fazem não as considerar neste trabalho: em primeiro lugar, a dificuldade em delimitar o que exatamente nelas de fato se deveria a uma mudança de convicções de Titchener e o que se deveria à perspectiva de seus próprios alunos. O segundo fator é que, mesmo identificando-se aspectos atribuíveis a Titchener, como procurou fazer Evans (1972a), eles representariam, pelo próprio estágio que alcançaram, apenas a condição de hipóteses em teste, ainda não formalizadas no conjunto de ideias do autor, o que retiraria delas qualquer estabilidade em relação a sua aceitação ou não.

Embora Titchener tenha declaradamente chegado à perspectiva empiriocriticista a partir de Mach e demonstrado mais afinidade com ele do que com Avenarius⁶⁴, sua escolha por este último como representativo desta perspectiva pode ser explicada por ter sido ele “o ponto de referência filosófico para os jovens psicólogos experimentais” (Krauss, 2017, p. 18) de sua geração e por ter tido sua perspectiva acerca da nova psicologia diretamente envolvida na polêmica com Wundt, no início dos anos de 1890. Dada a respeitabilidade de Wundt no cenário alemão e nos círculos psicológicos daí derivados e a repercussão de sua crítica a Avenarius, qualquer proposta que compartilhasse desta última perspectiva exigiria uma consideração dos problemas apontados pelo fundador do laboratório de Leipzig.

Indicadas então estas duas matrizes, o ponto de partida de Titchener foi a apresentação da definição de ponto de vista defendida por Wundt e a crítica a três aspectos de sua proposta: a relação entre a psicologia e as ciências naturais; o diferente papel da construção conceitual em cada um dos dois domínios, e a dependência da biologia em relação ao ponto de vista da física e da química (Titchener, 1929). Em seguida, ao tratar das ideias de Avenarius, Titchener reconheceu alguns de seus elementos principais, como a definição do objeto da psicologia como a experiência como um todo (*Erfahrung überhaupt*) vista como dependente do indivíduo e o caráter lógico ou funcional desta dependência. Porém, diferentemente do que fez com as ideias de Wundt, Titchener apresentou um exame crítico da posição de Avenarius a partir do comentário de visões relacionadas, como as de Mach, Ward, Külpe, Ebbinghaus e James.

Assumindo ter sido Mach o autor “com quem nós naturalmente começamos” (Titchener, 1929, p. 119), Titchener destacou sua contribuição à visão unitária da ciência, por meio do postulado dos elementos homogêneos, assim como sua defesa do ideal de ciência

⁶⁴ Uma passagem que reforça esta disposição de Titchener em relação aos autores está presente em sua afirmação de que Avenarius seria recomendado aos psicólogos não só “por sua atitude científica e por seu interesse psicológico”, mas porque “sua concordância substancial com Mach, um pensador independente que foi um psicólogo experimental assim como um físico experimental, acrescenta força à recomendação” (Titchener, 1929, p. 114).

como descrição funcional do mundo. Além disso, aceitando a proximidade entre Mach e Avenarius, que, em sua avaliação, “a partir de diferentes pontos de partida e por diferentes caminhos (...) chegaram à mesma conclusão” (Titchener, 1929, p. 121), Titchener considerou que Mach deu um passo além ao discutir a relação entre a física e a biologia.

Recorrendo a um caminho similar àquele adotado por Wundt, Mach teria aceito um papel provisório para a teleologia, até que a física ou a fisiologia dos sentidos fossem capazes de lidar com o organismo. Tal sugestão, contudo, não teria superado os resultados alcançados por Wundt e, mesmo sob o abrigo da unidade das ciências, sua abordagem para a biologia também teria se mostrado inconclusiva (Titchener, 1929).

Outro exemplo inspirado em Avenarius e que se mostrou incapaz de oferecer melhor resposta sobre o problema da biologia foi a proposta de Külpe. Vista por Titchener como uma tentativa de submeter a definição de Avenarius ao teste da apresentação sistemática, a psicologia de Külpe apresentaria, contudo, uma importante divergência em relação ao tratamento original. Conforme a análise de Titchener,

Avenarius fez da psicologia a ciência da experiência em sentido amplo, em sua totalidade, na medida em que a vemos como dependente do indivíduo. Külpe escreve mais tarde que “o objeto da psicologia compreende aqueles fatores e aquelas propriedades da experiência completa de um indivíduo e que são dependentes do próprio indivíduo”. Para Avenarius, entretanto, não é uma questão de fatores e propriedades, mas da experiência como um todo; e não é, portanto, novamente, uma questão sobre ‘o que é’ dependente, mas de nosso ‘tomar’ a experiência de um ponto de vista particular ‘como’ dependente. (Titchener, 1929, pp. 127-128)

Mesmo reconhecendo o caráter pioneiro do trabalho de Külpe, publicado anteriormente ao *Bemerkungen* de Avenarius, Titchener considerou que sua definição acabava por reintroduzir um objeto singular para a psicologia, extraído da totalidade da experiência (Titchener, 1929).

Dificuldade diferente teria afetado Ebbinghaus, que, dentre outras coisas, mantinha a fisiologia do sistema nervoso como parte da psicologia (Titchener, 1929). Assim como ocorreu com a análise da definição de Ebbinghaus, também Ward e James receberam menor espaço nas considerações de Titchener, aparentemente pela menor afinidade que apresentavam com a proposta de Avenarius. Apesar disso, é significativo notar que mesmo tendo reconhecido que representaria “um grito distante de Mach para Ward, do homem da ciência lutando em direção a uma filosofia para o filósofo treinado despejando os frascos de seu desprezo sobre a construção científica” (Titchener, 1929, p. 122), Titchener afirmou que a definição de psicologia de Ward, “tomada no terreno intermediário entre a teoria do conhecimento e a ciência especial” (Titchener, 1929, p. 122), poderia ser considerada próxima àquela de Mach.

Mesmo tendo identificado que o caráter idealista e teleológico das formulações de Ward era completamente estranho à perspectiva empiriocriticista, a afirmação da proximidade entre as ideias de Ward e Mach é coerente com os relatos que Titchener fez a Boring neste período, quando mesmo reconhecendo que a autoridade de Ward na área havia passado, restando apenas sua longínqua influência⁶⁵, ele foi considerado por Titchener como tendo sido sua ponte em direção a Mach (Titchener, 1921b).

⁶⁵ A avaliação de Titchener sobre Ward aplica-se igualmente a William James. Na referida carta a Boring, Titchener afirma: “Você pode se lembrar que ambos esses homens vêm antes, no capítulo sobre o ponto de vista, e eu os reconheço tanto quanto posso. (...) Eu realmente não gosto de bater em Ward ou em James. Eles fizeram um grande trabalho e eu acho que ambos estão passando; passando como autoridades, deixando somente influência atrás deles. Não é medo deles o que me moveu, mas respeito por sua ‘memória’” (Titchener, 1919c, #1).

Consideradas algumas das possíveis semelhanças e limitações nas propostas dos autores que teriam compartilhado a perspectiva fundamental de Avenarius, Titchener encerrou seu comentário crítico com uma conclusão que não deixou margem para dúvida: “somos incapazes de concordar com Wundt e devemos agora – colocando de lado as variantes e os derivativos de sua visão – voltar a Avenarius” (Titchener, 1929, p. 134). Longe, porém, de significar uma adesão irrestrita às ideias particulares do autor, este ‘retorno a Avenarius’ empreendido por Titchener deve ser entendido, como argumentaremos, como dirigindo-se à perspectiva empiriocriticista em geral.

A estratégia adotada por Titchener para apresentar sua própria definição a partir destas duas matrizes não foi, como dissemos, aleatória. Mesmo Titchener tendo feito apenas uma breve menção ao episódio da ruptura entre Wundt e Avenarius em uma nota de rodapé, afirmando que Wundt não teria travado “tão amarga polêmica com Avenarius se não houvesse um certo parentesco entre eles” (Titchener, 1929, p. 134, nota 76), a apresentação de sua proposta envolveu diretamente o recurso ao episódio.

A principal evidência disso está no fato de que, após uma breve apresentação dos dois caminhos em relação à definição por ponto de vista, com maior espaço para as ideias de Avenarius, Titchener anunciou o que seria a parte negativa de seu próprio trabalho construtivo: o afastamento de algumas das críticas de Wundt dirigidas a Avenarius. Feito isso, a parte positiva consistiria na modificação da fórmula do autor no tocante à relação entre ciência e a totalidade da experiência e, por fim, acreditando superar o silêncio de Avenarius sobre o assunto, Titchener pretendia esclarecer as relações entre a biologia e a física, propondo o que seria uma fórmula diferencial para cada uma.

No que diz respeito à parte negativa, Titchener (1929) considerou que Wundt estava errado em relação a três aspectos da perspectiva empiriocriticista. Em primeiro lugar, a psicologia construída em tal fundamento não requereria a derivação de seus fatos a partir dos

fatos da fisiologia ou a explicação dos primeiros a partir dos últimos. Embora o próprio Titchener tivesse defendido formulação semelhante até a publicação de seu *Text-book*, ele agora reconhecia, como ressaltamos no tópico anterior, que a perspectiva de Avenarius envolvia uma dependência puramente lógica ou funcional entre os fatos das duas ciências, lidando apenas descrição e correlação.

Em segundo lugar, Wundt também teria feito uma avaliação incorreta ao supor que o desenvolvimento da psicologia assim definida estaria atrelado ao avanço da fisiologia. Titchener afirmava que, uma vez que a correlação ou covariação funcional entre os fenômenos das duas disciplinas não envolvia dependência material, o progresso da psicologia seguiria mesmo que a fisiologia interrompesse seu curso. A psicologia apenas se veria afetada em aspectos secundários, como em relação ao planejamento de suas pesquisas (Titchener, 1929).

O terceiro e último erro de Wundt em relação à avaliação da proposta representada por Avenarius dizia respeito ao suposto caráter privado e não-compartilhável da experiência individual. Segundo Titchener, isso apenas faria sentido considerando-se um sujeito conhecedor como “um centro pessoal da consciência” (Titchener, 1929, p. 136). Porém, conforme a perspectiva em questão, o papel deste sujeito seria o mesmo na psicologia como na física ou na biologia, isto é, o de uma constante que não diferenciava o caráter essencial do conhecimento obtido por cada ciência. Além disso, uma vez que o individual referido na definição empiriocriticista era biológico, ou seja, uma vez que “os processos excitatórios do sistema nervoso são biologicamente os mesmos”, consequentemente “a experiência psicológica correlacionada é comum ou compartilhável” (Titchener, 1929, pp. 136-137).

Um resultado importante da parte negativa do trabalho de Titchener e que deve ser ressaltado é que, ao responder a esses tópicos da crítica de Wundt a Avenarius, Titchener indicou dois pontos fundamentais em que a sua nova psicologia sistemática se diferenciava

daquela que havia apresentado em 1910: o recurso à fisiologia para explicar os processos mentais e a relativa dependência da psicologia em relação ao avanço da fisiologia.

Tendo afastado essas interpretações que considerava equivocadas, Titchener entendia ser possível aprovar a definição de Avenarius como psicologicamente adequada, embora ela ainda precisasse ser qualificada para ser aceita. A parte positiva de seu trabalho consistia justamente em modificar a proposta de Avenarius, adequando-a ao que considerava ser a especificidade da perspectiva científica. Segundo ele,

Quando Avenarius fala, no contexto científico, de *Erfahrung überhaupt*, da experiência como um todo, ele coloca seu próprio significado sobre o termo “experiência”. A filosofia empiriocrítica não tem nenhuma teoria de valores; ela transforma valores naquilo que é dado, na ocorrência encontrada de avaliações, e as avaliações aparecem, conseqüentemente, dentro de sua ‘experiência’ científica. (Titchener, 1929, p. 138 – destaque no original)

Titchener, como discutimos anteriormente, recusou este tratamento dado aos valores. Em sua perspectiva, a ciência observaria a experiência do ponto de vista exclusivamente existencial, separado da dimensão axiológica. Com isso, ele afirmou, “nós reclamamos o direito, a partir de nossa discussão prévia, a modificar a fórmula de Avenarius no sentido da ciência. A psicologia é então a ciência da experiência existencial vista como dependente do sistema nervoso” (Titchener, 1929, p. 138).

Especificado o ponto de vista da psicologia, o aspecto final da parte positiva de seu trabalho envolveria o esclarecimento das relações da área com a física e a biologia, o que, por sua vez, exigia a delimitação do ponto de vista singular de cada uma destas áreas. Não obstante a física tivesse a singularidade de sua perspectiva mais imediatamente reconhecida, a

delimitação de um ponto de vista singular para a biologia havia representado, conforme a interpretação de Titchener, uma das maiores dificuldades na apresentação sistemática das ciências, comprometendo, conseqüentemente, o entendimento das relações estabelecidas entre elas.

Para apresentar sua proposta, Titchener apoiou-se na noção de anterioridade lógica entre as ciências, na noção de sistema de Avenarius e nos resultados de pesquisadores da época, como os do fisiologista e bioquímico de Harvard, Lawrence Joseph Henderson (1878-1942), para definir a biologia, por analogia à psicologia, como a ciência dedicada à experiência existencial vista como dependente de um sistema físico determinado⁶⁶ (Titchener, 1929).

Seguindo esta mesma lógica, Titchener (1929) definiu a física como a ciência da experiência existencial vista como interdependente. Neste caso, ao invés do recurso à prioridade lógica de outra disciplina, na física as variáveis dependentes e independentes pertenceriam ao seu próprio domínio, variando apenas de posição em cada momento específico.

Com esta definição dos pontos de vista científicos, Titchener alterou de forma substancial as referências adotadas até 1910, apresentando uma formulação que procurava resguardar a singularidade de cada perspectiva e atender à lógica do padrão sistemático de Avenarius. A diferenciação original entre os dois pontos de vista fundamentais da física e da psicologia, que foram inicialmente definidos em função da dependência ou não em relação ao indivíduo que tinha a experiência ou ao seu sistema nervoso, deu lugar a três perspectivas singulares.

⁶⁶ Ao comentar a consideração deste sistema físico determinado como ‘ambiente’, Titchener resume o tratamento dado por Henderson e afirma que “o ‘ambiente’, seja considerado biologicamente como o complemento do ‘organismo’ ou considerado físico-quimicamente como elementos e agregados, tem todas as marcas de um ‘sistema’ no sentido de Avenarius e supre para a biologia uma variável independente que é essencialmente comparável com o sistema C” (Titchener, 1929, p. 140).

Embora o sistema nervoso continuasse sendo a referência para o estabelecimento da perspectiva psicológica, a delimitação do ponto de vista da física e da biologia assumiu outras bases: não era mais o ponto de vista da experiência considerada como independente do organismo que definia a física, mas sim a observação do “universo existencial em termos de energia” (Titchener, 1929, p. 141). De forma similar, também a biologia, que sempre fora uma constante na obra de Titchener, apenas nos escritos de 1918 foi caracterizada por um ponto de vista próprio, a partir de sua dependência em relação ao ambiente físico.

4.3.2 Um novo contexto para a definição de objeto da psicologia

Mesmo tendo reconhecido que sua definição do ponto de vista das três ciências não era revolucionária, Titchener considerou que ela teria o mérito de “traçar uma linha reta no emaranhado de controvérsias históricas” (Titchener, 1929, p. 143) que envolviam, por exemplo, as tradicionais interpretações sobre o problema mente e corpo e a disputa entre vitalismo e mecanicismo na biologia.

Uma primeira consequência de sua nova formulação dos pontos de vista científicos foi justamente a substituição da hipótese do paralelismo psicofísico, herdeira das discussões filosóficas, pela noção de correlação. Embora tenha sempre procurado apresentar seu paralelismo psicofísico como uma ‘hipótese de trabalho’, livre de qualquer *background* metafísico, sua presença havia se tornado cada vez menos necessária em um sistema em que a noção de explicação fora eliminada para dar lugar à correlação de fenômenos em sentido matemático ou funcional. Como explicou a Meyer,

O paralelismo é o antecedente histórico desta doutrina da correlação e, como tal, é preferível à interação, que salta de um universo lógico para outro. Mas o

paralelismo de objetos (coisas neurais e coisas psíquicas) eu considero ter sido transcendido. (...) A base da correlação é simples: se A muda, B muda. (Titchener, 1918f, p. 242)

Em sua nova perspectiva acerca da relação entre os diferentes pontos de vista das ciências, o único sentido de um paralelismo que Titchener aceitava era o de considerar o objeto da psicologia como “a variável dependente do organismo”, assim como o objeto da biologia seria “a variável dependente do ambiente” (Titchener, 1918j, p. 188).

Outro aspecto que indicou uma mudança de menor extensão na proposta tardia de Titchener foi a aceitação de que a diferenciação das ciências por ponto de vista permitiria delimitar fatos particulares ou aspectos factuais específicos aos quais cada uma se dedicaria. Isso não significaria, segundo Titchener, qualquer espécie de separação de objetos concretos como entendido pelo senso comum ou nos primórdios da ciência, mas apenas o reconhecimento do status objetivo destes aspectos factuais “através da correlação com uma atitude específica e persistente” (Titchener, 1929, p. 38). Com isso, faria sentido considerar que a ciência poderia ser diferenciada em termos de seus pontos de vista e classificada conforme os objetos com os quais lidava.

Aproveitando-se dessa distinção, no terceiro capítulo de *Systematic Psychology*⁶⁷ Titchener discutiu tentativas de formular o objeto da psicologia em termos de uma dimensão interna e outra externa, possuindo ou não extensão espacial e por meio da oposição entre consciente e não-consciente. Depois de apontar o que considerou serem suposições logicamente inaceitáveis destas tentativas, Titchener apresentou sua própria definição considerando o aspecto formal e material.

⁶⁷ Segundo Weld (1929), tal capítulo teria sido escrito em 1919 e parcialmente publicado em outubro de 1921 e janeiro de 1922 em *American Journal of Psychology* (Titchener, 1921c; 1922b).

Em termos formais, o objeto da psicologia seria considerado o individual sistêmico, ou seja, seus fenômenos estariam relacionados a um sistema orgânico singular; do ponto de vista material, contudo, Titchener (1929) apresentou uma alternativa que ele próprio considerou menos satisfatória. Reconhecendo que referir-se à experiência individual concreta seria demasiado vago, podendo ser interpretado tanto sob a perspectiva existencial, quanto de acordo com a funcional ou a intencional, Titchener optou pela referência provisória ao termo já familiar ‘sensorial’.

Tendo se declarado insatisfeito com o apelo ao sensorial⁶⁸, Titchener deu outras evidências das transformações que imprimia ao objeto de sua psicologia. Em carta a Meyer em 1918, Titchener afirmou que sensação era “uma construção lógica cujos componentes são aspectos da experiência existencial observados do ponto de vista psicológico. Ele é um termo sistemático em psicologia, e como todo termo sistemático ele pode ser descartado por outro termo se a lógica considerar este melhor”⁶⁹ (Titchener, 1918c, p. 228).

Embora este possível novo termo não tenha constado nas publicações de Titchener, suas correspondências e conferências sugerem que ele de fato o considerava. Discutindo com Boring sua preferência sobre o que ele entendia ser um tratamento fluido para os conceitos psicológicos, Titchener esclareceu sua própria abordagem ao conceito de sensação ao longo de seus livros. Segundo Titchener,

Como um contra-exemplo de um conceito que tem sido mantido fluido por praticamente uma geração, deixe-me tomar meu próprio conceito de sensação.

⁶⁸ Ao recorrer ao termo, Titchener afirma que “a palavra tem seus direitos tradicionais e muitos psicólogos modernos estarão prontos para aceitá-la – com a condição que lhes seja permitido defini-la por eles próprios. Nossa própria definição ainda pode esperar” (Titchener, 1929, p. 265-266).

⁶⁹ É importante notar que a afirmação do caráter sistemático do conceito de sensação feita por Titchener não equivale a interpretação de Evans (1972a) sobre a distinção entre sensação como termo observável e como termo classificatório, no sentido de não-observável e puramente abstrato. O trecho completo da resposta de Titchener a Rahn (1915b, p. 259) pode desfazer o equívoco favorecido pela edição do trecho citado no artigo de Evans. Posteriormente, o próprio Evans abandonou a referência a sensação como termo classificatório e apresentou uma interpretação mais próxima ao tratamento dado por Titchener (cf. Evans, 1990, p. 25)

Eu escrevi alguma coisa sobre sensação, eu suponho, a cada dois anos desde 1896, e quando eu comecei, esse conceito era a pedra de fundação do sistema que eu estava propondo em algum momento construir. Em cada estágio do meu próprio desenvolvimento eu dei uma definição formal do conceito e eu acredito que qualquer leitor poderia dizer precisa e inequivocamente o que eu significava por ele, em qualquer ano particular⁷⁰. Mas eu mantive o conceito propositalmente fluido desde o início, e o resultado é que eu o sustentei em meio a um número considerável de mudanças de sentido, cada uma das quais acompanhou de forma perfeitamente natural a definição imediatamente precedente, e agora eu sou capaz de deixar de lado mesmo esse conceito por alguma coisa ainda mais fluida e fértil. (Titchener, 1923, #1-2)

Este novo conceito, mais fluido e fértil, estava relacionado às dimensões dos fenômenos mentais, como ficaria explícito em carta a outro psicólogo norte-americano, Christian Alban Ruckmick (1886-1961). Na correspondência, de outubro de 1922, Titchener afirmou que

Eu desisti completamente das sensações e fiz isso há muito tempo. Aquilo com o que eu estou preocupado em meus pensamentos é o número e a natureza das dimensões do mundo psicológico, precisamente como o físico está preocupado com massa, tempo e espaço como dimensões de seu mundo físico. A diferença imediata entre os dois mundos é que o da psicologia tem uma dimensão de qualidade. (Titchener, 1922c, #1).

⁷⁰ A principal transformação aludida por Titchener talvez seja o tratamento cada vez mais sistemático atribuído ao conceito, isto é, combinando observações da experiência e um tratamento lógico.

Além desta declaração privada sobre seu abandono das sensações em prol do que chamou de dimensões do mundo psicológico, Titchener também expôs sua formulação sobre tais dimensões em uma conferência introdutória ministrada em Cornell, em 23 de novembro do mesmo ano. Nesta conferência, Titchener discutiu cada uma das cinco dimensões: a qualidade, intensidade, extensividade, protensividade e atensividade.

Titchener definiu a intensidade como “nada mais do que a possibilidade de experimentarmos mais ou menos de uma dada qualidade. (...) Ela é a posição de uma qualidade sobre uma linha reta que vai do zero ao infinito” (Titchener, 1922d, #1). A extensividade seria “a dimensão da difusão ou propagação ou voluminosidade” que nos daria “a percepção de espaço, tamanho, forma e distância” (Titchener, 1922d, #1). Já a protensividade seria o equivalente da extensividade em relação ao tempo, ou seja, “é a dimensão última, irreduzível da mente que atualmente, quando trabalhada na forma perceptiva, nos dá a percepção de tempo” (Titchener, 1922d, #2). A atensividade, por sua vez, representaria a dimensão “da clareza, vivacidade ou destaque variável” (Titchener, 1922d, #2), incluindo desde a expressão mais clara até a mais obscura da nossa experiência. Por fim, a qualidade representaria a dimensão responsável pelo “caráter individualizador de uma experiência” (Titchener, 1922d, #2).

Embora tais dimensões pudessem ser consideradas como apenas uma nova classificação para os antigos atributos das sensações, ao contrário destes, elas não se restringiam apenas aos processos mais simples da vida mental. Tal como Titchener as apresentou, elas se refeririam à toda a variedade dos fenômenos mentais. Outra importante característica que possuíam era o fato de serem observáveis e acompanhadas pela correlação com os fenômenos biológicos⁷¹.

⁷¹ Posteriormente, em carta a Boring, Titchener reafirmou esse tratamento dizendo que “eu acredito, é claro, que qualquer dimensão psicológica pode ser observada, em si mesma e por si mesma, ao longo da extensão completa de sua variação. Se a variação de uma dimensão está correlacionada com variação de outra dimensão, quando

Além da substituição dos atributos por uma categoria mais abrangente, outro aspecto que estaria por trás do abandono da sensação e que representaria uma mudança fundamental na proposta sistemática de Titchener foi a eleição de um novo objeto de estudos: a percepção.

Em outra conferência dada em 12 de dezembro de 1922, Titchener afirmou que a percepção representava naquele momento o problema singular para o qual toda a psicologia experimental se voltava. Justificando este interesse em função do próprio desenvolvimento histórico da área, Titchener considerou que o salto precipitado dos processos elementares da vida mental em direção a fenômenos como memória, imaginação, pensamento e razão, teria sido o responsável pela enorme confusão a respeito destes assuntos e pela proliferação de doutrinas divergentes. Por outro lado, teria sido a constatação deste estado de coisas a responsável pela valorização da percepção como um processo psíquico singular, intermediário entre os processos elementares e aquelas formas complexas (Titchener, 1922e).

Entendida em termos amplos como “nossa apreensão de algum objeto externamente dado ou apresentado” (Titchener, 1922e, #1), a percepção representaria um problema psicológico à medida que fossem reconhecidos seus dois elementos constitutivos: um núcleo ou apresentação real e um significado.

A eleição da percepção como objeto de estudos da psicologia também trouxe consigo a questão do estudo científico dos significados. Diferentemente do que havia considerado na apresentação de seu sistema a Meyer, Titchener parecia reconhecer agora que, ao menos no nível da percepção, a psicologia poderia estudá-los cientificamente. Diferentemente do tratamento axiológico, ao serem considerados cientificamente, os significados seriam equivalentes ao contexto no qual um conteúdo era apresentado. Tal contexto seria formado por outros conteúdos sensoriais, por imagens e pelo o que Titchener chamou de hábitos

ambas estão no campo de observação, é uma questão de fato. Qualquer coisa deste tipo que aconteça, positiva ou negativa, eu assumo que será refletida nos eventos biológicos correlacionados” (Titchener, 1924c, #2).

mentais – tendências funcionais que se estabeleceriam no sistema nervoso ao longo do tempo (Titchener, 1922e).

Embora em *Beginner's* Titchener tivesse oscilado entre afirmar se os significados seriam ou não intrínsecos aos processos mentais, ele parecia agora considerá-los como constitutivos e passíveis de serem abordados analiticamente. Segundo ele, a análise científica do significado deveria descobrir quais conteúdos sensoriais, imagens e hábitos mentais surgiriam associados a cada dado apresentado e em que aspectos esse significado se sobreporia ao apresentado (Titchener, 1922e).

Depois do reconhecimento dos problemas relativos à eleição das sensações como equivalente da definição material do objeto da psicologia e de sua substituição pelas dimensões da vida mental, Titchener ainda se deparou com um novo desafio à conclusão de obra sistemática. A aceitação da percepção como fenômeno mental singular, embora não alterasse o objeto da psicologia em seu aspecto formal e se apresentasse como promissora para superar os impasses que a psicologia experimental havia alcançado, questionava os limites do ponto de vista existencial e exigia também um novo método.

4.3.3 Em busca de um novo método para a psicologia

Tendo aceito este novo objeto para a psicologia, era natural que o método adotado até então fosse também questionado. Ao contrário, porém, do que ocorreu com os conceitos recém discutidos, Titchener ofereceu menos evidências em seus escritos que pudessem indicar de forma mais definitiva a concepção tardia de seu método da psicologia. Não tendo jamais escrito o planejado quarto capítulo de seu *Systematic Psychology*, no qual trataria do assunto (Weld, 1929), três passagens apresentam indícios seguros a respeito de suas últimas reflexões sobre o tema. A primeira delas encontra-se em *Beginner's* (1915a).

Além de reconhecer ter adotado diferentes tratamentos para a introspecção, afirmando que, após sua apresentação ao caminho introspectivo por James Mill, “muitos anos tiveram que passar antes que eu entendesse propriamente o que ele tinha deixado de fora”, custando-lhe assim “grande quantidade de trabalho e dissabor do espírito” (Titchener, 1915a, p. vii), Titchener comparou a situação do termo introspecção àquela do termo consciência.

Afirmando que este último passou a ser evitado em função de seu caráter escorregadio, passível de imprecisões e extrapolações mesmo após numerosas tentativas de abordá-lo cientificamente, Titchener reconheceu que o mesmo ocorria com a introspecção. Segundo ele, o termo demonstrava uma inescapável referência ao self, especialmente decorrente da interpretação dada pelo senso comum (Titchener, 1915a).

Mesmo reconhecendo que “poderia facilmente evitá-lo também” (1915a, p. x), Titchener não parecia convencido sobre a suficiência de outras opções, o que o teria feito considerar que o momento ainda não era propício para sua substituição. Apesar disso, Titchener reconheceu as imprecisões de sua antiga comparação entre inspeção como um olhar para fora, para o mundo dos objetos, e a introspecção como um olhar para dentro, e condicionou o uso do termo introspecção como sinônimo estrito de observação, implicando três fatores: “uma certa atitude em torno do fenômeno, uma experiência vívida do fenômeno particular que é o objeto da observação e um relato adequado desta experiência em palavras” (Titchener, 1915a, p. 19). Essa mudança de atitude em relação à introspecção teria se expressado também algum tempo depois em correspondência com Meyer, na qual ele afirma que

Introspecção para mim = observação da experiência existencial vista como logicamente dependente do sistema nervoso. Ela [a observação – acréscimo nosso] é o método científico primitivo e universal, (...) e ela é idêntica na

psicologia, na biologia, na física. Eu tenho estabelecido isso em vários lugares, mais ou menos definidamente à medida que a tenho desenvolvido; e no prefácio do meu último livro eu disse que o termo ‘introspecção’ estava indo embora. A psicologia pode se manter com “observação” e assim evitar os mal-entendidos que os velhos frascos persistem em favorecer. (Titchener, 1918b, p. 201)

Embora esta passagem sugira que o problema com a introspecção envolvia mais uma questão terminológica e do antigo significado atribuído ao termo do que uma limitação quanto à validade do método, outra declaração de Titchener, feita sete anos depois, indicaria que sua própria essência começava a ser questionada. A hipótese mais provável para explicar essa mudança encontra-se em um dos últimos artigos publicados por Titchener, *Experimental Psychology: A Retrospect* (1925b). Após considerar a trajetória histórica da psicologia frente a três influências desfavoráveis – o herbartianismo, a psicologia empírica ao modo de Brentano e a hostilidade da filosofia, Titchener concluiu que a independência da psicologia em relação à fisiologia havia representado um marco da passagem do nascimento da área para sua infância. As expectativas de Titchener para a próxima fase indicavam o provável substituto da introspecção. Alcançar a ‘adolescência’ representava para Titchener

a mudança radical que tem sido forjada sobre todo o campo da ciência desde que ela se voltou para a fenomenologia. Nós podemos traçar o impulso para essa mudança diretamente a Hering; (...) A fenomenologia não é, em si mesma, uma psicologia experimental, mas ela oferece hoje um modo seguro e certo de abordagem para a análise de nosso objeto psicológico (...). (Titchener, 1925b, p. 323)

Para situar o significado do apelo de Titchener à fenomenologia, um esclarecimento sobre Ewald Hering (1834-1918) precisa ser feito. Fisiologista e psicólogo alemão e professor nas universidades de Praga e, posteriormente, de Leipzig, Hering realizou pesquisas sobre a visão das cores, a percepção binocular e o movimento dos olhos, e ao lado de Mach, Avenarius e outros, foi considerado um representante da perspectiva descritivista em ciência (Fisette, 2009).

Reconhecido como originador do método fenomenológico ao lado de Mach⁷², suas contribuições teriam sido ofuscadas, segundo Titchener, pela influência de Helmholtz, com quem teria se mantido em disputa por um longo tempo, e por ter ele próprio se associado a uma forma de psicologia empírica (Titchener, 1925b). Isso, contudo, não impediu com que no início do século XX, suas ideias tivessem atraído autores como Carl Stumpf, Ebbinghaus e Külpe (Turner, R. S., 1993).

De acordo com Turner, o que atraía os psicólogos nos trabalhos de Hering era justamente “a primazia que ele dava à experiência fenomenológica, sua insistência (...) de que as capacidades sensoriais primitivas da mente tinham que ser estudadas como nós a encontramos e não “reduzidas” a inferências racionalísticas ou a mecanismos físico-químicos” (Turner, R. S., 1993, p. 100). Seu método fenomenológico consistia, segundo Fisette (2009, p. 542), em “não admitir, a título de *descriptum*, senão o dado imediato ou intuitivo, (..) ou seja, dados imediatos da experiência perceptiva enquanto eles são realmente dados”.

Ao sugerir tal abordagem para a análise das percepções, Titchener deixou muitos pontos em aberto: estaria ele abandonando definitivamente a distinção entre fato e significado,

⁷² Mach e Hering mantiveram uma produtiva parceria. Ambos foram professores na Universidade de Praga entre 1870 e 1895 e juntos desenvolveram um centro de pesquisas sobre fisiologia sensorial. Além disso, teriam afirmado sua concordância em questões relativas ao método (Kremer, 1992). Segundo Fisette (2009), a tese da origem do método fenomenológico em Hering e Mach teria sido reconhecida não apenas pelo próprio Edmund Husserl, mas também por autores como Carl Stumpf, Ernest Jaensch e David Katz, entre outros. Sobre a relação entre Mach e Hering, conferir Kremer (1992) e Turner, R. S. (1993).

utilizada na investigação das sensações, ou apenas reconhecendo que, no nível da percepção, tanto fato quanto significado deveriam ser simultaneamente considerados⁷³? Estaria ele descartando de forma ampla a introspecção ou apenas aceitando que o novo objeto da psicologia exigia também uma nova abordagem⁷⁴, incluindo assim um método complementar? A resposta a estas perguntas, assim como a identificação de quais poderiam ser as consequências sistemáticas da adoção deste novo método em sua psicologia não encontram solução em seus próprios escritos.

Evans (1972a; 2012) recorre às teses de alunos orientados por Titchener, como Frederick Lovell Bixby (1901-1975), George L. Kreezer (1903-1995) e Florence Woolsey Hazzard (1903-1992), e às anotações de Karl Dallenbach (1887-1971) sobre as conferências oferecidas por Titchener em 1923⁷⁵ para afirmar a adoção de um método fenomenológico por parte do autor. Porém, dada a ausência de referências explícitas do próprio Titchener acerca dos detalhes de seu novo método, nenhuma afirmação definitiva acerca de seus termos parece segura.

Por outro lado, a questão da mudança do método da psicologia de Titchener não nos impede de considerar a situação que seu projeto como um todo alcançou até meados dos anos de 1920. Entre 1912 e 1925, Titchener empreendeu mudanças fundamentais em sua psicologia: em primeiro lugar, abandonou o antigo objetivo da procura por explicações e restringiu sua tarefa à descrição, recorrendo às correlações lógicas ou funcionais e eliminando assim a dependência material da fisiologia e o apelo ao paralelismo psicofísico. Além disso, aceitou, mesmo com restrições, o princípio da economia do pensamento como forma de

⁷³ É importante lembrar que Titchener já havia se pronunciado criticamente em relação à fenomenologia de Husserl em 1912, afirmando que a atitude pressuposta na fenomenologia era multiplamente motivada e flutuante, o que contradizia a atitude científica. Tal compreensão, porém, é anterior à substituição dos atributos pelas dimensões da vida mental e à incorporação da percepção como objeto singular de estudo da psicologia (1912c). Além disso, ao se dirigir a Hering, Titchener sugere aceitar um método fenomenológico, não necessariamente aquele de Husserl.

⁷⁴ Segundo Evans (1972a), a adoção de um método fenomenológico por parte de Titchener não significaria o completo abandono da introspecção.

⁷⁵ As conferências deste ano, oferecidas em 11, 23 e 25 de janeiro, disponíveis no próprio acervo de Titchener, não fazem qualquer referência ao método fenomenológico.

assegurar uma fórmula diferencial para a psicologia que, ao fim, permitisse compatibilizá-la com as outras ciências. Em todos estes aspectos, é a influência de Mach que ecoa nos escritos de Titchener.

Além disso, ao manter a referência ao ponto de vista acerca da experiência como fundamento para a distinção entre as ciências, Titchener foi explícito ao indicar sua filiação à perspectiva empiriocriticista. Apesar disso, Titchener a aceitou apenas como uma interpretação geral acerca da relação entre a ciência e a experiência, recusando qualquer compromisso sistemático com suas teses propriamente filosóficas. Prova disso é sua distinção entre a perspectiva existencial e a axiológica acerca da totalidade da experiência. Recusando-se a aceitar a noção de algo dado imediatamente, Titchener considerava tais perspectivas igualmente abstrações da mesma experiência.

Recusando encontrar na ciência qualquer evidência que permitisse afirmar a natureza neutra, unitária ou múltipla desta experiência, Titchener passou a aspirar por uma psicologia que, livre das interferências da epistemologia e da metafísica, fosse compatível com qualquer sistema filosófico.

Ainda no tocante às suas relações com o empiriocriticismo, Titchener aceitou a lógica do padrão sistemático de Avenarius, mas acreditou superá-lo, assim como a Mach, ao propor uma definição específica para a física e atribuir um ponto de vista singular para biologia.

Se concluída até 1920, sua grande *Systematic Psychology* talvez assumisse a substituição definitiva da análise das sensações pelas dimensões da vida mental. Contudo, a interrupção em sua escrita permitiu a Titchener se deparar com um novo objeto de estudos para sua ciência: a percepção. Para abordá-lo, Titchener não apenas reformulou sua consideração sobre a possibilidade do tratamento científico do significado como se viu às voltas com a necessidade de aceitar um novo método, de caráter fenomenológico.

É razoável supor que Titchener estivesse consciente dos impasses que tal situação representava, mas os primeiros sinais do declínio de suas condições de saúde e sua morte em um curto período de tempo o teriam impedido de encontrar uma solução sistemática para tais impasses e incorporar sua nova compreensão sobre o tratamento dos fenômenos mentais a sua obra magna.

CONCLUSÃO

Na introdução deste trabalho identificamos as características centrais do tratamento dado às ideias de Titchener na literatura especializada, apontando algumas de suas principais limitações. Afirmamos ser a falta de atenção à totalidade de seus escritos e aos seus pressupostos teórico-filosóficos, assim como a aproximação apressada de suas ideias às de outros autores, a chave para entender aquelas limitações.

Visando a esclarecer alguns desses pontos e desfazer os equívocos daí decorrentes, no primeiro capítulo apresentamos o contexto institucional e intelectual da formação de Titchener em Oxford, um período que, exceto por nosso trabalho *From Classicism and Idealism to Scientific Naturalism* (Araujo & Marcellos, 2017), permanecia ignorado na literatura especializada sobre o autor. Indicando as profundas alterações pelas quais a universidade britânica passou ao longo da segunda metade do século XIX e que permitiram a Titchener estabelecer contato com a tradição filosófica idealista, destacamos a influência exercida por representantes desta tradição, que figuraram não apenas como um ideal de erudição para Titchener, mas também como uma referência para sua postura em relação ao materialismo e para sua primeira abordagem acerca das relações entre ciência e metafísica.

Neste mesmo capítulo, descrevemos a gradual aproximação de Titchener em relação às ciências naturais, sob a influência do naturalismo científico. Neste domínio, destacamos a importância de Burdon-Sanderson para a formação de Titchener, especialmente em três aspectos: o estímulo a uma formação intelectual ampla, o compromisso com uma atitude rigorosa em pesquisa e a adoção dos padrões da física como forma de as ciências superarem o estado de mera contemplação e descrição de fenômenos para alcançarem uma explicação científica.

Conduzido por esta formação ao laboratório de Leipzig, Titchener consolidou sua experiência como pesquisador na nova psicologia formulada por Wundt. Não obstante tenha desenvolvido suas primeiras pesquisas sob a orientação do sistema psicológico de seu professor, foi também no laboratório de Leipzig que Titchener entrou em contato com o empiriocriticismo, que representaria o germe para o desenvolvimento de sua própria proposta.

No segundo capítulo, procuramos indicar mais especificamente a forma como tais influências formativas se expressaram na concepção inicial de psicologia apresentada por Titchener. Em primeiro lugar, indicamos algumas influências das ideias de Ward e Lotze sobre as formulações iniciais de Titchener, especialmente em relação à noção de ponto de vista como referência para a definição do objeto da psicologia e de self, assim como sua gradativa aproximação em relação à proposta de Ernst Mach. Em seguida, mostramos as considerações de Titchener acerca das interpretações metafísicas sobre a experiência, indicando sua tentativa de conciliar uma postura científica com um credo filosófico idealista, até sua substituição por uma noção unitária de experiência e pela defesa de um monismo neutro, que se concretizaria em 1899.

No terceiro capítulo, apresentamos a consolidação das ideias de Titchener, algumas das quais originadas na virada do século XIX para o XX, em uma nova configuração que envolveu um reposicionamento da ciência em relação à filosofia e a aceitação de alguns pressupostos: as ideias de Mach tomadas como propedêuticas à ciência, sem um compromisso filosófico sistemático; a concepção unitária da experiência humana e a distinção entre as perspectivas dependente e independente do organismo; a manutenção do problema da ciência em termos de descrição e explicação, com o acréscimo da correspondência com o sistema nervoso como princípio explicativo capaz de garantir unidade e coerência à vida mental; a recusa de noções teleológicas como propósito e utilidade e, por fim, o reconhecimento da história da ciência como critério para o desenvolvimento de sua concepção de psicologia.

Com base em tais pressupostos, algumas mudanças foram sentidas no projeto de psicologia expresso em *Text-book* (1910), a obra mais representativa de Titchener no período. Dentre essas mudanças, pudemos detectar a completa eliminação das discussões filosóficas sobre o self e a natureza última da experiência, a mudança no método introspectivo e a identificação do ponto de vista psicológico ao existencial.

Acompanhando o desdobramento das ideias de Titchener, o quarto capítulo dedicou-se a mostrar as reformulações que ele empreendeu em sua obra a partir de 1912 e que ele pretendia ver publicadas em seu tão aguardado livro *Systematic Psychology*. Sua psicologia se transformara em uma ciência restrita à descrição e correlação, independente da fisiologia e da filosofia e, por este último motivo, compatível com qualquer sistema filosófico. Apesar disso, Titchener não aceitou o princípio reducionista de que a ciência sozinha fosse capaz de abordar a totalidade da experiência e, estendendo o significado de existencial à perspectiva fundamental da ciência, reconheceu o papel singular da dimensão do significado e do valor, estudados pela perspectiva axiológica.

Tal mudança foi incorporada a um ideal sistemático inspirado em Avenarius, que distinguia o ponto de vista das três ciências fundamentais, a psicologia, a física e a biologia, e foi acompanhado pelo abandono da procura por atributos das sensações em prol da investigação das dimensões da vida mental e, posteriormente, pelo reconhecimento de um novo objeto material para a psicologia – a percepção.

Tais mudanças custaram a Titchener o sacrifício da exclusividade de um dos princípios metodológicos que por mais tempo o acompanhou: a introspecção como recurso fundamental para acesso aos fenômenos mentais. Titchener foi explícito ao afirmar que o método fenomenológico inaugurado por Hering representaria uma nova época para a psicologia, mas não nos deu detalhes de como exatamente o incorporaria ao seu sistema e

como isso interferiria sobre sua distinção entre fato e valor, dentre outros aspectos de sua formulação sistemática.

Diante desses resultados, podemos dizer que o objetivo de identificar os pressupostos teóricos que influenciaram as concepções de Titchener e suas transformações ao longo do tempo foi, em linhas gerais, alcançado. Dentre os méritos do trabalho, acreditamos poder listar, em primeiro lugar, a consideração detalhada sobre a formação de Titchener em Oxford que, junto ao artigo de Araujo e Marcellos (2017), abordou pela primeira vez o contato de Titchener com o idealismo britânico. Além disso, longe de descartar a presença da tradição empirista britânica, destacada nas análises conhecidas de sua obra, identificamos especificamente o desdobramento desta tradição com o qual Titchener teve contato direto em seus dias em Oxford, isto é, o naturalismo científico.

Em segundo lugar, acreditamos ter contribuído para a Titchener *scholarship* ao oferecer uma análise ampla e minuciosa de todas as publicações e diferentes edições de suas obras, o que até aqui, com a exceção de trabalho recente de Evans (2012), não havia sido feito pela literatura, tradicionalmente dedicada a períodos específicos de sua produção. Não obstante a nova contribuição de Evans a respeito das transformações empreendidas por Titchener em sua obra, acreditamos que o autor não prestou a devida atenção às pressuposições filosóficas de Titchener, deixando de fora um aspecto importante na compreensão de sua trajetória intelectual. Por este motivo, acreditamos que mais do que a simples análise da totalidade da obra do autor, o presente trabalho contribuiu com a literatura por oferecer um olhar direcionado aos compromissos teórico-filosóficos assumidos por Titchener ao desenvolver sua psicologia experimental.

Uma terceira contribuição que acreditamos ter oferecido diz respeito à inclusão de documentos e correspondências até aqui não tratados pelos especialistas. Tais materiais foram obtidos em diferentes acervos, físicos e virtuais, dentro e fora dos Estados Unidos, tais como

o da Cornell University, Boston Public Library, University College London e American Philosophical Society, entre outros. Com novos materiais disponíveis, foi possível esclarecer pontos até então restritos à especulação e abrir novas perspectivas para a compreensão das ideias de Titchener.

Não obstante tais contribuições, algumas limitações deste trabalho precisam ser reconhecidas. A primeira delas diz respeito à pouca atenção dada ao período de Leipzig e ao aprofundamento da relação entre Titchener e Wundt. Isto se deveu em parte às dificuldades de acesso a correspondências e documentos do período e, em parte, à constatação de que, após os estudos de revisão da obra de Wundt, iniciados nos anos de 1980, a distinção entre ele e Titchener passou a ser aceita como fato. Contudo, em parte como resultado destes mesmo trabalhos revisionistas, Titchener foi associado de forma imprecisa ao empiriocriticismo de Mach e Avenarius (Danziger, 1979; Leahey, 1981). Ao esclarecermos este último ponto, estamos, contudo, conscientes de que os detalhes sobre o relacionamento entre as ideias de Wundt e Titchener ainda carecem de maior atenção.

Outro limite deste trabalho diz respeito às pesquisas orientadas por Titchener. Como dissemos em nota, não apenas a análise de tais publicações exigiria um novo e independente trabalho, como consideramos que não teria sido possível, antes do esclarecimento sobre aquilo que mais propriamente pertence aos escritos e aos planos de Titchener, identificar as tendências presentes nestes trabalhos que de fato lhe pertenciam. Em todo caso, a consideração dos resultados empíricos obtidos por Titchener e por seus orientandos, bem como a identificação da correspondência desses últimos com as modificações nas concepções de Titchener, merecem ainda ser investigados.

Um outro ponto que merece discussão diz respeito às classificações e periodizações da psicologia de Titchener. As transformações de suas ideias apontadas neste trabalho indicam que os critérios adotados em tais classificações precisam ser revistos, não apenas para superar

o rótulo de ‘estrutural’ imposto de forma mais ou menos generalizada à sua obra, mas também para reconhecer aspectos que não foram considerados.

Sem assumir como propósito principal substituir as propostas já existentes, sistemáticas ou não (Boring, 1927; Evans, 1972a; 2012; Tweney, 1987), acreditamos que a periodização utilizada para a apresentação das ideias de Titchener neste trabalho contemplam mais justamente as transformações empreendidas pelo autor em aspectos centrais de sua psicologia. De acordo com ela, o período compreendido entre 1893 e 1899 corresponderia à concepção inicial de psicologia defendida por Titchener, marcada pela tentativa de conciliar suas preocupações filosóficas com o modelo de ciência experimental. Tal fase seria sucedida pela consolidação de suas ideias em um projeto de psicologia que assumia como principal preocupação a conquista de um lugar ao lado da física e da química, e que se estenderia entre 1900 e 1910. Por fim, tal proposta seria reformulada em um novo e inacabado projeto, marcado por uma reinterpretação da perspectiva empiriocriticista e pela identificação do impasse em torno da percepção e do método fenomenológico.

Em conclusão, além do esclarecimento histórico acerca dos termos próprios da psicologia de Titchener, esperamos que este trabalho tenha deixado claro que suas contribuições para o campo psicológico não se restringiram à valorização do laboratório como aspecto central do desenvolvimento da psicologia, mas que representaram também um modelo de tratamento sistemático de questões fundamentais da área. Embora o conteúdo de tal proposta pareça hoje insuficiente para as demandas e interesses da psicologia contemporânea, seu modelo de mudança envolvendo conceitos fluidos, suscetíveis aos resultados da pesquisa empírica, mas organizados em uma estrutura sistemática que aceitava os limites da ciência e procurava incorporar suas descobertas, pode ainda representar uma inspiração para os debates contemporâneos acerca da teorização psicológica.

FONTES IMPRESSAS

- TEXTOS PUBLICADOS

Titchener, E. B. (1889b). Protective Coloration of Eggs. *Nature*, 41, 129-130.

Titchener, E. B. (1890e). The Cape "Weasel". *Nature*, 41, 394.

Titchener, E. B. (1890f). Protective Coloration of Eggs. *Nature*, 42, 568.

Titchener, E. B. (1890g). Comparative Palatability of Insects, etc. *Nature*, 42, 571-572.

Titchener, E. B. (1891a). Pectination. *Nature*, 43, 103-104.

Titchener, E. B. (1891b). Pectination. *Nature*, 43, 248.

Titchener, E. B. (1891c). Comparative Palatability of Insects, etc. *Nature*, 44, 540.

Titchener, E. B. (1891d). Comparative Palatability of Insects, etc. *Nature*, 45, 53.

Titchener, E. B. (1892a). The Leipzig School of Experimental Psychology. *Mind, New Series*, 1(2), 206-234.

Titchener, E. B. (1893a). Two recent criticisms of 'modern' psychology. *Philosophical Review*, 2(4), 450-458.

Titchener, E. B. (1893c). Ueber binoculare Wirkungen monocularer Reise. *Philosophische Studien*, 8, 231-310.

- Titchener, E. B. (1893d). Ueber binoculare Wirkungen monocularer Reize. In J. G. Schurman and J. E. Creighton (eds.), *The Philosophical Review, Summaries of articles* (vol. II, p. 99). Boston: Ginn and Company.
- Titchener, E. B. (1893e). Zur Chronometrie des Erkennungsactes. *Philosophische Studien*, 8, 138-144.
- Titchener, E. B. (1893f). Anthropometry and Experimental Psychology. *The Philosophical Review*, 2(2), 187-192.
- Titchener, E. B. (1894a). The Science of Mechanics [Review]. *The Philosophical Review*, 3(1), 123.
- Titchener, E. B. (1894b). Physiological Psychology and Psychophysics. *Nature*, 50(1280), 29.
- Titchener, E. B. (1894c). Some current problems in experimental psychology (1894b). *Natural Science*, IV (jan-jun), 446-449.
- Titchener, E. B. (1895a). Hegel's Philosophy of Mind: Translated from the Encyclopaedia of the Philosophical Sciences. With five Introductory Essays by William Wallace [Review]. *The Philosophical Review*, 4(2), 196-200.
- Titchener, E. B. (1895b). Psychology. *Science*, I(16), 426-431.
- Titchener, E. B. (1895e). A Psychophysical Vocabulary. *The American Journal of Psychology*, 7(1), 78-85.
- Titchener, E. B. (1896). *An Outline of Psychology*. New York/London: The Macmillan & Co.
- Titchener, E. B. (1897a). Scientific Psychology. *Medical Record*, 51(12), 397-400.

Titchener, E. B. (1897b). *An Outline of Psychology* (2nd ed.). New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1898a). *A Primer of Psychology*. New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1898b). The Postulates of Structural Psychology. *The Philosophical Review*, 7(5), 449-465.

Titchener, E. B. (1898c). A Psychological Laboratory. *Mind*, 7(27), 311-331.

Titchener, E. B. (1899a). *An Outline of Psychology* (3rd ed.). New York/London: The Macmillan & Co.

Titchener, E. B. (1899b). Structural and Functional Psychology. *The Philosophical Review*, 8(3), 290-299.

Titchener, E. B. (1900a). The Equipment of a Psychological Laboratory. *The American Journal of Psychology*, 11(2), 251-265.

Titchener, E. B. (1900b). Recent Advance in Psychology. *The International Monthly*, 2(jul-dec), 154-168.

Titchener, E. B. (1900c). *The Psychological Laboratory of Cornell University*. Worcester: Oliver B. Wood.

Titchener, E. B. (1901a). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol I., part I. New York, London: Macmillan and Co.

Titchener, E. B. (1901b). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol I. Part II. New York, London: Macmillan and Co.

- Titchener, E. B. (1902). Review Die Analyse der Empfindungen und das Verhältniss des Physischen zum Psychischen. Von E. Mach ... *The Philosophical Review*, 11(6), 659.
- Titchener, E. B. (1904a). Translator's Preface. In W. Wundt, *Principles of Physiological Psychology* (E. B. Titchener, Trans., 5th ed., pp. x-xi). London: Swan Sonnenschein & Co. Lim.
- Titchener, E. B. (1904b). The Problems of Experimental Psychology. *Science*, XX(519), 786-798.
- Titchener, E. B. (1905a). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol II. Part I. New York, London: Macmillan and Co.
- Titchener, E. B. (1905b). *Experimental Psychology: A Manual of Laboratory Practice*. Vol II. Part II. New York, London: Macmillan and Co.
- Titchener, E. B. (1908). *Lectures on the Elementary Psychology of Feeling and Attention*. New York: The Macmillan Company.
- Titchener, E. B. (1909b). *Lectures on the Experimental Psychology of the Thought-Processes*. New York: The Macmillan Company.
- Titchener, E. B. (1910). *A Text-book of Psychology*. MacMillan Company: New York.
- Titchener, E. B. (1912b). Description vs Statement of Meaning. *American Journal of Psychology*, 23(2), 165-182.
- Titchener, E. B. (1912c). The Schema of Introspection. *The American Journal of Psychology*, 23(4), 485-508.

- Titchener, E. B. (1913). Structural Psychology. In P. Monroe (ed.), *A Cyclopedia of Education* (Vol. 5, pp. 67-68). New York: Macmillan Co.
- Titchener, E. B. (1914a). Psychology: Science or Technology. *The Popular Science Monthly*, LXXXIV(jan-jun), 39-51.
- Titchener, E. B. (1914b). On "Psychology as the Behaviorist Views it". *Proceedings of the American Philosophical Society*, 53(213), 1-17
- Titchener, E. B. (1915a). *A Beginner's Psychology*. New York: Macmillan Co.
- Titchener, E. B. (1915b). Sensation and System. *The American Journal of Psychology*, 26(2), 258-267.
- Titchener, E. B. (1921a). George Trumbull Ladd. *The American Journal of Psychology*, 32(4), 600-601.
- Titchener, E. B. (1921c). Functional Psychology and the Psychology of Act: I. *The American Journal of Psychology*, 32(4), 519-542.
- Titchener, E. B. (1922a). Mach's "Lectures on Psychophysics". *The American Journal of Psychology*, 33(2), 213-222.
- Titchener, E. B. (1922b). Functional Psychology and the Psychology of Act: II. *The American Journal of Psychology*, 33(1), 43-83.
- Titchener, E. B. (1925b). Experimental Psychology: A Retrospect. *The American Journal of Psychology*, 36(3), 313-323.

Titchener, E. B. (1929). *Systematic Psychology: Prolegomena*. New York: The Macmillan Co.

- CORRESPONDÊNCIAS PUBLICADAS

Brown, L. B., & Fuchs, A. H. (1969). *The Letters Between Sir Thomas Hunter and E. B. Titchener*. New Zealand: Victoria University of Wellington.

Titchener, E. B. (1909c). Correspondence with Adolf Meyer, September 25, 1909. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 137-143). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1909d). Correspondence with Adolf Meyer, October 17, 1909. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 160-169). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918a). Correspondence with Adolf Meyer, April 29 and 30, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 213-219). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918b). Correspondence with Adolf Meyer, April 22, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 197-206). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918c). Correspondence with Adolf Meyer, May 4, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 223-229). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918d). Correspondence with Adolf Meyer, November 7, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 271-274). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918e). Correspondence with Adolf Meyer, Mar 24, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 180-182). Baltimore: John Hopkins University Press

Titchener, E. B. (1918f). Correspondence with Adolf Meyer, May 13, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 240-248). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918g). Correspondence with Adolf Meyer, May 25, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 258-259). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918h). Correspondence with Adolf Meyer, Jun. 2, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 260-263). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918i). Correspondence with Adolf Meyer, Nov. 2, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 268-270). Baltimore: John Hopkins University Press.

Titchener, E. B. (1918j). Correspondence with Adolf Meyer, Apr. 2, 1918. In R. Leys, & R. B. Evans (Eds.), *The correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (1990, pp. 187-189). Baltimore: John Hopkins University Press.

- TEXTOS NÃO PUBLICADOS

Titchener, E. B. (1922d). Introductory Lecture Course in Elementary Psychology. Edward Bradford Titchener Papers (Box 10, Nov. 23, 1922). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1922e). Introductory Lecture Course in Elementary Psychology. Edward Bradford Titchener Papers (Box 10, Dec. 12, 1922). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

- CORRESPONDÊNCIAS E DOCUMENTOS PESSOAIS NÃO PUBLICADOS

Titchener, E. B. (1889a). Correspondence with Wilhelm Wundt, August 17th, 1889. Universitätsarchiv Leipzig, Nachlass Wundt, (FILM 06 - 0506-0512, letter 1512).

Titchener, E. B. (1890a). Correspondence with Francis Galton, September 25, 1890. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1890b). Correspondence with Francis Galton, November 21, 1890. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1890c). Correspondence with Francis Galton, November 27, 1890. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1890d). Correspondence with Alfred Russel Wallace. Wallace Letters Online (Letter WCP1596.1375, jan. 27, 1890). Natural History Museum. London.

Disponível em <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/1596/1375/S/details.html>

Titchener, E. B. (1891e). Correspondence with Francis Galton, February 10, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891f). Correspondence with Francis Galton, February 19, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891g). Correspondence with Francis Galton, March 03, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891h). Correspondence with Francis Galton, March 06, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891i). Correspondence with Francis Galton, March 16, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891j). Correspondence with Francis Galton, March 23, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em

<http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1891k). Correspondence with Francis Galton, July 31, 1891. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1892b). Correspondence with Francis Galton, February 07, 1892. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1892c). Correspondence with Francis Galton, February 27, (29?) 1892. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1893b). Correspondence with Francis Galton, April 13th, 1893. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1894d). Correspondence with Francis Galton, September 15, 1894. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1895c). Correspondence with Francis Galton, October 19, 1895. University College London. Galton Papers (GALTON/3/3/19). Disponível em <http://wellcomelibrary.org/player/b20625546>

Titchener, E. B. (1895d). Correspondence with John Scott Burdon-Sanderson. Burdon-Sanderson Papers (MS ADD 179/7, fol. 84, June 21st, 1895). University College London: Special Collections, London, UK.

Titchener, E. B. (1905c). Correspondence with Hugo Münsterberg Collection, 1890-1916.

(Series 1: Correspondence, n.d., 1892-1916, Ms. Acc. 2191-2230, Box 19, november 8, 1905). Boston Public Library, Boston, MA.

Titchener, E. B. (1907a). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Mar. 03, 1907). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1907b). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Jan. 11, 1907). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1907c). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, May 11, 1907). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1907d). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Apr. 01, 1907). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1909a). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, May 22, 1909). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1909e). Correspondence with Robert M. Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, November 10, 1909). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1912a). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Oct. 13, 1912). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1919a). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Mar. 17, 1919). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1919b). Correspondence with Robert Yerkes. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Mar. 22, 1919). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1919c). Correspondence with Edwin G. Boring. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Dez. 19, 1919). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1921b). Correspondence with Edwin G. Boring. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, Oct. 01, 1921). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1922c). Correspondence with Christian A. Ruckmick. Edward Bradford Titchener Papers (Box 4, folder oct., Oct. 26, 1922). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1923). Correspondence with Edwin G. Boring. Edward Bradford Titchener Papers (Box 17, Wundt folder, Oct. 10, 1923). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1924a). Titchener's academic information. Edward Bradford Titchener

Papers (Box 6, Folder 1924, undated). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1924b). Correspondence with MacMillan Co. Edward Bradford Titchener

Papers (Box 5, Folder Jul. 16-31, July 29, 1924). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1924c). Correspondence with Edwin G. Boring. Edward Bradford Titchener

Papers (microfilm #14-23-545, Nov. 11, 1924). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1925a). Correspondence with Leonard Carmichael. Edward Bradford

Titchener Papers (Box 6, Folder may, 26-29, May 26, 1925). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1925c). Correspondence with Karl Dallenbach. Edward Bradford Titchener

Papers (Box 7, folder oct. 23-31, October 23, 1925). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1925d). Correspondence with MacMillan Co. Edward Bradford Titchener

Papers (Box 6, Folder jun. 16-29, June 22, 1925). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1926a). Correspondence with W. Clark Trow. Edward Bradford Titchener

Papers (Box 7, folder jun-oct, September 30, 1926). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1926b). Correspondence with Christian Alban Ruckmick. Edward Bradford Titchener Papers (Box 7, folder mar., mar. 08, 1926). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Titchener, E. B. (1926c). Correspondence with MacMillan Co. Edward Bradford Titchener Papers (Box 7, Folder nov. 11-30, november 18, 1926). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

- CORRESPONDÊNCIAS NÃO PUBLICADAS DE INTERLOCUTORES DE TITCHENER

Butler, A. W. (1889). Correspondence with Edward Bradford Titchener. Edward Bradford Titchener papers (box 12, folder 3, Sept. 5, 1889). Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library.

Dimmick F. L (1966-1968). Forrest Lee Dimmick papers, 1911-1968. Series VI: Personal Activities, 1963-1968 (Box 12, folders 8-13). Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library.

Galton, F. (1893). Correspondence with Edward Bradford Titchener. Edward Bradford Titchener Papers (#14-23-545, Box 16). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Jackson, A. M. (1889). Correspondence with Edward B. Titchener. Edward Bradford Titchener Papers (Box 1, folder 1888-1894, aug. 19, 1889). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

MacMillan Company (1904). Correspondence with Edward B. Titchener. Edward Bradford Titchener Papers (Box 1, Folder mar-dec., nov. 18, 1904). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Wundt, W. (1889). Correspondence with Edward B. Titchener. Forrest Lee Dimmick papers (Series VI, Box 12, folder 11, 14 aug. 1889). Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library.

Yerkes, R. (1919a). Correspondence with Edward Titchener. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, mar. 20, 1919). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

Yerkes, R. (1919b). Correspondence with Edward Titchener. Edward Bradford Titchener Papers (microfilm #14-23-545, mar. 27, 1919). Cornell University Library: Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell, NY.

REFERÊNCIAS

Angell, F. (1928). Titchener at Leipzig. *The Journal of General Psychology*, 1:2, 195-198.

Angell, J. R. (1906). Experimental Psychology, a Manual of Laboratory Practice by Edward Bradford Titchener. *The American Journal of Psychology*, 17(4), 585-593.

Anonimous. (1897). An Outline of Psychology by Edward Bradford Titchener. *The Nation*, 64(1650), feb. 11, 113-114.

Araujo, S. F. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas de Psicologia*, 17(1), 09-14.

Araujo, S. F. (2010). O Estruturalismo de Edward Titchener. In Arthur A. L. Ferreira (Org.), *A Pluralidade do Campo Psicológico* (pp. 39-51). Rio de Janeiro: UFRJ.

Araujo, S. F. (2012). O lugar de Christian Wolff na História da Psicologia. *Universitas Psychologica*, 11(3), 1013-1024.

Araujo, S. F. (2016). *Wundt and the Philosophical Foundations of Psychology: A Reappraisal*. New York, NY: Springer.

Araujo, S. F. (2017). Toward a philosophical history of psychology: An alternative path for the future. *Theory & Psychology*, 27(1), 87-107.

Araujo, S. F., & Marcellos, C. F. (2013). Ciência, Psicologia e Filosofia no Estruturalismo de Edward Titchener. In S. F. Araujo, *Ecos do Passado: Estudos de História e Filosofia da Psicologia* (pp. 155-175). Juiz de Fora: Editora UFJF.

Araujo, S. F. & Marcellos, C. F. (2017). From Classicism and Idealism to Scientific Naturalism: Titchener's Oxford Years and Their Impact Upon his Early Intellectual Development. *History of Psychology*, 20(2), 148-171.

Araujo, S. F. & Pereira, T. C. R. (2014). La idea de psicología racional en la Metafísica Alemana (1720) de Christian Wolff. *Universitas Psychologica*, 13(5), 15-26.

Banks, E. C. (2003). *Ernst Mach's World Elements: A Study in Natural Philosophy*. Dordrecht: Springer Science+Business Media.

Barnett, M. (1992). Technology, science and the English tradition of liberal education.

Australian Journal of Teacher Education, 17(1), 23-30.

<http://dx.doi.org/10.14221/ajte.1992v17n1.4>

Beenfeldt, C. (2013). *The Philosophical Background and Scientific Legacy of E. B.*

Titchener's Psychology: Understanding Introspectionism. New York: Springer.

Beiser, F. C. (2013). *Late German Idealism: Trendelenburg and Lotze*. Oxford: Oxford

University Press.

Bentley, M. (1930). Systematic Psychology: Prolegomena by Edward Bradford Titchener

[Review]. *The American Journal of Psychology*, 42(1), 148-153.

Blecher, J., & Wiemers, G. (Ed.) (2010). *Die Matrikel der Universität Leipzig. Teilband V –*

Die Jahre 1884 bis 1892. Leipzig: VDG, Weimar.

Boring, E. G. (1927). Edward Bradford Titchener: 1867-1927. *American Journal of*

Psychology, 38(4), 489-506.

Boring, E. G. (1930). Review of Systematic Psychology: Prolegomena. *Psychological*

Bulletin, 27(2), 121-130.

Boring, E. G. (1967). Titchener's Experimentalists. *Journal of the History of the Behavioral*

Sciences, 3(4), 315-325.

Boring, E. G. (1969). Titchener, meaning and behaviorism. In D. L. Krantz (Ed.), *Schools of*

Psychology (pp. 21-34). New York: Appleton-Century-Crofts.

Boucher, D., & Vincent, A. (2012). *British Idealism: A Guide for the Perplexed*. London:

Continuum.

- Brasenose College. (1909). *Brasenose College Register, 1509-1909* (Vol. I). Oxford: B. H. Blackwell
- Bringmann, W. G., & Tweney, R. D. (Eds.) (1980). *Wundt Studies: A Centennial Collection*. Toronto: C. J. Hogrefe, Inc.
- Brodrick, G. C. (1886). *A History of the University of Oxford*. London: Longmans, Green, and Co.
- Brozek, J., & Massimi, M. (1998). *Historiografia da Psicologia Moderna: Versão Brasileira*. São Paulo: Loyola.
- Brown, L. B., & Fuchs, A. H. (1971). Early Experimental Psychology in New Zealand: The Hunter-Titchener Letters. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 7(1), 10–22.
- Buchanan, J. (1963). To Serve the Inquiring Scholar: The Search for the Titchener Papers. *The American Archivist*, 26(1), 55-58.
- Burdon-Sanderson, J. S. (1876). Opening address by the President Prof. J. Burdon Sanderson. *Nature*, 14, 117–119.
- Burdon-Sanderson, J. S. (1882). *Practical exercises in physiology*. Philadelphia, PA: Blakiston Son and Co.
- Burdon-Sanderson, J. S. (1890). Address. In *Report of the Fifty-Ninth Meeting of the British Association for the Advancement of Science (1889)* (pp. 604-614). London: John Murray.
- Burton, G. (2001). The Tenacity of Historical Misinformation: Titchener did not Invent the Titchener Illusion. *History of Psychology*, 4(3), 228-244.

- Caldwell, W. (1898). Professor Titchener's view of the self. *Psychological Review*, 5(4), 401-408.
- Cardoso, C. R. D.; Massimi, M. (2013). Contribuições de Edith Stein para a Fundamentação Filosófica da Psicologia Científica. *Psicologia em Pesquisa* (UFJF), 7, 188-199.
- Carr, H. W. (1929). The Fiftieth Session: A Retrospect. *Proceedings of the Aristotelian Society*, XXIX (1928-1929), 359-386.
- Carstanjen, F. (1897). Richard Avenarius and his General Theory of Knowledge, Empiriocriticism. *Mind*, 6(24), 449-475.
- Cattell, J. M. (1888). The Psychological Laboratory at Leipsic. *Mind*, 13(49), 37-51.
- Cattell, J. M. (1892). Reaction. *The American Journal of Psychology*, 4(4), 596-597.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., Cruz, R. N., Araujo, S. F. Disseminating Behaviorism: The Impact of J.B. Watson's Ideas on Brazilian Educators. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 39, 119-134.
- Cornell University. (1895). *Courses of Instructions in the Sage School of Philosophy 1895-96*. Ithaca, NY: Cornell University.
- Crampton, C. (1978). *The Cambridge School: The life, work and influence of James Ward, W.H.R. Rivers, C. S. Myers, and Sir Frederic Bartlett*. Ph.D. University of Edinburgh.
<https://www.era.lib.ed.ac.uk/bitstream/handle/1842/17583/Crampton1978.pdf?sequence=2&isAllowed=y>
- Dallenbach, K. M. (1931). The Psychological Laboratory of Cornell University. *The American Journal of Psychology*, 43(2), 295-300.

- Danziger, K. (1979). The positivist repudiation of Wundt. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 15, 205-230.
- Danziger, K. (1990). *Constructing the Subject: Historical Origins of Psychological Research*. Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- Danziger, K. (1994). Does the history of psychology have a future? *Theory & Psychology*, 4, pp. 467–484.
- Dewsbury, D. A. (1997). Edward Bradford Titchener: Comparative Psychologist? *The American Journal of Psychology*, 110(3), 449-456.
- Duncan, D. (1911). *The Life and Letters of Herbert Spencer*. London: Williams & Norgate.
- Edgell, B. (1930). Systematic Psychology. By Titchener Edward Bradford. [Review]. *Philosophy*, 5(18), 308-311. <https://doi.org/10.1017/S0031819100013486>
- Eisen, S. (1967). Herbert Spencer and the Spectre of Comte. *Journal of British Studies*, 7 (1), 48-67.
- Evans, R. B. (1972a). E. B. Titchener and his lost system. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 8, 168-180.
- Evans, R. B. (1972b). *Edward Bradford Titchener: A sketch*. Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Evans, R. B. (1975). The origins of Titchener's doctrine of meaning. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 11(4), 334-341.

Evans, R. B. (1984). E.B. Titchener and American Experimental Psychology. *Revista de Historia de la Psicología*, 5(1-2), 117-125.

Evans, R. B. (1986). Titchener's Relativistic View of Observation and Psychological Processes. *Annals of Theoretical Psychology*, 4, 291-297.

Evans, R. B. (1990). The scientific and psychological positions of E. B. Titchener. In R. Leys & R. B. Evans (ed.), *The Correspondence between Adolf Meyer and Edward Bradford Titchener* (pp. 1-38). Baltimore: John Hopkins University Press.

Evans, R. B. (2005). Edward Bradford Titchener. In J. R. Shook (Ed.), *The Dictionary of Modern American Philosophers* (vol. 4, pp. 2423-2426). Bristol, England: Thoemmes.

Evans, R. B. (2012). Structuralism. In R. W. Rieber (Ed.), *Encyclopedia of the history of psychological theories* (pp.1024-1046). New York, NY: Springer.

Feest, U. (2012). O Operacionismo na Psicologia: Sobre o que é o Debate, sobre o que Deveria ser o Debate. In S. F. Araujo (ed.), *História e Filosofia da Psicologia: Perspectivas Contemporâneas* (pp. 259-296). Juiz de Fora: UFJF.

Fisette, D. (2009). Fenomenologia e fenomenismo em Husserl e Mach. *Scientiae Studia*, 7(4), 535-576.

Frank, P. (1970). Ernst Mach and the Unity of Science. In Robert S. Cohen & Raymond J. Seeger (ed.), *Ernst Mach: Physicist and Philosopher* (pp. 235-244). Dordrecht: Springer.

Furomoto, L.(1989). The New History of Psychology. In I. S. Cohen (ed.), *The G. Stanley Hall Lecture Series* (vol. 9, pp. 09-34). Washington: American Psychological Association.

- Green, C. (2010). Scientific objectivity and E. B. Titchener's experimental psychology. *Isis*, 101, 697-721.
- Gregory, F. (1977). *Scientific Materialism in Nineteenth Century Germany*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company.
- Gundlach, H. (2012). A psicologia como ciencia e como disciplina: O caso da Alemanha. In S. F. Araujo (Ed.), *História e Filosofia da Psicologia: Perspectivas Contemporâneas* (pp. 133-165). Juiz de Fora: UFJF.
- Haines IV, G. (1969). *Essays on German influence upon English education and science, 1850-1919*. Connecticut: Connecticut College / Archon Books.
- Hall, G. S. (1906). The Unity of Mental Science. In H. J. Rogers (Ed.), *International Congress of Arts and Science*. Vol. X, Anthropology and Mental Science (pp. 577-589). London/New York: University Alliance.
- Harvie, C.: Matthew, H. C. G. (2000). *Nineteenth-Century Britain: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford Press.
- Henle, M. (1971). Did Titchener commit the stimulus error? The problem of meaning in structural psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 7(3), 279 -282.
- Henle, M. (1974). E. B. Titchener and the case of the missing element. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 10(2), 227-237.
- Heyck, T. W. (1980). From Men of Letters to Intellectuals: The Transformation of Intellectual Life in Nineteenth-Century England. *Journal of British Studies*, 20(1), 158-183.

- Hibben, J. G. (1894). Professor Tyndall as a Materialist. *The North American Review*, 158(446), 122-125
- Hindeland, M. J. (1971). Edward Bradford Titchener: A pioneer in perception. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 7(1), 23-28.
- Hodgson, S. H. (1898). *The Metaphysic of Experience*. Vol. 1. London: Longmans, Green, and Co.
- Huxley, T. H. (1870). On Descartes' "Discourse touching the method of using one's reason rightly and of seeking scientific truth". In *Lay Sermons, Addresses, and Reviews* (pp. 351-378). London: Macmillan and Co.
- Huxley, T. H. (1897). On Science and art in Relation to Education. In *Science and Education: Essays* (pp. 160-188). London: Macmillan and Co. (Original work published in 1882)
- Huxley, T. H. (1897). Science and Culture. In *Science and Education: Essays* (pp. 134-159). London: Macmillan and Co. (Original work published in 1880)
- Huxley, T. H. (1897). Scientific Education: Notes of an After-Dinner Speech. In *Science and Education: Essays* (pp. 111-133). London: Macmillan and Co. (Original work published in 1869)
- Huxley, T. H. (1901). On the Physical Basis of Life. In *Collected Essays: Method and Results* (Vol. 1, pp. 130-165). London: Macmillan and Co. (Original work published in 1868)
- Huxley, T. H. (1901). The Progress of Science. In *Collected Essays: Method and Results* (Vol. 1, pp. 42-129). London: Macmillan and Co. (Original work published in 1887)

- Jenkinson, A. J. (1909). The Nineteenth Century: The Schools, University Honours and Professions of Brasenose Men. In *Brasenose College Quatercentenary Monographs, XIXth Century (Vol. II, Part II)* (p. 61). Oxford: Clarendon Press.
- Krauss, C. R. (2017). Back to the Origins of the Repudiation of Wundt: Oswald Külpe and Richard Avenarius. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 53(1), 28-47.
- Kremer, R. L. (1992). From Psychophysics to Phenomenalism: Mach and Hering on Color Vision. In M. J. Nye et al. (eds.), *The Invention of Physical Science* (pp. 147-173). Dordrecht: Springer Science+Business Media.
- Kuntz, P. G. (1972). Rudolf Hermann Lotze: Philosopher and Critic. In G. Santayana, *Lotze's System of Philosophy. Edited with an introduction and Lotze bibliography by Paul Grimley Kuntz* (pp. 03-94). Blomington / London: Indiana University Press.
- Larson, C. A., & Sullivan, J. J. (1965). Watson's relation to Titchener. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 1(4), 338-354.
- Lauro, M. M. & Araujo, S. F. (2015). A recepção da psicologia de Johann Nicolas Tetens (1736-1807) na historiografia da psicologia e da filosofia. In S. F. Araujo & F. Caropreso (eds.), *Temas Atuais em História e Filosofia da Psicologia* (pp. 71-102). Juiz de Fora: UFJF.
- Leahey, T. H. (1981). The mistaken mirror: On Wundt's and Titchener's psychologies. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 17, 273-282.
- Lightman, B. V. (2007). *Victorian popularizers of science: designing nature for new audiences*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

- Lotze, H. (1887). *Metaphysic*. (Part II., vol. II., B. Bosanquet, trad.). Oxford: Clarendon Press.
- Lowie, R. H. (1917). Edward B. Tylor. *American Anthropologist*, 19(2), 262–268.
- Mach, E. (1895a). The Economical Nature of Physical Inquiry. In E. Mach, *Popular Scientific Lectures* (pp. 186-213). Chicago: The Open Court Publishing Co.
- Mach, E. (1895b). On the Principle of Comparison in Physics. In E. Mach, *Popular Scientific Lectures* (pp. 236-258). Chicago: The Open Court Publishing Co.
- Mach, E. (1897). *Contributions to the Analysis of the Sensations* (Transl. C. M. Willians). Chicago: The Open Court Publishing Co.
- Mandelbaum, M. (1974). *History, Man, & Reason: A study in nineteenth-century*. Baltimore: John Hopkins Press.
- Mander, W. J. (2011). *British Idealism: A history*. Oxford: Oxford University Press.
- Mander, W. J. (2014a). Introduction. In W. J. Mander (ed.), *The Oxford Handbook of British Philosophy in the Nineteenth Century* (pp. 01-21). Oxford: Oxford University Press.
- Mander, W. J. (2014b). The Philosophy of Shadworth Hodgson. In W. J. Mander (ed.), *The Oxford Handbook of British Philosophy in the Nineteenth Century* (pp. 173-188). Oxford: Oxford University Press.
- Mander, W. J. (2016). *Idealist Ethics*. Oxford: Oxford University Press.
- Marcellos, C. F., & Araujo, S. F. (2015). Sobre a definição de psicologia em Wilhelm Wundt e Edward Titchener: Estabelecendo diferenças. In S. F. Araujo e F. Caropreso (Ed.),

Temas Atuais em História e Filosofia da Psicologia (pp. 103-127). Juiz de Fora: Editora UFJF.

McMillan, N. D. (2000). *Tyndall (1820?-1893) as Philosopher*.

<http://www.rjtechne.org/tyndall/philosop.htm>

Mehta, V. R. (1975). The origins of English Idealism in Relation to Oxford. *Journal of the History of Philosophy*, 13(2), 177-187.

Merz, J. T. (1896). *A History of European Thought in the Nineteenth Century*. Vol. I.

Edinburgh/London: William Blackwood & Sons.

Merz, J. T. (1912). *A History of European Thought in the Nineteenth Century*. Vol. III.

Edinburgh/London: William Blackwood & Sons.

Metz, R. (1938). *A Hundred Years of British Philosophy*. London: George Allen & Unwin Ltd.

Milward, L. S., & Bullock, E. C. (1905). *The Malvern Register: 1865-1904*. Malvern:

Malvern Advertiser.

Miscellaneous. (1882). *Mind*, 7(25), 157-160. Retrieved from <http://www-jstor-org.ez25.periodicos.capes.gov.br/stable/2246817>

Mora, J. F. (1964). *Diccionario de Filosofía*. Tomo I y II (5ª Ed.). Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

Mülberger, A. (2012). A psicologia, uma ciência em crise? Visões divergentes entre 1897 e 1911. In F. Portugal & A. M. Jacó-Vilela (orgs.), *Clio-Psyché – Gênero, Psicologia e História* (pp. 235-250). Rio de Janeiro: Nau.

Mure, G. R. G. (1937). Oxford and Philosophy. *Philosophy*, 12(47), 291-301.

New York Tribune (1897). *Reviews*. Sept. 22, 1897. New York.

Oxford University Gazette. (1889-1890). Vol. XX, 1889-1890. Acesso em 05 de Dezembro de 2016, em <http://web.prm.ox.ac.uk/sma/index.php/primary-documents/primary-documents-index/349-oxford-university-gazettes-1883-1889.html>.

Oxford University Gazette. (1892). *Courses*. Vol. XXII. Oxford: Oxford University.

Oxford University. (1885). *The student's handbook to the University and Colleges of Oxford* (8th ed.). Oxford: Clarendon Press.

Oxford University. (1888a). *Alumni Oxonienses: The members of the University of Oxford, 1715-1886*. Oxford: James Parker & Co.

Oxford University. (1888b). *The Examination statutes together with the present regulations of the boards of studies and boards of faculties relating thereto and the subjects proposed for University Prizes for the year 1889*. Oxford: Clarendon Press.

Oxford University. (1888c). *The student's handbook to the University and Colleges of Oxford* (9th ed.). Oxford: Clarendon Press.

Oxford University. (1900). *The historical register of the University of Oxford*. Oxford: Clarendon Press.

Papineau, D. (1993). *Philosophical Naturalism*. Oxford: Blackwell.

Pattison, M. (1876). Philosophy at Oxford. *Mind*, 1(1), 82-97.

- Pearson, K. (1900). *The Grammar of Science* (2nd ed. revised and enlarged). London: Adam & Charles Black.
- Pereira, T. C. R. (2017). *A Unidade da Psicologia no Pensamento de Christian Wolff*. Tese de doutorado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Juiz de Fora. UFJF.
- Pickren, W. & Rutherford, A. (2010). *A History of Modern Psychology in Context*. New Jersey: Wiley.
- Pillsbury, W. B. (1928). The Psychology of Edward Bradford Titchener. *The Philosophical Review*, 37(2), 95-108.
- Poulton, E. B. (1890). *The Colours of Animals*. New York: D. Appleton and Company.
- Proctor, R. W. & Evans, R. (2014). E. B. Titchener, Women Psychologists, and the Experimentalists. *The American Journal of Psychology*, 127(4), 501-526.
- Rahn, C. (1913). *The Relation of Sensation to other Categories in Contemporary Psychology: A Study in the Psychology of Thinking*. Chicago: University of Chicago.
- Richards, G. (2004). Titchener, Edward Bradford (1867–1927). In *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: Oxford University Press. In <http://www.oxforddnb.com/view/article/45965>, accessed 29 Oct 2014
- Rieber, R. W. (Ed.) (1980). *Wilhelm Wundt and the Making of a Scientific Psychology*. New York: Plenum.
- Ritchie, D. G. (1891). The teaching of Political Science at Oxford. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 2, 85-95.

- Ritchie, D. G. (1893). *Darwin and Hegel with other Philosophical Studies*. London: Swan Sonnenschein & Co.
- Rogers, H. J. (Ed.) (1906). *International Congress of Arts and Science*. Vol. X, Anthropology and Mental Science. London; New York: University Alliance.
- Romano, T. M. (2002). *Making Medicine Scientific: John Burdon Sanderson and the Culture of Victorian Science*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Rowe, F. B. & Murray, F. S. (1979). A Note on the Titchener Influence on the First Psychology Laboratory in the South. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 15, 282-284.
- Russell, B. (1910). Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description. *Proceedings of the Aristotelian Society*, 11, 108-128.
- Ryan, T. A. (1982). Psychology at Cornell after Titchener: Madison Bentley to Robert MacLeod, 1928–1948. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 18, 347–369.
- Schwitzgebel, E. (2004). Introspective training apprehensively defended: Reflections on Titchener's Lab Manual. *Journal of Consciousness Studies*, 11(7-8), 58-76.
- Shook, J. R. (2005). William Caldwell. In J. R. Shook (ed.), *The Dictionary of Modern American Philosophers* (pp. 411-413). Bristol: Thoemmes Continuum.
- Spencer, H. (1864). *The Classification of the Sciences: Which are Added Reasons for Dissenting from the Philosophy of M. Comte*. New York: D. Appleton and Co.
- Spencer, H. (1867). *First Principles* (2nd ed.). London: Williams and Norgate.

- Spencer, H. (1904). *An Autobiography*. New York: D. Appleton and Company.
- Stubenberg, L. (2016). Neutral Monism. In E. N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition), Accessed in
<https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/neutral-monism/>.
- Sturm, T. & Mulberger, A. (2012). Crisis Discussions in Psychology: New Historical and Philosophical Perspectives. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 43(2), 425-33.
- Sullivan, D. (2014). *Hermann Lotze*. In Stanford Encyclopedia of Philosophy. Accessed in
<http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/hermann-lotze/>
- Taylor, F. S. (1952). The teaching of science at Oxford in the nineteenth century. *Annals of Science*, 8(1), 82-112.
- Taylor, M. W. (2007). *The Philosophy of Herbert Spencer*. London: Continuum.
- Turner, F. M. (1974). *Between Science and Religion: The Reaction to Scientific Naturalism in Late Victorian England*. New Haven and London: Yale University Press.
- Turner, F. M. (1993). *Contesting Cultural Authority: Essays in Victorian Intellectual Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Turner, R. S. (1993). Vision Studies in Germany: Helmholtz versus Hering. *Osiris*, 8, 80-103.
- Tweney, R. D. (1987). Programmatic Research in Experimental Psychology: E. B. Titchener's Laboratory Investigations, 1891-1927. In M. G. Ash & W. R. Woodward (eds.), *Psychology in Twentieth-Century Thought and Society* (pp. 35-57). Cambridge University Press.

- University of Leipzig. (1890-1892). *Collegien-Buch für den Stud. philos. Herrn Edward B. Titchener aus Chichester auf der Universität Leipzig* (Collection Rand B. Evans). Berlin: Max-Planck-Institute for the History of Science. Acesso em 04 de Outubro de 2010, em <http://vlp.mpiwg-berlin.mpg.de/references?id=lit38380>.
- Wall, B. E. (2007). John Venn, James Ward, and the Chair of Mental Philosophy and Logic at the University of Cambridge. *Journal of the History of Ideas*, 68(1), 131-155.
- Wallace, W. (1874). *The Logic of Hegel Translated from The Encyclopaedia fo the Philosophical Sciences with Prolegomena*. Oxford: Clarendon Press.
- Wallace, W. (1894). *Hegel's Philosophy of Mind: Translated from the Encyclopaedia of the Philosophical Sciences. With five Introductory Essays*. Oxford: Clarendon Press.
- Walsh, W. H. (2000). The Zenith of Greats. In M. G. Brock & M. C. Curthoys, *The History of the University of Oxford. Vol VII: Nineteenth century Oxford, Part 2* (pp. 311-326). Oxford: Oxford University Press.
- Ward, J. (1882). A General Analysis of Mind. *The Journal of Speculative Philosophy*, XVI, 366-385.
- Ward, J. (1883a). Psychological Principles. *Mind*, 8(30), 153-169.
- Ward, J. (1883b). Psychological Principles II. *Mind*, 8(32), 465-486.
- Ward, J. (1886). Psychology. In *Encyclopaedia Britannica* (9th ed., vol. XX, pp. 37-85). New York: Charles Scribner's Sons.
- Ward, J. (1887). Psychological Principles III. *Mind*, 12(45), 45-67.

- Ward, J. (1906). *Naturalism and Agnosticism: The Gifford Lectures Delivered Before the University of Aberdeen in the Years 1896-1898*. Vol. 1, 3rd ed. London: Adam and Charles Black.
- Warren, H. C. (1896). Review of *An Outline of Psychology*. *Psychological Review*, 3(6), 662-666.
- Watson, R. I., & Evans, R. B. (1991). Titchener and Structuralism: The Beginning of Experimental Psychology in America. In R. I. Watson & R. B. Evans (Orgs.) *The Great Psychologists: A History of Psychological Thought* (5th edition, pp. 391-411). Local: Prentice Hall.
- Weld, H. P. (1929). Preface. In E. B. Titchener, *Systematic Psychology: Prolegomena* (pp. v-viii). New York: The Macmillan Co.
- Wertheimer, (1989). History of Psychology: What's new about what's old. In I. S. Cohen (ed.), *The G. Stanley Hall Lecture Series* (vol. 9, pp. 159-188). Washington: American Psychological Association.
- Wellek, R. (1931). *Immanuel Kant in England: 1793-1838*. Princeton: Princeton University Press.
- Willis, K. (1988). The Introduction and Critical Reception of Hegelian Thought in Britain 1830-1900. *Victorian Studies*, 1, 85-111.
- Woodward, W. (2015). *Hermann Lotze: An Intellectual Biography*. New York: Cambridge University Press.